



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

NATÁLIA CRISTINA GROSSO

**LIVRO I DAS *PÔNTICAS* DE OVÍDIO: COMENTÁRIO E
TRADUÇÃO**

CAMPINAS,

2015

NATÁLIA CRISTINA GROSSO

**LIVRO I DAS *PÔNTICAS* DE OVÍDIO: COMENTÁRIO E
TRADUÇÃO**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em
Linguística.**

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Prata

**Este exemplar corresponde à versão
final da Dissertação defendida pela
aluna Natália Cristina Grosso e orientada
pela Profa. Dra. Patricia Prata**

CAMPINAS,

2015

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

G914L Grosso, Natália Cristina, 1985-
Livro I das Pônticas de Ovídio : comentário e tradução / Natália Cristina Grosso. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Patricia Prata.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Ovídio. Cartas pônticas. Livro 1 - Traduções comentadas para o português. 2. Tradução e interpretação. 3. Elegias. 4. Poesia elegíaca latina. 5. Poesia epistolar latina. I. Prata, Patricia, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Book I of Ovid's Epistulae ex Ponto : comment and translation

Palavras-chave em inglês:

Ovid. Epistulae ex Ponto. Book 1 - Translating into Portuguese

Translating and interpreting

Elegies

Elegiac poetry, Latin

Epistolary poetry, Latin

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Patricia Prata [Orientador]

Robson Tadeu Cesila

Lucy Ana de Bem

Data de defesa: 14-12-2015

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Patricia Prata

Robson Tadeu Cesila

Lucy Ana de Bem

Paulo Sérgio de Vasconcellos

Matheus Trevizam

IEL/ UNICAMP

2015

Ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

AGRADECIMENTOS

É difícil lembrar todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante a pesquisa e contribuíram para a sua realização, então, primeiramente agradeço a todos aqueles que deram alguma colaboração, mesmo que fosse uma “simples” palavra de conforto.

Sou infinitamente grata à professora Patricia Prata por ter me orientado e trabalhado como “psicóloga” antes e durante a escrita desta dissertação. De fato, sem ela, nada teria sido feito.

Minha mãe Angela e meu irmão Gustavo também foram meus “psicólogos”, sempre me incentivaram e acreditaram em meu trabalho mesmo quando eu achava que nem passaria no processo seletivo da pós. Foram vários puxões de orelha que me obrigaram a seguir em frente. Também devo agradecer a meu pai que, apesar de nunca ter entendido bem o que eu estudava, deu apoio financeiro principalmente durante minha graduação.

Não posso deixar de mencionar os professores de latim do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, o professor Paulo Sérgio de Vasconcellos, a professora Isabella Tardin Cardoso e o professor Marcos Aurelio Pereira, pelas aulas maravilhosas e dicas importantíssimas em apresentações de trabalho. Devo ressaltar, nesse caso, novamente a participação da minha orientadora que, também como professora dessa instituição, foi quem me inseriu na área e fez com que eu me apaixonasse pela língua latina.

A meu lindo namorado, João Paulo, essa estrela maravilhosa que surgiu em minha vida, agradeço por todos os momentos em que tivemos que nos separar para que eu pudesse trabalhar concentrada.

Sou grata também ao Prof. Dr. Robson Tadeu Cesila e à Profa. Dra. Lucy Ana de Bem, que prontamente aceitaram participar de meu exame de qualificação, e também me deram a honra de estarem presentes na defesa desta dissertação.

Também agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida sem a qual não teríamos condições de aprofundar a pesquisa.

Obrigada também a Deus e à Nossa Senhora Aparecida que sempre transformaram meus obstáculos em pequeninas pedras, facilitando a subida de cada degrau da vida.

RESUMO

Esta dissertação consiste no comentário e na tradução do livro I das *Pônticas* de Ovídio. O comentário proposto baseia-se em uma comparação entre esta obra e os *Tristes*, ambas produções da época do exílio do poeta Ovídio. Enfatizaremos a questão do gênero, que nos parece ser um dos pontos principais de aproximação entre elas, bem como os assuntos que abordam, já que o próprio Ovídio chama a atenção para as semelhanças temáticas entre essas obras. A tradução, acompanhada de notas explicativas (relativas a referências mitológicas, geográficas e históricas, bem como a escolhas tradutórias ou dificuldades do texto latino), foi realizada a partir da edição do poema na série *Les Belles Lettres*, e tem como propósito divulgar parte dessa obra, já que não há, ao que saibamos, tradução completa em verso deste livro para a língua portuguesa aqui no Brasil, apenas uma tradução em prosa, que data de 2009.

Palavras-chave: Ovídio, *Pônticas* I; Gênero - epístola e elegia; Literatura latina; Tradução

ABSTRACT

This dissertation consists of the comment and translation of Book I of Ovid's *Epistulae ex Ponto*. The proposed comment is based on a comparison between this work and *Tristia*, both productions of the poet Ovid's exile period. We emphasize the genre issue, which seems to be one of the main points of approach between them, as well as another issues to be discussed, since Ovid himself calls attention to the thematic similarities between these works. Translation, accompanied by explanatory notes (related to mythological, geographical and historical references, as well as translational choices or difficulties with the original Latin text), was based in the poem published by Les Belles Lettres series, and aims to disseminate part of work, since there isn't, as far as we know, complete verse translation of this book into Portuguese in Brazil, only a translation in prose, dated 2009.

Key words: Ovid, *Epistulae ex Ponto I*; Genre – epistle and elegy; Latin literature, Translation

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Estrutura do trabalho	19
Sobre a tradução	20
I. O GÊNERO ELEGÍACO E EPISTOLAR NAS <i>PÔNTICAS</i>	23
1.1 O gênero elegíaco romano e a poesia de exílio ovidiana	23
1.2 O gênero epistolar e as <i>Pônticas</i>	32
II. ANÁLISE DAS <i>PÔNTICAS I</i>: UMA COMPARAÇÃO COM OS <i>TRISTES</i> ..	51
2.1 A questão dos destinatários	52
2.1.1 O livro como destinatário e remetente	59
2.1.2 Classificação como epístola	62
2.2 Distância da terra natal	64
2.2.1 Uso de <i>exul</i> / <i>exilium</i>	66
2.2.2 Dificuldade de sobreviver no local de exílio	74
2.2.3 Exílio como morte	76
2.3 Semelhança entre relatos	79
III. TRADUÇÃO DAS <i>PÔNTICAS I</i>	84
CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se consiste na tradução do Livro I das *Pônticas* e por um estudo que busca uma comparação entre essa obra e os *Tristes*, ambas produções do poeta Ovídio. Enfatizaremos a questão do gênero, que parece ser um dos pontos principais de aproximação entre elas, e, num primeiro momento, de “divergência”. Dizemos num primeiro momento, porque o leitor, ao ler o título das obras, pode pensar que as *Pônticas* pertencem ao gênero epistolar, por se chamarem *Epistulae ex Ponto*.

Mas essa divergência é aparente, como pretendemos mostrar em nossa análise, pois os *Tristes* têm muitas marcas de epístola, embora nem sempre declaradas, e as *Pônticas* têm muitas marcas de elegia. O próprio título, como mencionado acima, convida a uma leitura no gênero epistolar para as *Pônticas*, e elegíaco para os *Tristes*. Antes de discutirmos isso, localizaremos nosso objeto de pesquisa no tempo e espaço, para o que se torna importante trazer algumas informações sobre o livro em questão.

As *Pônticas* foram escritas por Ovídio, ou Públio Ovídio Nasão, entre os anos 12 e 16 d. C. e representam a segunda coleção de poemas, logo depois dos *Tristes*, que esse poeta nascido na cidade de Sulmona em 43 a. C.¹ escreveu no período em que esteve exilado em Tomos (atual Constanza, na Romênia), na costa ocidental do Ponto Euxino.

Foi no final do ano 8 d.C. que Augusto condenou Ovídio ao degredo, obrigando-o a abandonar Roma, sua pátria, e ir para Tomos. O poeta contava com 52 anos de idade e estava na ilha de Elba quando soube da condenação. Só se conhece a sentença, pois o processo de condenação foi secreto, com a intervenção exclusiva de Augusto, sem a participação do Senado ou de algum juiz².

¹ Conte (1994), em sua obra *Latin Literature: a History*, Herrera Montero (2002), em sua introdução aos *Tristes; Cartas del Ponto*, Pérez Vega (2000), também em sua introdução às *Cartas desde el Ponto*, e Hardie (2002), editor do *The Cambridge Companion to Ovid*, são alguns autores que trazem as informações que se sabe sobre a vida do poeta sulmonense. Vale a pena comentar que tais informações são colhidas, sobretudo, nas obras do exílio do poeta, uma vez que essas trazem muitos dados acerca da vida do poeta e foram por muito tempo (e ainda pode se dizer que o são para alguns estudiosos, como para Edith Pimentel Pinto (1950)), consideradas autobiográficas. Santos (2015), como também notamos, relata que Conte (1994) utiliza a elegia IV, 10 dos *Tristes* “como fonte documental, como uma espécie de “arquivo” da vida do poeta, e Della Corte (1973) utiliza, para se referir ao conteúdo da elegia, a palavra *fatos (fatti)*, conferindo ao conteúdo dos versos uma espécie de ‘status de realidade’”.

² Ver textos citados na nota anterior.

A crítica de todos os tempos discute as causas de seu exílio, mas ainda não foi dita uma última palavra sobre esse assunto (e não sabemos se o será). Knox (2009) afirma que nunca descobriremos o que levou Augusto a desterrar Ovídio. As peripécias e os caprichos da história, como ressalta Mora (2002), fizeram com que não se conservassem testemunhos de nenhum autor antigo ou historiador até o século V. Os textos sobre o exílio de Ovídio, escritos durante a Idade Média, também não ajudam a solucionar esse mistério³, pois sua credibilidade é relativa, já que suas afirmações parecem interpretações abusivas tiradas das obras do próprio poeta, sobretudo dos *Tristes*.

O veredito considerava o poeta *relegatus* e não *exul*, que são diferentes tipos de exílio do ponto de vista jurídico romano da época. Segundo Pérez Vega (2000), a *relegatio* parece aludir a um desterro mais “leve”, pois se conservavam as propriedades e direitos civis. A esposa do poeta, Fábica, pôde desfrutar os bens do seu marido, que não foram confiscados, e Ovídio, como Paes (1997) afirma na introdução a sua tradução de poemas selecionados do poeta, não perdeu sua cidadania romana nem seu prestígio de poeta, pois o cônsul Sexto Pompeu providenciou uma escolta militar para protegê-lo daquilo que os romanos concebiam como bárbaros até o golfo da Argólida, onde embarcou em outro navio que o levaria a Tomos⁴.

Mas o autor se denomina, em vários momentos de sua obra do exílio, um *exul*, e, ao se considerar assim, Ovídio⁵, em suas elegias, estabelece um *ethos* de sofredor, uma

³ Alguns autores questionam a existência do exílio, afirmando que tudo pode ter sido um jogo literário e que Ovídio nunca saiu de Roma. Brown, em 1985, levanta esse questionamento, entendendo o exílio como um possível motivo poético, por exemplo. Após ele, vários autores retomaram a questão, citamos alguns a título de exemplo: Claassen (1986; 1999), Hofmann (1987), Little (1990), Williams (1994), Williams (2002). Mora (2002), por exemplo, em seu artigo “O mistério do exílio ovidiano”, discute minuciosamente essa hipótese, mas não concorda com ela.

⁴ Por outro lado, a sentença de Ovídio poderia ter sido muito mais severa, implicando a perda de suas propriedades e direitos civis. González Vázquez (1992) menciona, por exemplo, que o jurista Ulpiano dizia que o delito cometido pelo poeta era de “lesa majestad”, mais próximo ao sacrilégio, consistente em uma ofensa ao Imperador ou à família real, podendo ter sido castigado com a pena capital. Ovídio, contudo, apenas foi condenado a viver em um lugar distante, sendo privado de Roma e de sua família.

⁵ Quando utilizamos os nomes próprios Ovídio e Nasão para caracterizar a *persona* criada pelo autor nas elegias, não queremos fazer referência alguma ao poeta de “carne e osso”. O uso dos nomes do poeta facilita a exposição, visto as elegias serem narradas em primeira pessoa (com exceção das elegias III, 2 e V, 4, em que o protagonista é o próprio livro). Santos (2015, p. 2), na esteira de Prata, ressalta inclusive que como a *persona* possui o mesmo nome do autor da obra, Nasão, o leitor, então, se sente convidado a interpretar os versos que lê como sendo representantes da vida real do poeta. Ela observa que a inserção do material autobiográfico nos versos torna seu conteúdo verossímil e cria uma ilusão de realidade, levando o leitor a cair no jogo ovidiano e a interpretar os *Tristes* em chave biografista: ele o faz acreditar que a matéria poética dos *Tristia* é a pura representação da vida do poeta.

vez que apresenta seu desterro de forma mais severa e difícil de suportar: o *exilium* implicava a perda das propriedades e os direitos civis. Em *Tristes* II, por exemplo, conforme Prata (2009) comenta, o eu poético deseja que o leitor se identifique com seu infortúnio, pois estabelece para si um *ethos*⁶ que seja capaz de demover Augusto de sua decisão, que possa agradá-lo e, com isso, persuadi-lo a perdoar-lhe ou amenizar sua sentença. Santos (2015), na esteira desta autora, diz que isso remete mais a uma estratégia poética e retórica que o relato puro e simples dos fatos que ocorreram, em verdade, com o autor quando de seu exílio, pois, mais do que simplesmente representar os fatos da vida real em sua poesia, Ovídio lança mão de uma estratégia de elaboração poética - um eu poético que se confunde com o autor - que leva a um engenhoso efeito retórico: impulsiona a comoção no leitor, movendo, ou melhor, manipulando-lhe o *pathos*. Assim, o lamento, característica marcante das elegias, como veremos mais adiante, fica ainda mais evidente.

Apesar de abordar insistentemente sua sentença em seus poemas do exílio, Ovídio não aponta declaradamente a causa e dá esse mistério como sabido:

*Causa meae cunctis nimium quoque nota ruinae
indicio non est testificanda meo*⁷. (Tr. IV, 10, 99-100)

Nos *Tristes*, como ressalta Knox (2009) e González Vázquez (1992), o poeta define o motivo da sentença de Augusto como *duo crimina, carmen et error* (“dois crimes, um poema e um engano”).

*Perdiderint cum me duo crimina, carmen et error,
Alterius facti culpa silenda mihi*:⁸ (Tr. II, 207-208)

A identificação desse *carmen* é motivo de polêmica, pois, segundo Della Corte (1973) pode se referir tanto à *Arte de Amar*, quanto a toda a produção poética ovidiana

⁶ Prata (2009) esclarece que esse *ethos* é composto também pelo pedido de desculpas por seu erro, a produção da obra *Arte de Amar*, como discutiremos mais detidamente nesta introdução, e pelo fato de o autor trazer justamente elementos da épica para compor seu discurso, gênero apreciado por Augusto.

⁷ “O motivo de minha ruína, bem conhecido de todos, / não precisa ser atestado por mim.” Esta tradução e todas as citadas dos *Tristes* foram retiradas de P. PRATA, *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Campinas, Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2007.

⁸ “Tendo-me arruinado dois crimes, um poema e um erro, / A culpa de um deles devo calar”.

anterior ao exílio relacionada ao amor. Inclusive, em sua tradução dos *Tristes*, em certos momentos, Della Corte (1972) opta por traduzir como “arte de amar”, substantivo comum, e, em outros, ele usa *Arte de Amar*, substantivo próprio, nome de uma obra específica de Ovídio.

São várias as passagens dos *Tristes* que fazem referência a este *carmen* que seria motivo de sua sentença. Citemos, a título de exemplo, algumas:

*Si quis erit qui te, quia sis meus, esse legendum
Non putet, e gremio reiciatque suo:
“Inspice, dic, titulum: non sum **praeceptor amoris**;
Quas meruit, poenas iam dedit illud opus.”*⁹ (Tr. I, 1, 65-68)

No trecho, o poeta usa *praeceptor amoris* para referir-se a uma obra em que o fato de ensinar a amar já ficaria explícito no próprio título e ressalta que ela já sofreu muitas penas: a *Arte de Amar* foi retirada das bibliotecas públicas por ter sido considerada indecente e seu próprio título indica seu objetivo. Herrera Montero (2002) afirma em nota a *illud opus* que essa é a primeira vez nos *Tristes* que Ovídio se refere à *Arte de Amar* como motivo de seu exílio.

*Tres procul obscura latitantes parte uidebis –
Hi qui, quod nemo nescit, **amare docent**.
Hos tu uel fugias uel, si satis oris habebis,
Oedipodas facito Telegonosque uoces!
Deque tribus moneo, si qua est tibi cura parentis,
Ne quemquam, quamuis ipse docebit, ames.*¹⁰ (Tr. I, 1, 111-116)

Neste outro trecho, ressaltamos os vocábulos *tres* – que pode se referir ao número de livros que compõem à obra *Arte de Amar* ou à trilogia do amor escrita por ele – *Arte de Amar*, *Os Amores* e *Remedia Amores* -, e *amare docent* – o que a *Arte de Amar* fazia. Della Corte (1972) opta pelo significado geral ao traduzir o v. 112: *perché*,

⁹ “Se houver alguém que, porque és meu, não julgue / Que devas ser lido e te afaste de seu colo, diz: / ‘Observa atentamente o título: não sou preceptor do amor; / Aquela obra já suportou as penas que mereceu.’”

¹⁰ “Verás três escondidos ao longe num local escuro - /Estes que, como ninguém ignora, ensinam a amar. / Ou tu foges deles ou, se tiveres coragem suficiente para falar, Chama-os Édipos e Telégonos! / Destes três, aconselho-te, se tiveres alguma preocupação com teu pai, / Não amar nenhum, embora seja isto o que ensinem.”

nessuno lo ignora, insegnano l' arte di amare. Velloso (1940) também escolhe o sentido geral, afirmando em nota que os livros de Ovídio seriam parricidas, como Édipo e Telégono. Em contraposição, Herrera Montero (2002) esclarece que a *Arte de Amar* faria parte dessas obras citadas. Prata (2007), na nota 13 ao verso 114 da primeira elegia do Livro I, em sua tradução dos *Tristes*, presente em sua tese de doutorado *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*, afirma que esses três livros que ensinam a amar mencionados no trecho citado são os que compõem a *Arte de Amar* e explica a comparação feita pelo poeta: Édipo, filho de Jocasta e de Laio, matou o pai sem saber; Telégono, filho de Ulisses e de Circe, também matou o pai, que nunca tinha conhecido, em uma batalha, causada por tentar roubar o rebanho de Odisseu. Como se observa, Ovídio compara a *Arte de amar* a esses dois personagens, visto ser essa considerada aqui como a causa, não intencional, do exílio, que é para os romanos uma espécie de morte em vida, pois ele implica perda de direitos civis, públicos e institucionais.

*Carmina fecerunt, ut me moresque notaret
Iam demi iussa Caesar ab Arte meos.¹¹ (Tr. II, 7-8)*

Aqui, nota-se a utilização de *carmina* e da própria palavra *Arte*. Della Corte (1972), nesse caso, restringiu o sentido de *Arte* e traduziu o termo como o título da própria obra *Arte de Amar*:

*I miei versi fecero sì che Cesare (Augusto) censurasse me e i miei
[costumi,
a causa della mia "Arte di amare", che egli fece togliere dalla
[circolazione.*

Velloso (1940) também se utilizou do nome da obra em sua tradução em ordem direta:

*Meus versos deram motivo
a que César me notasse
e meus costumes
pela minha Arte de Amar agora finalmente compreendida.*

¹¹ “Os versos fizeram que a mim e meus costumes censurasse / César pela minha *Arte*, ora proscriita.”

Herrera Montero (2002) traduz esse termo como *Arte* e não tece nenhum comentário em nota. Observemos sua tradução:

*Son los poemas razón de que César tachara, por mi **Arte**,
que se me há mandado prohibir, a mis costumbres y a mí.*

Prata (2007) também traduz como *Arte*, mas explicita em nota que se trata da *Arte de amar*, obra que foi retirada das bibliotecas públicas por ser considerada indecente.

Vejamos agora outro trecho:

*Sed dedimus poenas Scythicique in finibus Histri
Ille pharetrati **lusor Amoris** abest.¹² (Tr. V, 1, 21-22)*

Nessa elegia do livro V, observa-se que o poeta se declara *lusor Amoris*, destacando o termo *Amoris* com letra maiúscula. Velloso (1940) considera a palavra como referência ao deus Amor e o traduz como Cupido:

*Mas soffro o castigo:
e aquella cantor
de **Cupido** de aljava
está longe, nos confins
do Danubio scythico.*

Della Corte (1972) optou por manter-se o mais próximo possível do termo latino, sem fazer referência a ele em seus comentários sobre a tradução:

*Ma ne ho pagato il fio e il lépido cantore del faretrato **Amore**
vive lontano, nei confini del Danubio di Scizia.*

Herrera Montero (2002) também preferiu utilizar uma expressão próxima do termo latino, sem acrescentar nenhuma nota de rodapé:

¹² “Mas soffro o castigo, e, longe, nos confins do Istro cítico / Está aquele jocosos cantor do Amor, de aljava.”

*Mas mi condena pague, y em los fines del Histro de Escitia
ahora está ausente el cantor de aquel aljabado Amor.*

Não é apenas nos *Tristes* que alguns trechos com referência à *Arte de Amar* aparecem, pois, nas *Pônticas*, logo na primeira elegia, isso também ocorre:

*Si uacat, hospitio peregrinos, Brute, libellos
excipe dumque aliquo, quolibet abde modo.
Publica non audent intra monimenta uenire,
ne suus hoc illis clauserit auctor iter.
A, quotiens dixi : « Certe nil turpe docetis,
ite, patet castis uersibus ille locus. »
Non tamen accedunt, sed, ut aspicias ipse, latere
sub lare priuato tutius esse putant.
Quaeris ubi hos possis nullo componere laeso?
Qua steterant Artes, pars uacat illa tibi.¹³ (Pont. I, 1, 3-12)*

O autor ressalta que os livros que está enviando naquele momento não entrariam em monumentos públicos por acreditarem que seu autor lhes fechou esse caminho e que o lugar onde Bruto havia colocado as *Artes* estava vazio.

Herrera Montero (2002) opta pela tradução do termo *Artes* no singular: *mi Arte*, e não explica sua escolha em nota alguma. Pérez Vega (2000) apresenta em sua tradução o termo no plural e explica em nota que os três livros que Bruto editará (*Pont. I – III*) podem ocupar o lugar, não apenas físico, dos três livros da *Ars Amatoria*. Albino (2009) prefere usar o termo em latim e apresenta a palavra *Ars* como escolha tradutória, sem apresentar nota ou comentário.

Como vimos, o *carmen* pode fazer referência a sua produção amorosa anterior, mas, em muitos momentos, faz referência direta, segundo os comentadores citados, à *Arte de Amar*. Knox (2009), Della Corte (1973) e Herrera Montero (2002), porém,

¹³ “Se estás livre, Bruto, acolhe com hospitalidade estes livrinhos forasteiros / e esconde-os em algum lugar, qualquer que seja. / Não ousam entrar em monumentos públicos, / talvez por acreditarem que seu próprio autor lhes tenha fechado este caminho. / Ah, quantas vezes disse: « Certamente não ensinai nada vergonhoso, / ide, aquele lugar está aberto a castos versos. » / Entretanto não vão, mas, como tu vês, / julgam ser mais seguro se esconderem sob um lar privado. / Perguntas onde podes colocá-los sem prejudicar ninguém? / Aquela parte onde estavam minhas Artes, tu a tens vazia.”

afirmam que é muito provável que a *Arte de Amar* tenha sido um mero pretexto para esconder a “verdadeira causa” – o *error* - da condenação de Ovídio, devido ao enorme espaço de tempo entre a publicação dessa obra (20 a. C.) e a sentença de Augusto (8 d. C.). Montero acrescenta também que a *Ars* não era mais indecente que muitas publicações de Propércio, Tibulo ou Horácio que circulavam livremente naquela época.

Della Corte (1973) e González Vázquez (1992) enumeram algumas possíveis causas – tentando questionar e definir qual seria o *error* - que tenham levado Ovídio a sofrer essa sentença como, por exemplo:

- o poeta havia contemplado a imperatriz Lívia enquanto esta se banhava;
- frequentou determinados círculos de oposição ao imperador, como o de Fábio Máximo;
- ridicularizou Augusto em epigramas de circulação clandestina ao presenciá-lo em um terrível ataque de cólera;
- descobriu o incesto de Augusto com sua filha Júlia;
- foi testemunha do adultério de Júlia, filha do imperador;
- testemunhou o adultério de Júlia Minor, neta do imperador;
- conspirou com Fábio Máximo para devolver o direito de sucessão imperial a Agripa Póstumo, neto de Augusto, entre outras.

A sucinta apresentação das possíveis causas do exílio do poeta sulmonense serve para ilustrar os tipos de estudo que são normalmente realizados para discutir a literatura ovidiana dessa fase. Conforme Prata (2002) explicita em sua dissertação de mestrado intitulada *O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio*, muitos pesquisadores procuram nos *Tristes* e nas *Pônticas* explicações para seu desterro, bem como indícios biográficos de todos os tipos, pois ambas as obras estão recheadas de informações sobre a vida do poeta antes e durante o desterro, como detalhes sobre sua família, seus casamentos, suas viagens ou estudos. Como nos diz a autora, o fato de terem sido escritas em primeira pessoa também favorece esse interesse biográfico, visto que Ovídio, ao se colocar como narrador-personagem de suas elegias, possibilita especulações acerca do caráter autobiográfico dessas produções.

Contudo, essa não é a única forma de se analisar esses livros do exílio, como ressalta Prata (2002, p. 38) pois, “antes de serem um tipo de autobiografia, são poesia e, como tal, merecem um tratamento que leve em consideração sua estrutura poética”. Não

é nossa intenção discutir a relação que possa haver entre a personagem das elegias e o próprio autor, já que não temos por objetivo traçar uma análise autobiográfica, tampouco debater essa questão tão delicada, que implica conhecimento irrestrito da vida de Ovídio, impossibilitado pela grande distância de tempo que nos separa dele.

Dessa forma, o estudo do exílio como material poético, ou seja, pensado na maneira pela qual Ovídio constrói sua obra, torna possível vislumbrar um outro olhar para tais poemas que não o puramente autobiográfico, o que nos possibilita obter interpretações mais enriquecedoras para os textos do que aquelas apresentadas por uma leitura plana e superficial dos versos.

Assim, concordamos com o pensamento de Prata (2009) que afirma que, embora a obra esteja repleta de informações que remetam à vida do autor de carne e osso - já que o protagonista se confunde com o próprio Ovídio pelo fato de que os *Tristes*, e nós acrescentamos as *Pônticas*, quase todo foi escrito em primeira pessoa - seria material poético. Então, segundo Prata (2009, p. 39):

Não devemos, todavia, pensar esse protagonista como a representação do autor de “carne-e-osso”, Contudo, na leitura que nos propomos, o protagonista Ovídio é um personagem, cujas características foram estabelecidas dentro de um sistema literário e, por isso, ele é significado e entendido a partir deste sistema: a literatura latina se fundamenta no processo alusivo, designado *imitatio* pelos romanos, que consiste na retomada de modelos que fazem parte de uma mesma tradição literária, na reelaboração de formas e temas já consagrados¹⁴.

Santos (2015), então, assim como Prata (2009), acredita que, quando o leitor não considera o caráter poético da obra, pode vir a confundir os acontecimentos versados pelo poeta com aqueles que são fatos da sua vida. Tal fato ressalta a necessidade de um trabalho mais apurado sobre o texto das *Pônticas*, à luz do que já vem sendo feito com os *Tristes* por Prata (2002; 2007).

Nossa dissertação, então, pretende trazer à tona a poesia do exílio, que foi esquecida por muito tempo e que está passando por uma reavaliação nos dias atuais. Ao contrário dos estudos autobiográficos, alguns datados do início/ meio do século passado, muitos estão preocupados em observar a construção poética dessas obras, olhando-as de

¹⁴ Na análise, veremos, por exemplo, que principalmente os *Tristes*, mas também as *Pônticas*, estabelecem um diálogo com a *Eneida*.

um ponto de vista literário e não mais autobiográfico apenas. Nossa intenção é lidar com a realidade linguística e literária que as *Pônticas* nos oferecem, desprendida de uma análise puramente biografista, repleta de uma ideologia subjetivista. Como Bem (2007, p.17) demonstra em seu estudo sobre a obra *Os amores* de Ovídio (e parece-nos que suas ideias se encaixam perfeitamente na obra estudada nesta dissertação), quando esse poeta sulmonense fala de certas situações cotidianas ou familiares, fá-lo apenas no e ao âmbito literário, sujeitando nada além de personagens ao *pathos* que ele cria. Ao dizer “eu” ou “nós”, ele o diz do lugar de uma dessas personagens, que se relaciona com outras por ele também construídas, dentro de um quadro de vida social também por ele meticulosamente elaborado, como se tudo fosse uma grande peça teatral. Benites (2011), em sua resenha à tradução das *Pônticas* feita por Geraldo José Albino, ressalta que a poesia de Ovídio é cheia de recursos expressivos, geradores de farta polissemia e conotação.

Estrutura do trabalho

Passamos agora a apresentar a organização de nosso trabalho. A presente dissertação de mestrado é composta por três capítulos, seguidos pelas considerações finais.

No primeiro deles, discorreremos sobre a questão do gênero, tratando principalmente do elegíaco, suas origens na Grécia e, sobretudo, seu desenvolvimento em Roma e, em específico, nas obras do exílio ovidiano, uma vez que as *Pônticas*, assim como os *Tristes*, parecem versar sobre um assunto que não é o comumente versado pelos elegíacos romanos, qual seja, o amor. Também discutiremos o gênero epistolar e sobre como eles eram vistos na Antiguidade, baseando-nos tanto em autores modernos como antigos.

No segundo capítulo, fazemos uma análise do Livro I das *Pônticas*, discutindo suas mesclas genéricas e traçando uma comparação mais direta com os *Tristes*, já que

ambos são poemas elegíacos muito parecidos, como veremos que o próprio poeta afirma no início do Livro I das *Pônticas*, com escolhas vocabulares e de assuntos semelhantes.

No terceiro, apresentamos a tradução anotada do Livro I das *Pônticas*, sobre a qual falamos abaixo e, por fim, nossas conclusões, em que fechamos nossas considerações sobre as semelhanças genéricas e temáticas das *Pônticas* em relação aos *Tristes*.

Sobre a tradução

Nossa tradução das *Pônticas* I de Ovídio pretende divulgar este livro, já que não há, ao que sabemos, nenhuma tradução completa em forma de verso dessa obra para a língua portuguesa publicada aqui no Brasil. Apenas conhecemos a tradução da quinta elegia do Livro I e das sétima e oitava do Livro III feita por José Paulo Paes (1997), em seu livro *Poemas da carne e do exílio*, e a tradução da primeira elegia do Livro III realizada por Maria da Glória Novak (2003), presente no livro *Poesia Lírica Latina*. Recentemente, Geraldo José Albino (2009) publicou uma tradução completa das *Pônticas*, mas ela é em prosa.

O trabalho tradutório foi realizado a partir do texto latino presente na edição de Jacques André (*Les Belles Lettres*, 1993). Não adotamos nenhum metro específico, mas procuramos realizar uma tradução verso a verso, fazendo coincidir o número de versos latinos com os portugueses e conservando o espaçamento tradicional dos dísticos – o segundo verso sempre se inicia com um recuo um pouco maior que o do anterior –, como é possível ver abaixo, no confronto com o original latino:

*Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae
hoc tibi de Getico litore mittit opus.
Si uacat, hospitio peregrinos, Brute, libellos
excipe dumque aliquo, quolibet abde modo.*

Nasão, que já não é um novo habitante da terra tomitana,

a ti envia esta obra do gético litoral.
 Se estás livre, Bruto, acolhe com hospitalidade estes livrinhos
 [forasteiros
 e esconde-os em algum lugar, qualquer que seja.¹⁵

Apesar de acompanharmos de perto o texto latino, não mantivemos sistematicamente a ordem das palavras do original, o que poderia prejudicar a fluência em português:

*Publica non audent intra monimenta uenire,
 ne suus hoc illis clauserit auctor iter.*

Não ousam entrar em monumentos públicos,
 talvez por acreditarem que seu próprio autor lhes tenha fechado este
 [caminho.¹⁶

Observa-se, neste exemplo, que a palavra *monimenta* foi separada de seu adjetivo *publica*, ordem que mudamos em nossa tradução para não atrapalhar a fluência da língua portuguesa. Também se pode ver, no segundo verso citado, a separação de *illis* e *auctor*, com o verbo *clauserit* no meio desses termos, disposição também modificada pelo mesmo motivo.

Esse tipo de separação é muito comum nas *Pônticas*, como vemos nesse outro caso:

Hostis adest dextra laeuaque a parte timendus

O temido inimigo se aproxima de toda parte, pela direita e esquerda¹⁷

¹⁵ Cf. *Pont.* I, 1, 1-4.

¹⁶ Cf. *Pont.* I, 1, 5-6.

¹⁷ Cf. *Pont.* I, 3, 57.

O substantivo *hostis* foi separado de *timendus*, dando a possível ideia, ao deixar um termo no começo e outro no fim do verso, de que o inimigo cercava todos os cantos, vindo de todos os lados, imagem que a própria frase constroi através da disposição do verso. Não mantivemos em nossa tradução essa separação, “perdendo” essa imagem poética.

Desse modo, tentamos fazer uma tradução mais próxima do original latino, comumente denominada tradução de serviço, já que ela nos permite uma leitura mais acurada do próprio texto que nos propomos analisar.

Não houve, então, preocupação com a recriação da dimensão poética da obra em português, tarefa que nos pareceu audaciosa demais.

Por fim, houve uma preocupação em apor notas à tradução, com o intuito de explicar possíveis referências mitológicas, geográficas e históricas presentes nas elegias, para isso, utilizou-se, basicamente, o dicionário mitológico de Grimal (1997). Também foram apostas algumas notas para explicitar e discutir algumas escolhas tradutórias nossas.

I. O GÊNERO ELEGÍACO E EPISTOLAR NAS *PÔNTICAS*

Conte (1994) ressalta que o leitor que se depara com as obras de Ovídio, depois de ver Propércio e Tibulo, se impressiona com a vastidão de sua produção e com a variedade de gêneros utilizados, ressaltando que o poeta sulmonense não exclui, ao “escolher” um tipo de texto, outras experiências poéticas. Hardie (2002) também ressalta que os trabalhos de Ovídio confundem e “subvertem” as categorias convencionais dos gêneros literários. Michael von Albrecht, em seu verbete *Ovidio na Enciclopedia Virgiliana* (vol. III, 1987), diz que Ovídio é um mestre da transposição de gêneros, que o faz de forma sutil e elegante, sem quebrar os limites dos mesmos.

Em toda a obra do poeta, o confronto entre gêneros é comum, e isso não poderia ser diferente em relação às obras do exílio. Percebemos também nelas a presença de características de gêneros diversos. Em relação às *Pônticas*, temos dificuldade em classificá-las como pertencentes a um único gênero: são elegias, porque estão escritas no metro elegíaco, contudo, também apresentam características de epístolas, como nos indica o título da obra - *Epistulae Ex Ponto*. Tal fato chega a ser comentado por Benites (2011), que explica que as *Pônticas* mesclam a poesia, com seus recursos expressivos imanes, sua versificação e métrica e, por outro lado, o discurso epistolar, os quais, na literatura contemporânea, costumam se apresentar como tipos textuais bastante diferentes. No entanto, esse autor destaca que provavelmente, no momento de sua recepção, a obra era, ao mesmo tempo, carta e poesia. Por isso, antes de mais nada, discutiremos no item abaixo o gênero elegíaco, e, em seguida, o epistolar.

1.1 O gênero elegíaco romano e a poesia de exílio ovidiana

A elegia, segundo Silva (2009), é comumente considerada nos dias de hoje um gênero de poesia que se relaciona tanto à temática amorosa quanto à lamentosa. Gaillard e Martin (1990, p. 357), em *Les genres littéraires à Rome*, ressaltam que no

Dictionnaire de Robert a elegia é definida como um poema lírico que exprime uma lamúria dolorosa, sentimentos melancólicos, e, por extensão, denominaria toda obra poética cujo tema é o lamento. Ainda de acordo com esses autores, há um ponto de vista análogo a este observado no dicionário de Robert no *Grand Larousse Encyclopédique*, que a define como um pequeno poema lírico sobre um sujeito geralmente sensível e triste. Já o dicionário *Houaiss* da língua portuguesa traz as seguintes acepções para o termo: 1. um poema grego ou latino composto de hexâmetros e pentâmetros alternados; 2. um poema consagrado ao luto ou à tristeza; e 3. referência a um sentimento queixoso, de dó ou tristeza.

Tanto Luck (2008) como Gaillard e Martin (1990) afirmam que a elegia surgiu na Grécia no século VII a.C, e, de acordo com os últimos pesquisadores mencionados, ela se constituiu na Grécia e em Roma, assim como a sátira e a epopeia, com uma estrutura métrica facilmente identificável - o dístico elegíaco, que é formado por um hexâmetro datílico, cujo quinto pé é um dátilo, e um pentâmetro¹⁸.

$$\begin{array}{cccccccc} - & \underline{\underline{v}} & / & - & \underline{\underline{v}} & / & - & \underline{\underline{v}} & / & - & \underline{\underline{v}} & / & - & \underline{\underline{v}} & / & - & \underline{\underline{v}} \\ - & \underline{\underline{v}} & - & \underline{\underline{v}} & - & \underline{\underline{v}} & - & \underline{\underline{v}} & - & \underline{\underline{v}} & - & \underline{\underline{v}} & - & \underline{\underline{v}} & - & \underline{\underline{v}} \end{array}$$

¹⁸ Achamos por bem tecer alguns comentários mais técnicos acerca do dístico. Moura (2007), em artigo publicado no periódico *Cadernos de Tradução* da Universidade Federal de Santa Catarina, declara que, em geral, cada dístico encerra um pensamento completo; e, quando, no lugar disso, utiliza-se o *enjambement*, este é usado com diversas finalidades, como a de ressaltar determinada ideia ou personagem.

No hexâmetro, ainda citando Moura (2007, p. 57), tem-se uma sequência de seis pés métricos acentuados, em que se alternam, da primeira à quinta posições, dátilos (sequência formada por uma sílaba longa, seguida por duas breves) e espondeus (sequência de duas sílabas longas), sendo chamado de hexâmetro datílico aquele cuja quinta posição é ocupada por um dátilo; espondeico, aquele cuja mesma posição é ocupada por um espondeu. Quanto ao último pé, esse pode configurar-se por um espondeu ou por um troqueu (sequência formada por uma sílaba longa e uma breve), indiferentemente. Essa pesquisadora também destaca o emprego da cesura, pausa de respiração na leitura que, para o hexâmetro, costumeiramente se faz após o quinto meio pé (cesura pentemímera), que cinde o terceiro pé métrico, marcando-lhe o tempo ou ritmo o *ictus* latino, em (3) + (3) + (3). Com ela, possibilita-se o destaque de dois termos: o que a antecede, por encerrar um pensamento e deixá-lo em suspenso, e o que lhe segue, por abrir novo movimento no verso.

Já o pentâmetro, conclui Moura (2007), verso que acompanha, no dístico, o hexâmetro, tem sua possibilidade de variação mais reduzida, demonstrada pela própria apresentação fixa do segundo hemistíquio, sendo ele iniciado após a cesura (cuja posição é aqui obrigatória), e seguindo o esquema de dois dátilos e uma sílaba final obrigatoriamente longa (no hexâmetro, a quantidade final era indiferente, i.e., breve ou longa). Caberá ao primeiro hemistíquio, portanto, possibilitar ao autor certa maleabilidade poética, uma vez que ele pode ser composto por um dátilo ou um espondeu no primeiro e segundo pés métricos, a última sílaba pode ser longa ou breve.

Gaillard e Martin (1990) ressaltam, porém, que a elegia na Grécia não era e nem podia ser concebida como um gênero literário, pois “havia na literatura grega poemas escritos em dísticos elegíacos, mas que não apresentavam unidade de tom nem de tema, e eles pertenciam a categorias cuja diversidade salta aos olhos: um epigrama, um poema didático e uma sátira, por exemplo, podiam ser escritos em dísticos elegíacos”¹⁹.

Silva (2009) corrobora essa ideia, contando-nos que, já na época de seu surgimento, o dístico elegíaco era usado em inscrições (como já afirmaram Gaillard e Martin) ou em poemas – de extensões distintas - cantados ao som da flauta e os temas eram bastante variados como, por exemplo, celebrações religiosas, feitos militares, dedicatórias e epitáfios. Bem (2007) também fala de o dístico elegíaco, quando de seu surgimento na Grécia, ser utilizado na composição de cantos de lamento que eram geralmente entoados em celebrações fúnebres – conforme afirmado anteriormente . De acordo com Spalding (s/d, p. 76), a elegia pode ser considerada como uma “transição do ritmo uniforme da epopeia [escrita em hexâmetros] para a variedade quase infinita dos sistemas líricos [a lírica se utiliza de metros variados]; era, portanto, a mediadora entre epopeia e poesia lírica”.

Observa-se, então, a problemática que gira em torno da definição do termo elegia, já que havia unidade métrica, o dístico elegíaco, mas não temática: não há como definir qual tema ou temas cabem a esse gênero, o que o caracterizaria é a métrica, a utilização do dístico elegíaco. Contudo, gêneros que possuíam características distintas entre si, como a sátira e o epigrama, por exemplo, conforme explicitado anteriormente, podiam usar o dístico elegíaco sem perder as características próprias de cada gênero. Então, embora toda elegia seja escrita em dísticos, o dístico também pode ser utilizado por outros gêneros poéticos. Por isso, Gaillard e Martin (1990) ressaltaram a dificuldade de caracterizar a elegia como um gênero na Grécia Antiga, pois, a despeito da estrutura métrica do dístico, a elegia não se caracterizaria como um devido a essa diversidade temática. O dístico elegíaco é o caracterizador da elegia, mas não é um metro utilizado apenas por ela.

Silva (2009) conta que os adeptos do dístico elegíaco na época de seu surgimento eram Calino, Tirteu e Mimnermo, e que o tema amoroso não era o principal

¹⁹ “...il y a dans la littérature grecque des poèmes écrits em distiques dits élégiaques, mais ces poèmes ne présentent ni unité de ton ni unité de thème, et ils appartiennent à des catégories dont la diversité saute aux yeux: une epigramme, um poème didactique, une satire, peuvent être écrits em distiques élégiaques.”

e apenas foi tratado pelo terceiro poeta citado. No período alexandrino, a elegia (citando ainda Silva, 2009), tornou-se popular por meio dos autores Calímaco e Fílitás, que se preocupavam bastante com a temática amorosa que se relacionava a heróis e heroínas mitológicos. De acordo com essa autora, esses poetas teriam influenciado a elegia romana, em que a temática amorosa foi mais utilizada.

Bem (2007) comenta que, entre os romanos, um dos registros mais antigos do dístico elegíaco encontra-se em Ênio, mas foi Catulo o poeta que utilizou essa medida com mais frequência; a partir dele até Ovídio, o metro elegíaco latino teria conhecido seu período de grande aprimoramento técnico. Luigi Alfonsi em seu verbete *Elegia* na Enciclopedia Virgiliana (vol. III, 1987) afirma que a primeira composição elegíaca romana é *Thalia maesta*, de Cícero, e que Catulo se sobressaiu escrevendo, em Roma, muitos poemas sobre a vida amorosa de seu eu-poético e a morte de seu irmão. Observa-se, então, que há concordância com o fato de Catulo ter se destacado tanto pelo uso do dístico elegíaco em suas composições, quanto pela temática amorosa e lamentosa, como apresenta Alfonsi, mas há divergência em relação a qual autor romano teria utilizado inicialmente esse metro em Roma, principalmente ao considerarmos a distância temporal entre Ênio e Cícero.

No período augustano, é com Tibulo, Propércio e Ovídio que a elegia romana se torna um gênero com uma temática mais definida, que seria o amor. Trevizam (2003), em *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da Ars amatoria de Ovidio*, afirma que, numa primeira abordagem, o modelo elegíaco para esses três poetas citados como mais importantes nesse período pode ser definido como um gênero poético em que se expressa, sobretudo, a concepção da experiência amorosa como angústia, como Conte (1994) também já havia ressaltado ao falar do metro elegíaco. A temática seria, sobretudo, acerca de situações de um envolvimento amoroso instável, que dificultaria a plena satisfação dos anseios do apaixonado quanto à condução do relacionamento. Tudo giraria em torno, então, de um amor lamentoso (junção entre amor e lamento).

Bem (2007) ressalta que, ao pensarmos em elegia romana, é normal imaginarmos a *persona* do poeta apaixonado, e que o objeto desse amor seria a figura da *puella*. Então, segundo ela, teríamos os três principais elementos da elegia romana: “o

Amor, a menina, que é a sua verdadeira encarnação, e o poeta, que, ao submeter-se irrestritamente ao amor, submete-se também a sua amada”.

Contudo, apesar de Tibulo, Propércio e Ovídio terem se dedicado sobretudo à temática amorosa, outros assuntos, como explicitado por Bem (2007), se faziam presentes em seus poemas, pois, segundo ela, o discurso elegíaco é um lugar de encontro e confronto de diversos discursos, entre eles o épico, o cômico, o amoroso e o trágico. Então, nas obras desses grandes autores elegíacos da era augustana havia também lugar para outros temas além do amoroso, a título de exemplo, o lamentoso e o mitológico.

Nos quatro livros de elegia produzidos por Propércio, observamos claramente a figura da *puella*, da *persona* do poeta apaixonado e do amor. Como Bem (2007, p. 34) nos mostra ao trazer o seguinte trecho que inicia a obra de Propércio, esse poeta começa apresentando sua amada e a situação elegíaca em que se encontra:

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,
contactum nullis ante cupidinibus.*²⁰

Ele parece obcecado em destacar seu relacionamento com Cíntia, a *puella* que ele criou para viver com sua *persona*. Para Luck (2008), esse autor vê o amor como algo transcendental, servindo para enaltecer valores como a nobreza, o poder e a riqueza. Vale ressaltar, contudo, que a obra de Propércio, como já era de se esperar após discutirmos a diversidade de temas elegíacos, também versa sobre outros temas, embora o amor não deixe de estar presente: passagens amorosas de fábulas mitológicas são apresentadas, por exemplo. Segundo Silva (2009, p. 11), Propércio “busca na Mitologia temas para mostrar que seu amor não é menor do que o dos heróis e deuses”.

Em Tibulo, também encontramos a temática amorosa; ele principiou sua obra se declarando como um verdadeiro amante elegíaco, que preferiria sua amada às ingratas riquezas da *Vrbs*. Conforme Bem (2007) assinala, também existe o núcleo temático básico da sujeição do homem apaixonado às inclemências de uma mulher, mas,

²⁰ “Cíntia, com o seu olhar, foi a primeira que me enfeitiçou / (infeliz, não tocado anteriormente por nenhuma forma de paixão)”. Trecho em latim e tradução retirados de Bem (2007, p. 34), *op. cit.*, que, por sua vez, utilizou a tradução de Zélia de Almeida Cardoso. In: *Poesia Lírica Latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 131.

diferentemente de Propércio, ele dedica seus poemas a mais de uma *puellae*, embora haja uma amante principal, Délia, que seria uma suposta meretriz a quem grande parte dos poemas foi dedicada. Ele escreveu alguns poemas de amor dedicados a outra persona feminina, Nêmesis, e também poemas de cunho “homossexual”, “pederástico”, dedicados a um *puer* nomeado Márato. Segundo Bem (2007), isso faz com que a persona do poeta amante se apresente um pouco diferente, com um caráter instável.

Tíbulo também não se limitou à temática amorosa, trazendo frequentemente o idílio rural. Miller (2012, p. 64) destaca que “no Livro I há a recorrente fantasia de uma tranquilidade rural como um antídoto para as corrupções da ganância, guerra e da cidade”²¹.

Farrell (2012) afirma que, para Quintiliano, a diferença entre Tibulo e Propércio se situa no “modo de composição” de cada um: o primeiro seria o dono um “estilo” mais polido e elegante, mas há aqueles que preferem Propércio.

Já Ovídio, como Bem (2007) demonstra claramente em sua dissertação de mestrado, introduz seu primeiro livro de elegia amorosa, *Os Amores*, ressaltando que se preparava para cantar versos épicos. Entretanto, quando Cupido aparece, ri do esforço épico do poeta e rouba um dos pés de seus versos, convertendo sua composição poética em elegia:

*Arma graui numero uiolentaque bella parabam
Edere, materia conueniente modis.
Par erat inferior uersus; risisse Cupido
Dicitur atque unum surripuisse pedem.* ²² (Am. I, 1, 1-4)

Já de início, de acordo com Bem (2007, p. 20), *Os Amores* de Ovídio se iniciam com uma roupagem épica, onde a *puella* e *arma* assumiriam o mesmo valor. Para essa pesquisadora, “seu intuito é louvar a poesia (e com isso, uma *scripta puella* através da qual os versos acontecem) e não uma ou mais meninas em si”. Em mais um poeta augustano, notamos, então, que a temática amorosa não é a única trabalhada. O termo

²¹ “In Book I there is a recurring fantasy of rural ease as an antidote to the corruptions of greed, war and the city.”

²² “Armas e violentas guerras em ritmo grave eu me preparava / Para cantar, com uma matéria adequada ao metro. / Semelhante era o verso inferior, Cupido riu, / Dizem, e surrupiou um pé.”. Tradução retirada de Bem (2007), *op. cit.*.

puella em Ovídio, segundo Bem (2007), faria referência à própria poesia mais do que a uma mulher amada, como aparece em Tibulo e Propércio.

A produção poética amatória de Ovídio, então, se inicia com os *Amores*, escritos em dísticos elegíacos. Em torno do mesmo período de composição dessa obra, são escritas as *Heroides*, cujo metro é o mesmo dos *Amores*, mas em que chama a atenção o modo como se lida com o gênero elegíaco romano. Depois teríamos os dois livros da *Ars Amatoria*, logo seguidos pelos três do *Remedia Amoris*. No mesmo período, são produzidos os *Medicamina Femineae Faciei* e, depois, as *Metamorphoses*, poema épico dividido em quinze livros.

A peculiaridade de Ovídio ao trabalhar com gênero é tamanha que Conte (1994, p. 342) afirma que:

A aderência a um gênero como a elegia amorosa não significa, para Ovídio, como ocorreu aos seus predecessores, uma escolha absoluta de vida, centrada no amor. Em particular, isso não delimita um horizonte ou exclui outras experiências poéticas, como era o caso dos poetas amorosos, que estavam presos à prática da poesia adequada ao modo de vida deles.²³

Então, Ovídio não se limitou a compor exclusivamente poemas elegíacos amorosos, escreveu também um poema épico, *Metamorphoseon*, e uma tragédia, *Medea*, que não chegou até nós. Como diz Conte (1994), o início da carreira ovidiana, centrado na produção de elegias amorosas, não teria limitado sua experiência poética a um só gênero, nem mesmo a uma única temática.

Tanto nos *Tristes* como nas *Pônticas*, não temos mais o sofrimento amoroso como principal temática, o centro passa a ser o infortúnio causado pelo exílio em Tomos. Notamos, então, que o sofrimento ainda continua, mas agora está relacionado ao exílio. As duas obras, desse modo, estão repletas dessa melancolia que não se associa essencialmente e diretamente à dor amorosa, pois, mesmo havendo trechos dedicados à mulher amada numa elegia direcionada exatamente a sua esposa, o amor existente entre os dois está bem distante de ser o foco dessa produção.

²³ “Adherence to a genre such as love elegy does not mean for Ovid, as it did for his predecessors, an absolute life choice, centered on love. In particular it does not delimit a horizon or exclude other poetic experiences, as was the case of love poets, who were bound to a practice of poetry that was suitable for their modes of life”.

Com temas diferentes então da produção anterior ao exílio, lamentando uma condição de desterrado, sem ressaltar o amor, as *Pônticas* e os *Tristes*, como menciona Herrera Montero (2002), foram menosprezadas por parte da crítica, como se não houvesse elaboração poética e fossem como que uma autobiografia do poeta. Nagle (1980) também comenta que, até antes de 1980, essas obras do exílio não eram consideradas, em si, uma obra literária e apenas serviam de fonte literária para informações históricas, biográficas e etnográficas.

Harrison (2006) destaca, como veremos no segundo capítulo da presente dissertação, que o próprio poeta constantemente conta a seus leitores que seu novo trabalho é inferior se comparado ao que foi produzido anteriormente, mas o estudioso esclarece que isso seria um mero argumento retórico, ou seja, uma forma de deixar seu lamento mais contundente.²⁴

A simples preocupação de compor esses lamentos em dísticos elegíacos, forma fixa tão valorizada na época, mostra que Ovídio em nenhum momento deixou de ser o artista cuidadoso e consciente que era, e por trás do lamento, encontra-se todo um trabalho com a linguagem.

O que nos parece que ocorreu com muitos pesquisadores que viram essa produção de exílio como inferior é uma crença naquilo que o eu poético afirma, já que tanto as *Pônticas* quanto os *Tristes* estão escritos em primeira pessoa. Mas Farrell (2012, p. 13) ressalta que Tibulo, Propércio e o próprio Ovídio em sua produção anterior também utilizaram a primeira pessoa ao compor suas obras e o nome próprio do poeta que as escrevia. Trevizam (2003, p 109-110) corrobora essa ideia, ressaltando que “o ‘eu-elegíaco’ recebe o nome dos autores reais que lhe compõem o itinerário galante, de modo que se apresenta, a depender do caso, como "Propércio", "Tibulo" ou "Ovídio". Isso significa que, nesses textos, existe uma certa sobreposição entre o mundo da ilusão poética engendrado pela prática artística dos autores e o mundo não ficcional da Roma augustana, em que, de fato, indivíduos dotados de algumas características similares àquelas atribuídas aos apaixonados descritos viveram e produziram sua obra”.

O fato de ter acreditado piamente no que Ovídio afirmou dentro de sua produção de exílio pode, então, ter prejudicado essas obras ao serem consideradas, por um tempo,

²⁴ Em nossas análises, retomaremos e discutiremos melhor essa questão da inferioridade da produção poética de Ovídio na época do exílio.

como inferiores. Prata (2007) ressalta que recentes trabalhos têm reavaliado a poesia do exílio, mostrando que, em termos de complexidade e drama, estes poemas certamente continuam com os padrões dos trabalhos anteriores ao exílio com um nível de intensidade inclusive maior, já que, ao afirmar em muitos momentos nos *Tristes*, que essa não está lapidada, mas sim bruta e triste como a sorte de seu protagonista - mascara o sutil e intrincado jogo intertextual que se configura entre ela e a épica virgiliana, por exemplo, um dado que será melhor explorado no segundo capítulo desta dissertação, quando compararmos essa obra com as *Pônticas*.

Desse modo, de acordo com Michael von Albrecht em seu verbete “Ovídio” na Enciclopedia Virgiliana (vol. III, 1987), Ovídio não apenas se esmera para compor o gênero elegíaco, mas também tenta transcendê-lo, estabelecendo muitas vezes um confronto genérico, evidente em suas obras. Assim, a produção de exílio ovidiana, além de apresentar características elegíacas, traz inclusive elementos que encontraríamos em epístolas, conforme discutimos.

Pérez Vega (2000) defende a ideia de que, com os *Tristes* e as *Pônticas*, Ovídio cria um gênero novo, cujo fundador e inclusive assunto é ele mesmo, e, como no caso das *Heróidas*, *Arte Amatória*, *Fastos* e *Metamorfoses*, e, em geral, tudo o que Ovídio escreveu e inovou, é o resultado de seu uso novo ou revolucionário de materiais e temas tradicionais. O dístico elegíaco, como essa pesquisadora destaca, era a combinação de versos usada na poesia amatória – uma das causas declaradas do desterro, e também se considerava – e ainda se considera - que sua origem estava no lamento. A elegia então servia como um perfeito veículo de expressão de nostalgia.

Assim, torna-se interessante retomar a ideia de que, apesar de a elegia ter se consagrado com a temática do amor em Roma, o tom lamentoso não deixava de estar presente nas obras do exílio. Como elucida Bem (2007, p. 208), a elegia latina continha um tom queixoso, pois “o *amans*, ‘interpretado’ pelo poeta, sofre em demasia pelo amor que devota a uma mulher de conduta duvidosa e, à mercê de seus caprichos, quase padece por ser totalmente sujeito a ela.”

Ovídio, conforme Prata (2007) explicita, faz uso de um tom lamurioso, que, como vimos, é comum ao gênero elegíaco – mesmo nas temáticas amorosas, o lamento amoroso é o mais presente, segundo Bem (2007) -, e Ovídio explora, em particular, a comoção, visto toda a situação do exílio ser apresentada como algo trágico: além do

exílio em si, o lugar é ruim, a língua falada nele também e os habitantes não eram civilizados.

Os *Tristes* e as *Pônticas*, então, são obras escritas em dístico elegíaco e versam sobre a nova situação do poeta e não mais sobre uma temática amorosa. Ambas são elegias, diferentes em relação ao que se escreveu em Roma, ou seja, o foco não é o tema amoroso, mas sim o lamento. E ambas possuem caráter de epístola. As *Pônticas* talvez mais fortemente por já nos trazer tal informação no próprio título latino – *Epistulae ex Ponto*.

Assim, vamos averiguar, no capítulo seguinte, como se dá a epistolaridade dentro desta obra. Para discutirmos bem isso, apresentaremos primeiro como se dá o caráter epístola nas *Pônticas* e, no capítulo 2, analisaremos essas características em comparação aos *Tristes*.

1.2 O gênero epistolar e as *Pônticas*

As *Pônticas*, conforme já mencionado, foram escritas em dísticos elegíacos, porém apresentam, como veremos a partir de agora, inúmeras características epistolares.

O próprio poeta ressalta isso na primeira elegia dessa obra:

*Inuenies, quamuis non est miserabilis index,
non minus hoc illo triste quod ante dedi.
Rebus idem titulo differt, et epistula cui sit
non occultato nomine missa docet.*²⁵ (Pont. I, 1, 15-18)

Ovídio já havia composto uma obra de caráter epistolar, as *Heroidas* (*Heroidum epistolae*), que, além de serem cartas escritas em dísticos elegíacos por heroínas

²⁵ “Verás que, embora não tenha um título que inspire compaixão, / não é menos triste do que aquele que antes escrevi. / É igual no assunto, o título difere, e a carta informa, / sem ocultar o nome, a quem é endereçada.”

míticas²⁶, também compõem uma poesia de lamento, havendo um paralelismo entre a experiência das mulheres abandonadas pelos esposos ou amantes e o exílio do poeta. Assim como as *Heroidas*, as *Pônticas* também são chamadas de epístolas por seu criador.

A tradução do título da obra já gera certo problema pois, segundo Benites (2011), pode ser traduzido por *Pônticas* - provavelmente por influência da tradução francesa *Pontiques* -, ou por *Epístolas do Ponto* por Geraldo José Albino (2009), que fez uma tradução em prosa. Benites (2011, p. 266) ressalta que

Diferentemente de outras obras, como as *Metamorfoses*, do próprio Ovídio, cuja tradução do título é sempre a mesma, essas cartas do exílio apresentam ao tradutor, em seu título, possibilidades múltiplas de tradução, o que também se verifica, posteriormente, na obra como um todo. [...] as epístolas de Ovídio geram aos destinatários indiretos que se debruçam sobre o texto latino com finalidades tradutórias o impasse de se lidar com um texto de partida que, por um lado, mescla a poesia, com seus recursos expressivos imanentes, sua versificação e métrica e, por outro lado, o discurso epistolar, os quais na literatura contemporânea costumam se apresentar como tipos textuais bastante diferentes. Logo, tem-se de pronto que se optar por tratar o texto como poesia, como carta ou, em proposta mais audaciosa, como carta e poesia, o que provavelmente foi para os latinos quando de sua recepção.

Para nos aprofundarmos um pouco mais nessa problemática, devemos apresentar e discutir estudos sobre o gênero epistolar. Utilizaremos, sobretudo, Tin (2005), que afirma que escrever cartas foi, durante mais de 2000 anos, o principal meio de comunicação à distância, mas que nenhum tratado de epistolografia autônomo foi concebido pela Antiguidade. Ressalta que

“As poucas regras sobre a escrita de cartas que nos restaram ou estão dispersas na correspondência do período, ou integram tratados de retórica. A inclusão nesses tratados de capítulos específicos sobre a escrita de cartas pode sinalizar, contudo, a importância que o gênero epistolar passou a ter.” (p. 17 - 18)

²⁶ Albino (2009), em sua introdução à tradução das *Pônticas*, comenta que se trata de cartas poéticas, em que mulheres legendárias, como Penélope, Fedra e Dido, ou também personagens reais como Safo, escrevem aos maridos ou amantes distantes. Eram 14 cartas no início, entretanto, por volta do ano 8 d. C., mais sete foram acrescentadas à obra: a da poetisa Safo, três de heróis mitológicos – Páris, Leandro e Acôncio -, e mais outras três com as respostas das heroínas Helena, Hero e Cidipe aos respectivos amantes.

Então, num período que cobre cerca de cinco séculos - desde o século I a.C. até o século IV d. C., - Tin sinaliza que menções a cartas aparecem nas obras de Demétrio (que escreveu *De elocutione* entre os séculos I a.C. e I d.C, primeira obra a expor regras teóricas sobre epistolografia, porém em forma de um excurso), Filóstrato de Lemnos (autor do *De epistulis*, do século III d.C, dirigido a Aspasius de Ravena por este não saber, segundo o pensamento do primeiro, utilizar um estilo adequado ao escrever cartas) e Caio Júlio Victor (o primeiro a dedicar um capítulo à escrita de cartas, dentro de sua *Ars rhetorica*, que está repleta de paráfrases de Quintiliano), além de informações dispersas nas epístolas de Cícero (106 - 43 a. C.), de Sêneca (4 a. C. - 65 d. C.) e de Gregório Nazianzeno (329 - 390, um padre que, na epístola 51, dirigida a Nicóbulo, comenta a dúvida do último sobre a extensão de uma carta). O interesse dessas referências antigas é patente, conforme Tin (2005, p. 18), “uma vez que são as primeiras teorizações sobre epistolografia de que se tem notícia e documentação”.

Para entendermos um pouco melhor como essas referências eram feitas, fomos buscar trechos que falavam sobre a escrita de cartas nas epístolas de Cícero e Sêneca principalmente por, de acordo com Tin, “terem sido eleitas como modelos de escrita epistolar, sobretudo durante o Renascimento, nos séculos XV e XVI”.

Na *Epistulae ad Atticum* 12, 53, Cícero diz que a carta se assemelha a uma conversa, mas de modo escrito:

*Ego, etsi nihil habeo, quod ad te scribam, scribo tamen, quia tecum loqui videor.*²⁷

Em um outro momento, na *Epistulae ad Atticum* 9, 10, 1, esse autor ressalta a ideia anterior, afirmando que, ao escrever, quase se fala:

Nihil habebam quod scriberem: neque enim novi quicquam audieram et ad tuas omnis rescripseram pridie. sed cum me aegritudo non solum somno privaret verum ne vigilare quidem sine summo dolore

²⁷ “Eu, apesar de não ter nada para te escrever, escrevo mesmo assim, porque parece que falo contigo.”
Tradução feita por mim.

*pateretur, tecum ut quase loquerer, in quo uno acquiesco, hoc nescio quid nullo argumento propósito scribere institui.*²⁸

Já no *Pro Flacco* 37, ele menciona cartas públicas e privadas:

*Haec quae est a nobis prolata laudatio obsignata erat creta illa Asiatica quae fere est omnibus nota nobis, qua utuntur omnes non modo in publicis sed etiam in privatis litteris quas cotidie videmus mitti a publicanis, saepe uni cuique nostrum.*²⁹

Tampouco Sêneca teorizou sobre a escrita de epístolas, mas encontramos alguns trechos que mencionam essa ação. Nas *Epistulae morales ad Lucilium*, mais especificamente na 45, 13, ele discorre sobre a dimensão comum da carta:

*Sed ne epistulae modum excedam, quae non debet sinistram manum legentis implere, in alium diem hanc litem cum dialecticis differam nimium subtilibus et hoc solum curantibus, non et hoc.*³⁰

Na epístola 55, 11, Sêneca transmite a ideia de que a carta tornaria “presente” a pessoa a quem se escreve, o destinatário:

*Video te, mi Lucili; cum maxime audio: adeo tecum sum, ut dubitem, an incipiam non epistulas, sed codicellos tibi scribere.*³¹

Um pouco mais adiante, na epístola 75, 1-2, afirma que a carta não deve parecer artificial, mas coloquial e pouco elaborada, como uma conversa entre amigos:

²⁸ “Nada eu teria para escrever: não ouvi nenhuma novidade e, a todas as tuas cartas respondi ontem. Mas, como a aflição me priva do sono e também não me deixa ficar acordado sem uma imensa dor, comecei a te escrever sem assunto determinado, pois assim quase falo contigo, e é só isso que me acalma.”

²⁹ “Este testemunho feito por nós foi confirmado com aquele barro Asiático com o qual nós estamos quase todos familiarizados. Todo mundo usa-o em cartas públicas e privadas tais como nós vemos todo dia sendo enviadas pelos arrecadadores de impostos, frequentemente para cada um de nós.”

³⁰ “Mas para não exceder a dimensão normal de uma carta, que não deve encher a mão esquerda do leitor, adiarei para outra altura esta discussão com os dialéticos, gente em excesso subtil, e cuja única preocupação é esta, e apenas esta!” Tradução retirada de Sêneca. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, p. 154.

³¹ “Estou a ver-te diante de mim, Lucílio amigo, estou mesmo a ouvir a tua voz; estou de tal modo perto de ti que já não sei bem se te vou escrever uma carta, ou apenas um recado para enviar a tua casa!” (*op. cit.*, p. 190).

*Minus tibi accuratas a me epistulas mitti quereris. Quis enim accurate loquitur, nisi qui uult putide loqui? qualis sermo meus esset, si una desideremus aut ambularem, inlaboratus et facilis, tales esse epistulas meas uolo, quae nihil habent accersitum nec fictum. 2. Si fieri posset, quid sentiam, ostendere quam loqui mallet. Etiam si disputarem, nec supploderem pedem nec manum iactarem nec adtollerem uocem, sed ista oratoribus reliquissem, contentus sensus meos ad te pertulisse, quos nec exornassem nec abiecissem.*³²

Desse modo, como Tin verificou, alguns traços comuns parecem unir todas as concepções epistolares da Antiguidade, pois a carta seria definida como um diálogo entre amigos e, como tal, deveria ser breve e clara, adaptando-se aos seus destinatários e empregando o estilo mais apropriado.

O Anônimo de Bolonha, em seu tratado *Rationes dictandi* (1135), traduzido por Tin (2005, p. 83), ressalta que “uma epístola ou carta [...] é o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente. Ou, em outras palavras, uma carta é um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente”.³³ E divide a epístola em cinco partes, as quais apresentamos resumidamente abaixo:

“Saudação (*salutatio*): é uma expressão de cortesia que transmite um sentimento amistoso compatível com a ordem social das pessoas envolvidas.

Captação da benevolência (*captatio benevolentiae*): é uma certa ordenação das palavras para influir com eficácia na mente do destinatário. Isso pode ser assegurado numa carta por cinco modos: pela pessoa que envia a carta, ou pela pessoa que a recebe, ou por ambas imediatamente, ou pelo efeito das circunstâncias, ou pela matéria em questão. Mas apenas será assegurada pelo remetente se menciona humildemente alguma coisa sobre seus negócios, suas obrigações ou razões.

³² “Tens-te queixado de receberes cartas minhas escritas sem grandes pruridos de estilo. Mas quem é que escreve com pruridos se não aqueles cuja pretensão se limita a uma eloquência empolada? Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido! Se isso fosse possível, eu preferia mostrar-te o que sinto, em vez de o dizer. Mesmo que eu estivesse discutindo contigo não me iria pôr na ponta dos pés, nem fazer grandes gestos, nem elevar a voz: tudo isto seriam artifícios de oradores, enquanto a mim me bastaria comunicar-te o meu pensamento, num estilo nem grandiloquente nem vulgar.” (*op. cit.*, p. 305).

³³ Tradução feita por Tin (2005), *op. cit.*, a partir da tradução para o inglês de James J. Murphy (*The Principles of Letter-Writing, in: Three Medieval Rhetorical Arts*, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1971).

Narração (*narratio*): é a enumeração ordenada dos fatos sob discussão, ou melhor, uma apresentação dos fatos de um modo que parecem eles próprios se apresentar. Algumas narrações são simples, outras complexas. Uma narração simples é a que compreende a exposição de somente uma matéria. Uma complexa é, por outro lado, a que compreende a exposição de várias matérias.

Petição (*petitio*): parte na qual se tenta pedir alguma coisa através de um desses nove modos: suplicatória, didática, cominativa, exortativa, incitativa, admonitória, de conselho autorizado, reprovativa e direta.

Conclusão (*conclusio*): é a passagem pela qual uma carta é terminada, que pode não estar relacionada diretamente à matéria da própria carta, como uma simples saudação.”

O Anônimo de Bolonha ressalta que uma carta para ser uma carta não precisa apresentar em sua estrutura todas essas partes.

Já Erasmo de Rotterdam, em sua *Brevissima formula* (1520), primeiro de seus três tratados sobre *Ars dictaminis*, também traduzido por Tin (2005), aconselha que ‘o estilo epistolar deve ser simples e mesmo bastante descuidado, no sentido de um descuido estudado’, de forma que pareça ‘não trabalhado e quase improvisado e sem preparação’. Ou seja, ‘uma carta deve parecer não trabalhada e espontânea: aqueles que ansiosamente procuram palavras obsoletas ou incomuns ou cunham neologismos e algumas vezes escrevem uma carta inteira com o objetivo de uma ousada palavra nova revelam ser bárbaros eles mesmos.’

É interessante observar que muitos desses conselhos dados por Erasmo de Rotterdam para se escrever uma epístola sejam muito semelhantes aos dados por Quintiliano, em sua *Institutio Oratoria* (livro VIII), para o orador compor um bom discurso.³⁴ Em primeiro lugar, ele é contra qualquer tipo de “afetação” e fala, também, que se devem evitar formas desusadas, que tudo que é excessivo é inconveniente e que a clareza é a maior virtude do discurso:

Tomemos por primeira virtude [do discurso] a clareza: palavras apropriadas, uma ordem direta, uma conclusão não adiada por muito tempo. Que nada falte ou sobeje; dessa forma, nosso

³⁴ Também podemos encontrar semelhanças com as observações feitas por Sêneca sobre a linguagem que deve comportar as epístolas, i. é, o estilo deve ser pouco elaborado e próximo ao coloquial. como visto acima.

discurso será aprovado pelo duto e claro para os ignorantes. (...) Com efeito, se não dissermos nem mais nem menos que o necessário, nem o que é desordenado ou obscuro, nosso discurso será claro e manifesto até mesmo para os que nos ouvem sem atenção.³⁵ (*Instit. orat.* VIII .2, -22 et sq)

Embora Quintiliano não esteja comentando sobre o bom modo de se fazer uma epístola, podemos dizer que Erasmo de Rotterdam se apropria de seus conselhos e os confere ao que seria o bom estilo epistolar, pois Erasmo, quando aponta como princípio único o *decorum*, retoma declaradamente Quintiliano para lembrar esse princípio fundamental da retórica: “a melhor forma de eloquência é a que melhor se adapta à matéria, ao lugar, ao momento, à qualidade do auditório”³⁶. Assim, a finalidade da carta – o que será falado e para quem - determinaria seu estilo.

Ainda que haja semelhanças entre o gênero epistolar e o oratório, não se pode deixar de considerar que a epístola supõe certa distância física entre quem fala e quem ouve, enquanto o discurso pressupõe uma presença, podendo haver inclusive momentos de improviso. Também deve considerar-se que o discurso oratório admite ritmo para garantir a adesão do público, apesar de ser escrito em prosa.

Considerando as ideias apresentadas sobre a escrita de cartas, pode-se pensar mais especificamente sobre a presença - ou não - de características do gênero epistolar nas *Pônticas*. Conforme o pensamento de Conte (1994, p. 357), o acentuado caráter epistolar dessa produção do exílio é manifestado de diversos modos: no uso regular de fórmulas apropriadas ao gênero (como o começo e o fechamento da carta), na referência aos destinatários (que são mencionados explicitamente), e particularmente na densidade de certos *topoi* comuns na literatura epistolar, tais como a ênfase em uma conversação entre amigos distantes, a ilusão da presença apesar da distância, e o conforto apresentado pelo instrumento de comunicação que diminui a solidão do exílio.

Para exemplificar uma das características mais evidentes da epístola – a referência ao remetente e destinatário -, tomemos como exemplo a primeira elegia do Livro I, que o poeta sulmonense endereça a Bruto e explicita que é Nasão o remetente:

³⁵ Tradução de Marcos Aurélio Pereira retirada de hand-out entregue em disciplina ministrada por ele no segundo semestre de 2011 no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

³⁶ Apud Tin, E. *A arte de escrever cartas*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

1

Brvto

*Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae
hoc tibi de Getico litore mittit opus.
Si uacat, hospitio peregrinos, **Brute**, libellos
excipe dumque aliquo, quolibet abde modo.*³⁷ (Pont. I, 1, 1-4)

Como podemos observar, temos a explicitação em posição de destaque do remetente (*Naso*)³⁸, termo que está iniciando a elegia, e do destinatário (*Brute*), por meio de um vocativo, como em qualquer outra carta. Também é informado o lugar (*Getico litore*) de onde tal carta é enviada.

Deve-se ressaltar também o uso da terceira pessoa do singular ao invés da primeira: encontramos “Naso [...] hoc tibi de Getico litore **mittit** opus” e não “Ego, Naso, hoc tibi de Getico litore **mitto**”. Nota-se, então, com o uso da terceira pessoa do singular, certo distanciamento do remetente. Entretanto, é importante dizer também que, em certos momentos, o autor faz uso da primeira pessoa do singular como em:

*A, quotiens dixi : « Certe nil turpe docetis,
ite, patet castis uersibus ille locus. »*³⁹ (Pont. I, 1, 7-8)

Também encontramos uma problemática em torno da pessoa a quem o remetente se dirige: em que medida Bruto é, de fato, o destinatário? No decorrer da elegia, ele parece ser esquecido⁴⁰ e o locutor nem se lembra de despedir-se dele no final. Aparentemente, Bruto é um guardador da carta, as lamentações parecem não ser para ele; Nasão parece querer que outras pessoas leiam a epístola, pois ele fisicamente não pode ir até Roma, mas suas palavras podem chegar até lá. Deve-se considerar também, então, os destinatários que não estão explícitos. Como o texto é chamado de *epistula* por

³⁷ “A Bruto/ **Nasão**, que já não é um novo habitante da terra tomitana, / a ti envia esta obra do gético litoral. Se estás livre, **Bruto**, acolhe com hospitalidade estes livrinhos forasteiros / e esconde-os em algum lugar, qualquer que seja.”

³⁸ O remetente e o autor têm o mesmo, mas não podemos afirmar que se tratam da mesma pessoa.

³⁹ “Ah, quantas vezes eu disse: « Certamente não ensinais nada vergonhoso, / ide, aquele lugar está aberto a castos versos. »”

⁴⁰ Deve-se ressaltar que não aparece mais nenhum vocativo nesta primeira elegia.

Ovídio, o autor parece sentir-se “obrigado” a ter alguém a quem escrever, nesse caso, Bruto.

Pode-se pensar, diante disso, que o esquecimento de *Brutus* confere um caráter mais ficcional, mais elegíaco e menos epistolar, lembrando que a epístola pressuporia uma conversa à distância entre quem escreve e a quem se escreve.

Analisemos o que também ocorre com o destinatário na segunda elegia do Livro I:

2

Fabio Maximo

*Maxime, qui tanti mensuram nominis inple
et geminas animi nobilitate genus,
qui nasci ut posses, quamuis cecidere trecenti,
non omnis Fabios abstulit una dies,
forsitan haec a quo mittatur epistula quaeras,
quisque loquar tecum certior esse uelis.
Ei mihi! Quid faciam? Vereor ne nomine lecto
durus et auersa cetera mente legas!*⁴¹ (Pont. I, 2, 1-8)

Observa-se que novamente Ovídio destacou o destinatário (*Maxime*) por meio de um vocativo. Apesar de Ovídio se dirigir diretamente a ele mais duas vezes nesta elegia (*Suscipe, Romanae facundia, Maxime, linguae / difficilis causae mite patrocinium,*⁴² 67-68; *Caesaris haec animum poterant audita mouere, / Maxime, mouissent si tamen ante tuum,*⁴³ 113-114), em seu decorrer, também há o “esquecimento” da figura do destinatário, pois ele começa a falar com Roma, fazendo uso de um novo vocativo:

Maxima pars hominum nec te, pulcherrima, curat,

⁴¹ “A Fábio Máximo / Máximo, que preenches a dimensão de tamanho nome / e duplicas tua origem pela nobreza de teu caráter, / para que pudesses nascer, ainda que sucumbissem trezentos, / não roubou um dia a todos os Fábio, / talvez perguntes quem te envia esta carta, / e vou te falar por quem, pois certamente desejas saber. / Pobre de mim! O que farei? Temo que, ao ler meu nome, / leias de forma dura e com o pensamento hostil o restante!”

⁴² “Aceita, Máximo, eloquência da língua romana, / o delicado patrocínio desta difícil causa.”

⁴³ “Ouvir isso poderia comover o espírito de César, se contudo, / Máximo, antes tiver comovido o teu.”

*Roma, nec Ausonii militis arma timet.*⁴⁴ (Pont. I, 2, 81-82)

O poeta parece falar com *pulcherrima Roma*, seu novo destinatário, mas não deixa de iniciar o dístico com o vocábulo *maxima*, que se assemelha a *Maximus*, nome do destinatário “oficial”, que já estaria ecoando na cabeça do leitor. Parece haver uma minuciosa escolha lexical.

Com relação à explicitação do remetente, Ovídio demonstra temer dizer seu nome e não o diz em nenhum momento, opta por definir-se por sua situação e pelo lugar em que vive (*Hostibus in mediis interque pericula uersor, / tamquam cum patria pax sit adempta mihi*⁴⁵).

Na terceira elegia das *Pônticas*, o destinatário fica claro logo no início e, ao contrário da segunda, o remetente também:

3

Rufino

*Hanc tibi Naso tuus mittit, Rufine, salutem,
qui miser est, ulli si suus esse potest.*⁴⁶ (Pont. I, 3, 1-2)

Observa-se que Ovídio fez questão de explicitar logo no primeiro verso o emissor (*Naso*) e o receptor (*Rufine*). Do mesmo modo que na primeira elegia, Ovídio refere-se inicialmente a si mesmo na terceira pessoa (*Naso mittit*). A organização das palavras no verso também nos chama a atenção, pois a expressão *hanc salutem* está separada, ficando exatamente uma parte no começo e a restante no final. Podemos pensar que Ovídio aí chega a construir uma imagem poética, visto que a saudação estaria bem distante do destinatário, principalmente se consideramos que o poeta estava exilado.

⁴⁴ “A maior parte dos homens não se preocupa contigo, / **lindíssima Roma**, nem teme as armas do soldado ausônio.”

⁴⁵ “Encontro-me no meio de estrangeiros e entre perigos, / como se, junto com a pátria, a paz me fosse arrebatada.”

⁴⁶ “A Rufino / Esta saudação teu **Nasão** te envia, **Rufino**, / se um miserável pode ser caro a alguém.”

No decorrer dessa elegia, Ovídio parece não se esquecer da figura do destinatário, fazendo referência a ele em diferentes momentos, tanto no início, como no meio ou fim. Citemos alguns:

*admonitu coepi fortior esse tuo
et iam deficiens sic ad tua uerba reuixi*⁴⁷ (Pont. I, 3, 8-9)

*Tu tamen exilii morsus e pectore nostro
fomentis speras cedere posse tuis.*⁴⁸ (Pont. I, 3, 43-44)

*Neue fretum laudes terra magis, aequora semper
uentorum rabie solibus orba tument.*⁴⁹ (Pont. I, 3, 53-54)

*Quo magis ignoscat sapientia uestra dolenti:
quae facit ex dictis, non ita multa, tuis.*⁵⁰ (Pont. I, 3, 85-86)

*Vt tamen hoc ita sit, munus tua grande uoluntas
ad me peruenit consuliturque boni.*⁵¹ (Pont. I, 3, 93-94)

A quarta elegia do Livro I das *Pônticas*, comparada às três apresentadas, tarda a especificar o destinatário. Nos primeiros versos, notamos que o autor se dirige a um interlocutor, entretanto não especifica quem é, pois parece mais preocupado em se lamentar sobre sua infeliz situação. Apenas no verso 45 ele expõe um vocativo, no entanto opta por não usar explicitamente um nome, o que não nos impede de identificar Fábía, sua esposa:

Durius est igitur nostrum, fidissima coniunx,

⁴⁷ “comecei a revigorar-me com os **teus** conselhos/ e, quando falecia, revivi com as **tuas** palavras”.

⁴⁸ “**Tu**, entretanto, **esperas** que, com **teus** consolos, / possam abandonar nosso peito as mordeduras do exílio.”

⁴⁹ “E para que não **louves** mais o mar que a terra, a superfície líquida, / privada do sol, sempre se entumesce pela raiva dos ventos.”

⁵⁰ “Que **vossa** sabedoria perdoe ainda mais a este doído, / sendo que tão pouco conseguiu com **tuas** súplicas.”

⁵¹ “Entretanto, ainda que seja assim, **tua** intenção chegou a mim como amparo / e a considero um grande bem.”

*illo quod subiit Aesone natus opus.*⁵² (Pont. I, 4, 45-46)

Nela, o poeta continua falando de suas desgraças, comparando-se ao filho de Esão, Jasão, que havia recebido uma missão praticamente impossível do rei Pélias: trazer o Velocino de Ouro da distante Cólquida. Ovídio considera-se numa situação muito pior que Jasão, por ter ido a um lugar mais distante e ter sido abandonado por todos no exílio, sem ter nem a proteção dos deuses:

*Aspice, in has partis quod uenerit Aesone natus,
quam laudem a sera posteritate ferat.
At labor illius nostro leuiorque minorque est,
si modo non uerum nomina magna premunt.*⁵³ (Pont. I, 4, 23-26)

*Ille habuit comites primos telluris Achiuae,
at nostrum cuncti destituere fugam.*⁵⁴ (Pont. I, 4, 33-34)

*Illum tutata est cum Pallade regia Iuno:
defendere meum numina nulla caput.*⁵⁵ (Pont. I, 4, 39-40)

Para ampliar a dureza de sua pena, Nasão termina a comparação com Jasão, destacando que este pôde voltar a pátria, enquanto ele provavelmente morrerá ali.

*Ille domum rediit, nos his moriemur in aruis,
perstiterit laesi si grauis ira dei.*⁵⁶ (Pont. I, 4, 43-44)

Por se tratar de elegia, é muito comum escrever à pessoa que se ama, no entanto, mais uma vez, parece que o destinatário é esquecido. Numa elegia dirigida à sua esposa, esperávamos que, logo de início, Ovídio começasse a se declarar, a falar de todo seu sofrimento devido à separação de ambos, enfim, que o sentimento amoroso fosse exaltado como ocorreu em suas produções anteriores às do exílio. Porém, é apenas a

⁵² “Mais dura é, portanto, nossa carga, fidelíssima esposa, / que aquela que aguentou o filho de Ésão.”

⁵³ “Observa, porque veio a estas paragens o filho de Esão, / quanta glória carrega da posteridade tardia. / Mas a carga daquele foi mais leve e menor que a minha, / se é que os grandes nomes não escondem a verdade.”

⁵⁴ “Ele teve como companheiros os melhores da terra aqui, / enquanto todos me abandonaram em meu exílio.”

⁵⁵ “Ele foi protegido por Palas e pela rainha Juno, / nenhum poder divino defendeu minha cabeça.”

⁵⁶ “Ele voltou a sua casa, eu morrerei nestes campos, / se persistir a grave ira do deus magoado.”

partir do verso 49, numa elegia constituída por somente 58, depois de contar detalhadamente sobre sua velhice precoce causada por uma imensa série de desgraças – nada relacionado à ausência de sua amada – e estabelecer a comparação entre sua sorte e a de Jasão, que ele realmente vai proferir palavras românticas a Fábica, apresentando-lhe seu desejo de beijá-la e conversar com ela:

*O! ego – di faciant! – talem te cernere possim,
caraque mutatis oscula ferre comis*

*amplectique meis corpus non pingue lacertis
et << Gracile hoc fecit >> dicere << cura mei >>
et narrare meos flenti flens ipse labors
sperato numquam conloquioque frui⁵⁷ (Pont. I, 4, 49-54)*

Diferentemente da quarta elegia, a quinta apresenta novamente no início o nome do destinatário (*Maxime*⁵⁸) e explicita o remetente (*Naso*), lamentando ser naquele momento o último dos amigos de Máximo:

5

< Cottae > Maximo

*Ille tuos quondam non ultimus inter amicos
ut sua uerba legas, **Maxime**, **Naso** rogat⁵⁹ (Pont. I, 5, 1-2)*

Nela, a todo momento Ovídio se dirige a seu interlocutor por meio de pronomes ou verbos conjugados na segunda pessoa do singular, e, no verso 9, evidencia mais uma vez o nome do destinatário (*Haec quoque quae legitis, si quid mihi, **Maxime**, credis, /*

⁵⁷ “Oh, se eu (queiram os deuses!) pudesse te ver assim, / levar beijos amorosos a teu modificado rosto, / e enlaçar em meus braços teu corpo magro, / e dizer “Tua preocupação por mim fez com que emagrecesses”, / e, aos prantos, contar a ti, que também chora, minhas desgraças, / e usufruir de tua conversa pela qual eu já nem esperava”.

⁵⁸ Ressaltamos que o destinatário *Maxime* apresentado nesta elegia, como assinala Herrera Montero (2002), é diferente do da segunda: primeiramente, Ovídio se referia a Fábio Máximo, personagem importante da política imperial, pertencente a uma família ilustre (filho do cônsul Quinto Fábio Máximo e casado com Márcia, uma prima de Augusto); na quarta elegia, dirige-se a Cota Máximo, um de seus melhores amigos.

⁵⁹ “Aquele Nasão, que em outro tempo não era o último de seus amigos, / pede que leias suas palavras, Máximo.”

*scribimus inuita uixque coacta manu*⁶⁰). O assunto tratado é bastante comum principalmente nos *Tristes*, como veremos na análise, pois o poeta afirma envergonhar-se dos versos produzidos em Tomos, mas que seriam semelhantes a sua situação, e que lhe falta inspiração num lugar tão distante e cheio de selvagens. Apesar de sempre parecer se dirigir a alguém, parece-nos que o próprio leitor poderia ser o destinatário, visto que praticamente nada do que foi dito em outros momentos no exílio é acrescentado. Fica-nos a impressão de que o destinatário é uma mera função.

Na elegia seguinte, a sexta, a nomeação do destinatário também ocorre no início, observemo-la:

6

Graecino

*Ecquid, ut audisti – nam te diuersa tenebat
terra – meos casus, cor tibi triste fuit?
Dissimules metuasque licet, Graecine, fateri,
si bene te noui, triste fuisse liquet.*⁶¹ (*Pont. I, 6, 1-4*)

O vocativo *Graecine* aparece já no terceiro verso e reaparece no vigésimo sétimo (*Spes igitur menti poenae, Graecine, Ieuandae / non est ex toto nulla relictæ meae*⁶²), mas a explicitação do nome do remetente não ocorre. Primeiramente, Ovídio ressalta que conhecia bem Grecino e, no verso 19, diz ser um amigo (*...non mendaci si quicquam credis amico*⁶³), entretanto não traz seu próprio nome. Tal fato nos leva a pensar que, quando é íntimo da pessoa a quem escreve, parece não haver uma preocupação em explicitar quem é o remetente. Isso já havia acontecido com a elegia direcionada a sua esposa e, nesta, destinada a Grecino, também ocorre. É uma situação diferente daquela apresentada na segunda elegia, direcionada a Fábio Máximo, pois nela havia intencionalidade em não se mostrar tão claramente, enquanto, nas quarta e sexta

⁶⁰ “Isto também que lês, se acreditas em algo de mim, Máximo, / escrevo contrariamente à mão e de modo forçado.”

⁶¹ “A Grecino / Acaso, quando ouviu minhas desgraças – já que estava / em uma terra distante – seu coração não se entristeceu? / Embora disfarces e tenhas medo de confessá-lo, **Grecino**, / conheço-te bem, sei que ficou triste.”

⁶² “Portanto, a esperança, Grecino, de que se abrande minha pena / não consegui abandonar completamente meu coração.”

⁶³ “...caso acredites em algo de um amigo que não é mentiroso”.

elegias, talvez não haja necessidade de uma apresentação pois os destinatários já saberiam quem escreveu o texto por terem vivenciado uma relação estreita com o autor no passado.

Observemos agora a sétima elegia do Livro I:

7

Messalino

*Littera pro uerbis tibi, Messaline, salutem
quam legis a saeuis attulit usque Getis.
Indicat auctorem locus? An nisi nomine lecto
haec me Nasonem scriber uerba latet?
Ecquis in extreme positus iacet orbe tuorum,
me tamen excepto, qui precor esse tuus?*⁶⁴ (Pont. I, 7, 1-6)

Ovídio apresenta logo no primeiro verso o destinatário (*Messaline*) e, depois de indicar o lugar de onde escreve, acha que era informação suficiente para saber de quem se tratava. De qualquer maneira, ressalta o remetente ao dizer que se trata de Nasão, aquele que jaz no extremo do mundo. O modo dramático como Ovídio se apresenta já parece querer mover o *pathos* de quem lê, pois retrata o local onde vive e o povo com quem convive de modo bastante duro, e continua fazendo isso nos versos seguintes.

Após essas lamentações, volta a se dirigir a seu destinatário dizendo que seria um infeliz, caso Messalino se ofendesse com suas palavras e não perdoasse sua mentira. O vocativo aparece mais uma vez no verso 67 (*Quo libet in numero me, Messaline, reponere*)⁶⁵ e a referência direta ao remetente também aparece no verso 69 (*et mala Nasonem, quoniam meruisse uidetur*)⁶⁶. Nessa elegia, parece não haver o esquecimento da figura do destinatário.

Se olharmos atentamente a obra, vamos perceber que a disposição dos destinatários e dos temas nas elegias nos Livros primeiro, segundo e terceiro apresentam

⁶⁴ “A Messalino / Carta em vez de palavras a ti, Messalino, esta saudação / que lê vem do cruel geta. / Indica o lugar o autor? Ou a não ser que leias o nome / não percebes que eu isto escrevo, Nasão? / Jaz algum dos teus no extremo do mundo, / a não ser eu, que continuo pedindo tua amizade?”

⁶⁵ “Em qualquer posto que queiras, inclua-me, **Messalino**”.

⁶⁶ “e se as penas que **Nasão** sofre não te doem, por te parecer que ele as mereça”

uma curiosa simetria, comprovando a engenhosidade do poeta e que ele não estava apenas preocupado em escrever cartas ou elegias para conseguir o perdão e se livrar do exílio. Herrera Montero (2002, p. 16) apresenta esquematicamente essa simetria:



Essa ordenação das *Pônticas*, conforme Pérez Vega (2000) salienta, não corresponde com a data de composição, como era frequente nas coleções de poemas da época de Augusto, que se ordenavam com critérios artísticos. Não se procurava construir tanto a criação de simetrias por si mesmas, como talvez dar um significado concreto ou especial relevância a determinados temas, que se destacam mais de acordo com seu lugar de aparição. De acordo com os costumes da época, é bem provável que a maior parte das elegias das *Pônticas* tenham sido enviadas a Roma logo após terem sido escritas.

A organização da obra já se nota pelo fato de as elegias que abrem cada um dos três primeiros livros serem programáticas (Pérez Vega, 2000). A primeira, direcionada a Bruto, apresenta a coleção e comenta sobre a poesia em geral. A que abre o Livro II trata de um tema oficial da máxima importância política, como o triunfo de Tibério do ano 12 d. C., num momento em que ainda não havia um herdeiro claro para o principado. O terceiro livro se inicia com uma elegia de Ovídio a sua mulher, renovando

sua petição de mudança de lugar do desterro. A elegia IV, 1, apesar de não fazer parte da simetria, também é considerada prólogo do Livro IV.

Ao observarmos essa construção, parece mais fácil aceitar que nem tudo o que era dito era específico ao destinatário explícito, mas a um grupo que fica impossível de identificar nos dias de hoje. Pérez Vega (2000: p. XXII) ressalta ainda que a primeira e a última epístolas, ambas dirigidas a Bruto, foram escritas propositalmente para o momento da edição, funcionando como a introdução e o epílogo da obra.

Por muitas vezes, comentamos o que o emissor disse, mas também deve-se mencionar como ele construiu esses dizeres na língua latina ao simplesmente fazer inversões na ordem das palavras⁶⁷, pois isso gerará efeitos poéticos.

Então, o trabalho com a linguagem apresentado por Ovídio nas *Pônticas* mostra que ela não tem um caráter “descuidado” como Erasmo de Rotterdam, em sua *Brevissima formula* (1520), aconselhou que a epístola devesse apresentar. Por mais que Ovídio afirme em mais de um trecho que é uma obra inferior as outras produzidas anteriormente, isso é facilmente desmentido pela engenhosidade com que trabalha com a linguagem - além disso, como já mencionamos, foi escrito em dísticos elegíacos.

Esse cuidadoso trabalho com a linguagem pode ser observado em diversas passagens das *Pônticas*. Comentemos algumas:

*Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae
hoc tibi de Getico litore mittit opus. (Pont. I, 1, 1-2)*

Neste dístico, nota-se que o locutor separou o adjetivo *Tomitanae*, que fica ecoando na cabeça do destinatário até aparecer seu substantivo *terrae* somente no final do verso. Ao fazer essa separação, Ovídio realça a ideia de que a terra tomitana é muito distante de Roma, fato mencionado durante toda sua obra, e que o envio da obra também percorreria um longo caminho – separação de *hoc* e *opus*, deixando o *Getico*

⁶⁷ Marouzeau (1922: 1) afirma que “a ordem das palavras no latim é livre. [...] Livre, no sentido que, salvo exceções, não há um lugar obrigatório para cada termo na frase. Mas não indiferente, pois geralmente duas ordens possíveis não produzem o mesmo sentido” (“L’ordre des mots en latin est libre. [...] Libre, en ce sens que, sauf exception, Il n’y a pas pour chaque terme de la phrase une place obligatoire. Mais non pas indifférent, parce qu’en general deux ordres possibles ne sont pas synonymes”).

litore entre eles, ou seja, atravessar o gético litoral para chegar a Roma leva bastante tempo.

Numa outra epístola, o locutor passa a sensação da enorme duração do castigo de Tício ao fazer a disjunção de “*inconsumptum iecur*”:

*Sic inconsumptum Tityi semperque renascens
non perit, ut possit saepe perire, iecur*⁶⁸. (Pont. I, 2, 39-40)

Ao separar *inconsumptum* e *iecur*, deixando-os no começo e no final do dístico respectivamente, o autor reproduz concretamente na ordem das palavras a ideia de que o fígado é eterno e sempre renasce, por mais que seja ferido, ou seja, sempre há um final e um recomeço, e tudo o que ocorre com ele está dentro deste ciclo. A própria extensão e ritmo da palavra *inconsumptum* é significativa, com suas quatro sílabas longas que deixam a expressão mais vagarosa e duradoura.

Ainda exemplificando o trabalho com a linguagem feito por Ovídio, pode-se ressaltar, conforme Benites (2011) explicita em sua resenha à tradução de Albino das *Cartas Pônticas*, a aliteração do /t/ num verso da segunda elegia do Livro I:

*Non petito ut bene sit, sed uti male tutius utque*⁶⁹ (Pont. I, 2, 103)

Há um pedido sendo feito, representado pelo *petito*, termo que apresenta o t duas vezes. Benites (2011) entende esse fonema t como uma espécie de ícone do pedido feito. A repetição fonética, deste modo, nada mais seria que um ecoar do pedido ao longo de todo o verso-súplica, reforçando-o conotativamente. O sentido seria ampliado quando se verifica a ocorrência do termo *tu* no verso 101 (*At tu tam placido quam nos quoque sensimus illum*⁷⁰), o vocativo que inicia o pedido, o que reforça a carga de convencimento, sendo que o termo reaparece, paranomasticamente, no verso 103, em *ut*, em *uti* e, de forma integral e duas vezes em *tutius*.

⁶⁸ “Desta maneira, o fígado de Tício sempre renasce intacto/ e não perece para poder perecer muitas outras vezes”.

⁶⁹ “Não pedirá que esteja bem, mas mal”.

⁷⁰ “Mas tu, frente a um juiz tão plácido como já experimentei, utiliza”.

Nota-se, então, que as *Pônticas* possuem algumas características epistolares, sim, porém não sustenta o gênero epistolar por toda a elegia. Encontramos a figura do destinatário, porém às vezes ele é esquecido, dando a impressão de que o que foi escrito ali não se dirigia exatamente a ele. Parece haver uma preocupação maior com a elaboração da linguagem e do lamento do que uma conversa entre duas pessoas distantes.

II. ANÁLISE DAS *PÔNTICAS* I: UMA COMPARAÇÃO COM OS *TRISTES*

As *Pônticas*, conforme apresentamos na introdução, foram escritas por Ovídio, entre os anos 12 e 16 d.C., logo após os *Tristes*, compostos entre os anos 9 e 12 da nossa era. Ambas as obras fazem parte da chamada literatura do exílio. González Vázquez (1992, p. 26) afirma que as obras são muito parecidas. Para ele, as duas seriam poemas elegíacos em forma de cartas – é como se ambas fossem praticamente a mesma coisa, cujo conteúdo é o lamento reiterado pela desgraçada situação em que se encontra o poeta, ainda que difiram em pequenos detalhes como os nomes dos destinatários citados nas epístolas das *Pônticas*, fato que não ocorreria nos *Tristes*⁷¹.

A afirmação de González Vázquez é muito radical ao dizer que são pequenos detalhes, seguindo a ideia de Ovídio presente nos tão citados versos I, 1, 15-20 das *Pônticas*, em que o autor nos diz que são semelhantes quanto ao assunto, mas diferem quanto ao título, segundo ele, por causa dos destinatários. Não consideramos que os detalhes sejam tão pequenos, pois há, para nós, uma diferença em relação à utilização dos gêneros: ambos os livros são compostos por elegias, mas as *Pônticas* se aproximam mais do gênero epistolar.

Sabemos que o título de uma obra muito nos diz sobre ela, e, como já foi mencionado nesta dissertação, Ovídio coloca o gênero epistolar no título das *Pônticas* - *Epistulae Ex Ponto* - , fato que não ocorre nos *Tristes*, cujo título latino é *Tristia*.

Nos *Tristes*, para nós, Ovídio joga mais com o gênero elegíaco lamentoso, seguindo outra tradição que não amorosa, definindo que a poesia que é produzida na sua situação de exilado deve ser tal qual a situação do poeta: ela é triste porque a situação o é, ou seja, ela é essencialmente lamentosa porque a sorte do poeta não lhe é favorável. A questão do gênero epistolar fica mais forte nas *Pônticas*, com os destinatários explícitos; no entanto, deve-se ressaltar que Ovídio a todo momento se lamenta com o intuito de conseguir ajuda de alguém ou mesmo o perdão de Augusto.

⁷¹ “La producción elegíaca de Ovidio perteneciente a la época del destierro forma un bloque bastante homogéneo, compuesto de cinco libros de *Tristes* y cuatro de *Cartas desde el Ponto*. Ambas obras son muy similares: poemas elegíacos en forma de cartas, cuyo contenido no es outro que el lamento reiterado por la desgraciada situación en que se encuentra el poeta; aunque difieren en pequeños detalles, como es el que en las *Pônticas* se citan los nombres de los destinatários de las epístolas, cosa que no ocurre en las *Tristes*.”

Considerando as semelhanças e diferenças entre essas obras ovidianas e seu gênero, apresentaremos e discutiremos mais detalhadamente algumas: o aparecimento do destinatário e do remetente; o fato de Ovídio nomear como epístola algumas elegias dos *Tristes*, mesmo não sendo claramente uma epístola etc. Sendo assim, nossa análise se centrará na questão dos destinatários, no sentido de observar como essas obras se assemelham e diferem.

Não podíamos deixar de lado as semelhanças temáticas, já que o próprio Ovídio nos diz que os livros, como vimos citando, são semelhantes em relação ao assunto. Observamos também algumas semelhanças temáticas, tais como: o autor se colocar como *exul* e não *relegatus* em ambas as obras, a aproximação com a *Eneida*, a descrição do local do exílio e o *tópos* do exílio visto como morte.

2.1 A questão dos destinatários

Logo na primeira elegia das *Pônticas*, como comentamos anteriormente, é mencionada a similaridade entre essa obra e os *Tristes*, quando se afirma que ambas são iguais no assunto - lamento pela situação de exilado em que se encontrava o poeta -, mas diferentes quanto ao título (o título latino da primeira é *Tristia*, e o da segunda, *Epistulae ex Ponto*) e, para a insatisfação dos destinatários, seus nomes serão revelados nas *Pônticas*, o que não acontece nos *Tristes*:⁷²

*Inuenies, quamuis non est miserabilis index,
non minus hoc illo triste quod ante dedi.
Rebus idem titulo differt, et epistula cui sit
non occultato nomine missa docet.
Nec uos hoc uultis, sed nec prohibere potestis
Musaque ad inuitos officiosa uenit*⁷³ (*Pont.* I, 1, 15-20)

⁷² Por bem da precisão, é importante dizer que a elegia única do Livro II dos *Tristes* tem como destinatário Augusto, que condenou Ovídio ao degredo.

⁷³ “Verás que, embora não tenha um título que inspire compaixão, / não é menos triste do que aquele que antes escrevi. / É igual no assunto, o título difere, e a carta informa, / sem ocultar o nome, a quem é

Começemos, então, pela diferença mais visível entre as obras. Apesar de ambas serem escritas em dísticos elegíacos, o que as caracterizaria como elegias, as *Pônticas* possuem também um forte caráter epistolar. Nas *Pônticas*, contudo, os destinatários são nomeados, enquanto que nos *Tristes* não, eles podem ser inferidos, mas não são clara e diretamente nomeados.

As elegias das *Pônticas*, então, como foi observado no primeiro capítulo de nossa dissertação, nomeiam nos próprios versos o destinatário, muito frequentemente eles aparecem já nos primeiros, e às vezes mais para o meio/fim da elegia, seguindo, inclusive, uma ordem, ao que tudo indica, planejada por Ovídio, como também demonstramos no capítulo anterior.

Os *Tristes*, em compensação, não trazem o nome a quem seriam destinadas suas “elegias-cartas”. Observemos que o próprio autor, ao comentar, no excerto acima citado das *Pônticas* I, 1, as semelhanças e diferenças entre suas obras do exílio, deixa claro que esses nomes estão ocultados nos *Tristes*, o que nos leva a pensar que, apesar de não nomeá-los, os destinatários também estão presentes nos *Tristes* e até podemos em alguns casos identificá-los.

A elegia I, 5 dos *Tristes*, por exemplo, se aproxima mais do formato das *Pônticas*, trazendo um destinatário concreto⁷⁴ – ainda que desconhecido - logo no início:

*O mihi post nullos numquam memorande sodales,
Et cui praecipue sors mea uisa sua est,
Attonitum qui me, memini, carissime, primus
Ausus es alloquio sustinuisse tuo,
Qui mihi consilium uiuendi mite dedisti,
Cum foret in misero pectore mortis amor,
Scis bene cui dicam positus pro nomine signis,
Officium nec te fallit, amice, tuum*⁷⁵. (Tr. I, 5, 1-8)

endereçada. / E vós não desejais isto, mas não podeis proibir / e a musa vem para vos servir mesmo que não queirais”. (Todas as traduções das *Pônticas* citadas neste texto são minhas.)

⁷⁴ Prata (2002) afirma em sua análise que a quinta elegia é a primeira do livro I a apresentar características de uma correspondência e é dirigida a um amigo íntimo, cujo nome não é expresso.

⁷⁵ “Ó tu que nunca deves ser por mim lembrado depois de nenhum outro amigo / E a quem, sobretudo, minha sorte pareceu sua, / A mim atônito, lembro-me, caríssimo, foste o primeiro / Que ousaste confortar com tuas palavras, / Que a mim o afetuoso conselho de viver deste, / Quando havia no mísero peito o

Ovídio justifica a não nomeação desse receptor com medo de que este sofra represálias, mas dá detalhes da relação de amizade. Como dá pistas de quem é o destinatário, Prata (2009) destaca, em nota de rodapé, que tanto Lechi (1993) quanto André (1987) sugerem que esta elegia ou pode ser dirigida ao poeta Caro ou ao poeta Celso, de quem Ovídio chora a morte nas *Pônticas* I, 9. Além dessas possibilidades, Prata (2009) acrescenta que Ferrara (1944) comenta que Lorentz (*De amic. in Ov. trist. pers.*), adotando a opinião de Loers expressa na sua edição dos *Tristia*, sustentada também por Koch (*Prosop. Ovid. Elem.*), diz ser esta dirigida a Sesto Pompeu. Então, essa elegia I, 5 dos *Tristes* representa bem o que o poeta disse no início das *Pônticas*: existem destinatários nos *Tristes*, mas eles não são nomeados.

Vemos um caso semelhante ao anterior nos *Tristes* I, 7, pois também se fala de um amigo cuja identidade é ocultada. Observemos seu início:

*Si quis habes nostri similes in imagine uultus,
Deme meis hederas, Bacchica sertas, comis!
Ista decent laetos felicia signa poetas:
Temporibus non est apta corona meis.
Hoc tibi dissimula, senti tamen, optime, dici,
In digito qui me fersque refersque tuo
Effigiemque meam fuluo complexus in Auro
Cara relegati, quae potes, ora uides.⁷⁶ (Tr. I, 7, 1-8)*

Nos primeiros versos, temos a sensação de que o autor fala para o seu público, seu leitor em geral, ao utilizar a expressão *si quis*. Contudo, no verso 5, ele se dirige a um leitor em específico que inferimos ser seu amigo, dado o vocativo do adjetivo “ótimo” (*optime*). Os versos parecem trazer como destinatário um amigo que possui um selo com a imagem de Ovídio, coroado de heras, símbolo da poesia lírica, e também, por que não, da poesia produzida por Ovídio antes de seu exílio: poesia amorosa e épica. A identidade desse destinatário também é discutida e Herrera Montero, que

amor da morte, / Sabes bem a quem falo, colocando, ao invés do nome, sinais, / Não te esqueces, **amigo**, de teu dever.”

⁷⁶ “Se, quem quer que sejas, tiveres um rosto igual ao nosso em retrato, / Tira de meu cabelo as heras, coroa báquica! / Esses felizes adornos convêm aos venturosos poetas: / À minha situação não é própria essa coroa. / Que isto te foi dito oculta, ó ótimo amigo, mas escuta, / Tu que em teu dedo me conduzes e reconduzes / E, tendo engastado minha efígie no fulvo ouro, / A cara face do relegado que podes, vê.”

levanta algumas hipóteses sobre ela: Higino, diretor da Biblioteca do Palatino e, portanto, guardião dos livros, ou Bruto, também destinatário das *Pônticas* I, 1, III 9 e IV 16, apresentado pelo próprio Ovídio como protetor de suas obras. Segundo Prata (2002), esse destinatário é o mais enigmático, uma vez que muitas pessoas em Roma, na época, poderiam portar tal anel.

O que também chama a atenção nessa sétima elegia do Livro I dos *Tristes* é que o remetente vem explicitado⁷⁷:

*Quae quotiens spectas, subeat tibi dicere forsan:
“Quam procul a nobis Naso sodalis abest!”*⁷⁸ (Tr. I, 7, 9-10)

Nota-se que Ovídio nomeia o remetente de maneira indireta, dentro do que seria um dizer do destinatário, entretanto a identificação continua por meio de descrição de si mesmo: autor que teve os versos que cantavam as metamorfoses dos homens interrompidos pelo exílio.

Nos *Tristes* I, 8, o autor começa a se expressar como se não houvesse destinatário específico, pois, até o verso 8, ele apenas descreve fatos impossíveis de acontecer visto que contrariam as leis naturais: as águas dos rios profundos voltarem a sua nascente, o sol mudar de curso, o céu ser sulcado pelo arado, a terra suportar as estrelas, a onda lançar chamas, e o fogo lançar águas.

*In caput alta suum labentur ab aequore retro
Flumina, conuersis Solque recurret equis,
Terra feret stellas, caelum findetur aratro,
Vnda dabit flammas et dabit ignis aquas,
Omnia naturae praepostera legibus ibunt,
Parsque suum mundi nulla tenebit iter,
Omnia iam fient fieri quae posse negabam
Et nihil est de quo non sit habenda fides.*⁷⁹ (Tr. I, 8, 1-8)

⁷⁷ Ressaltamos que a questão da aparição do destinatário e do remetente nas *Pônticas* foi retratada no capítulo I.

⁷⁸ “Todas as vezes que a contemplares, talvez te ocorra dizer: / “Quão longe de nós o amigo Nasão está!”.

⁷⁹ “Para a sua nascente retornarão do mar os profundos / Rios, e, voltados os cavalos, o Sol retrocederá, / A terra suportará as estrelas, o céu será sulcado pelo arado, / A onda lançará chamas e lançará o fogo águas, / Tudo caminhará contra as leis da natureza, / E parte alguma do mundo manterá seu caminho, / Já já acontecerá tudo o que negava ser possível acontecer / E não há nada em que não se deva acreditar. /”

Porém, logo depois, nos dois versos seguintes, ressalta que não há nada em que não se deva acreditar, pois ele não recebeu auxílio de quem acreditava que receberia (*Haec ego uaticinor, quia sum deceptus ab illo / Laturum misero quem mihi rebar opem*). Ou seja, Ovídio trouxe todas essas imagens para nos dizer que nada é impossível, já que um amigo seu não agiu como tal, sendo desleal. Essa deslealdade, como diz Prata (2002), seria tão inverossímil quanto os fatos citados, mas, se ela aconteceu, pode-se acreditar em qualquer coisa.

Tudo isso foi dito sem que o poeta se dirigisse diretamente a um interlocutor, que aparece apenas no verso 11, com o pronome de segunda pessoa *te* e o vocativo *fallax*:

*Tantane te, fallax, cepere obliuia nostri,
Adflictumque fuit tantus adire timor,
Vt neque respiceres nec solarere iacentem,
Dure, neque exequias prosequerere meas?*⁸⁰ (Tr. I, 8, 11-14)

Ovídio continua sua narração, trazendo os diversos favores que teria feito a esse suposto amigo, o que já tinham realizado juntos, ou seja, menciona o aprazível convívio que tiveram para comprovar o que foi dito nos primeiros versos da elegia: sua deslealdade era absurda. No meio de toda essa narração, aparecem outras referências ao interlocutor, geralmente os pronomes *tu* e *te*, porém não é possível identificá-lo. Prata (2002), em nota de rodapé a sua tradução, diz que alguns estudiosos levantam hipóteses sobre a identidade desse interlocutor, como G. Ferrara (1944), que comenta que Merkel (*Trist.* I, 8, 33) e Graeber (*Unters. ü. Ov. Brief.* p. 9) dizem que essa elegia é dirigida a Macro, companheiro de Ovídio na viagem para a Sicília e Ásia (*ex P.* II, 10, 21 e ss.), como também cogita a possibilidade de ser o poeta Pompeu Macro, a quem é endereçada a elegia 18, do livro II dos *Amores*.

A imagem do remetente nessa elegia I, 8 tampouco é apresentada claramente, apenas podemos dizer que se trata de um amigo traído que se sentiu inconformado com a atitude de quem considerava um verdadeiro companheiro.

⁸⁰ “De ti, falaz, se apoderou um esquecimento tão grande de mim, / E tiveste um temor tão grande de te aproximar de um aflito, / Que não tens olhado nem consolado a mim, abatido, / Ó cruel, nem tens acompanhado minhas exéquias?”

Observemos agora o início de uma elegia de outro livro dos *Tristes*, que, diferentemente das citadas anteriormente, parece trazer como destinatário seu leitor em geral e não alguém específico:

*Hunc quoque de Getico, nostri studiose, libellum
Litore praemissis quattuor adde meis!*⁸¹ (Tr. V, 1, 1-2)

Nota-se que Ovídio faz uso de um vocativo – *nostri studiose*, enfatizando a imagem do destinatário, mas em nenhum momento, no decorrer da elegia, traz o nome dele. Della Corte (1973, p. 322) também não identifica ninguém em particular, trazendo a imagem de leitor benévolo em seu comentário: “O leitor benévolo deve acrescentar este livro dos *Tristia* aos quatro precedentes já enviados a Roma”⁸².

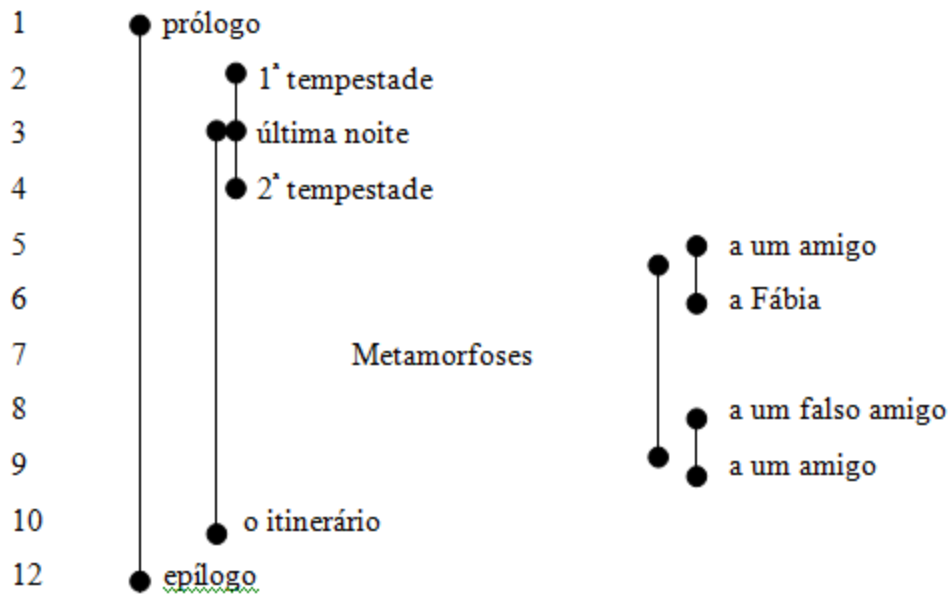
Em outras passagens, continua pressupondo a imagem do interlocutor ao se dirigir a ele com verbos em segunda pessoa, mas não há identificação. Pode-se, talvez, estar se referindo ao próprio leitor geral.

No capítulo anterior, apresentamos uma simetria da disposição dos destinatários e dos temas nas elegias nos Livros Primeiro, Segundo e Terceiro das *Pônticas*, formulada por Herrera Montero (2002).

É válido dizer que Della Corte (1973) elaborou um quadro para esquematizar o Livro I dos *Tristes*, que Prata (2002, p. 172) reformula baseando-se na temática das elegias:

⁸¹ “Também este livrinho, meu admirador, ajunta / Aos quatro outros enviados do litoral gético!”.

⁸² “Il lettore benévolo aggiunga questo libro dei tristia ai precedenti quattro già inviati a Roma.”



A pesquisadora explica que as elegias 1 e 11 fazem parte de um mesmo bloco, porque possuem funções específicas - iniciar e finalizar o livro. As elegias 2, 4 e 10, por descreverem a viagem para o exílio, formam outro subgrupo, assim como as elegias 5, 6, 8 e 9, todas endereçadas a pessoas familiares ao poeta. As elegias 3 e 7 encontram-se no mesmo grupo, por apresentarem características muito particulares.

Como vimos, nas *Pônticas*, no capítulo anterior, há uma preocupação com a construção da obra, parece ter acontecido o mesmo com os *Tristes*.

O que nos chama a atenção é que encontramos o que de fato Ovídio disse nos primeiros versos das *Pônticas*: a diferença entre as duas obras era que as *Pônticas* traziam, sem ocultar o nome, a quem eram endereçadas, enquanto os *Tristes*, não. Como vimos na maioria das elegias dos *Tristes* citadas acima, de fato há a presença de um destinatário, como há a intenção de estudiosos de tentar desvendar quem eles eram por a obra não apresentar explicitamente de quem se trata.

O que parece claro a todo momento é que se tirarmos o nome do destinatário, as *Pônticas* ficam como uma obra elegíaca tal como os *Tristes*.

Conclui-se, desse modo, a questão dos destinatários de carne e osso como uma questão metapoética: o destinatário parece ser só um mote para Ovídio discutir sua nova condição e, por consequência, sua nova produção.

2.1.1 O livro como destinatário e remetente

A questão dos destinatários é tão particular que Ovídio traz, nos *Tristes*, um que não é de carne e osso: o próprio livro. Este também chega a aparecer como remetente nas elegias III, 1 e V, 4. Observa-se, então, que o livro é personificado, ou seja, tem ouvidos para escutar suas palavras e boca para expressar seus pensamentos.

Observemos, inicialmente, o que acontece já na primeira elegia dos *Tristes*:

Parue -- nec inuideo -- sine me, *liber*, ibis in Urbem:
 Ei mihi! quod domino non licet ire tuo.⁸³ (Tr. I, 1, 1-2)

Ovídio, então, iniciou sua elegia dirigindo-se ao livro – vê-se o vocativo *parue liber*⁸⁴, e do começo ao fim dá conselhos a ele de como se apresentar e agir em Roma, lugar onde lamenta não poder mais ir. O vocativo *liber* também aparece em outros momentos da elegia, mais especificamente nos versos 15, 49, 87 e 125:

*Vade, liber, uerbisque meis loca grata saluta!*⁸⁵ (Tr. I, 1, 15)

*Denique securus famae, liber, ire memento,
 Nec tibi sit lecto displicuisse pudor!*⁸⁶ (Tr. I, 1, 49-50)

*Ergo caue, liber, et timida circumspice mente
 Vt satis a media sit tibi plebe legi!*⁸⁷ (Tr. I, 87-88)

*Et si quae subeunt tecum, liber, omnia ferres,
 Sarcina laturo magna futurus eras.*⁸⁸ (Tr. I, 1, 125-126)

⁸³ “Ó meu pequeno livro - e não invejo - irás a Roma sem mim: / Aonde, ai de mim!, a teu senhor não é permitido ir.”

⁸⁴ Chamou-nos a atenção a semelhança entre o som do vocábulo *parue*, que inicia a primeira elegia dos *Tristes*, e o do vocábulo *Maxime*, que dá início à segunda elegia das *Pônticas* (*Maxime, qui tanti mensuram nominis inples...*). A impressão que nos dá é que *Maxime* ecoa *parue*, e ambos são o oposto: o grande e o pequeno – o livro seria pequeno segundo o autor.

⁸⁵ “Vai, **livro**, e saúda com minhas palavras os lugares que me são caros!”

⁸⁶ “Finalmente, lembra-te de ir, meu **livro**, sem te importares com tua fama, / E sem te envergonhares de ser lido e não agradar.”

⁸⁷ “Logo, acautela-te, ó livro, e com espírito receoso observa / Para que te contentes em ser lido pela gente comum!”

Ao se dirigir ao próprio livro, Ovídio, como Prata (2002, p. 165) comenta, deseja que ele parta para Roma e leve consigo informações de seu infortúnio, bem como suas súplicas. Também não deve apresentar ornatos nem ser polido pela pedra-pomes, pois, como narra somente desgraças e tristezas, seu aspecto tem que condizer com a presente desventura sofrida pelo exilado. Ao chegar a Roma, deve ter cuidado, visto que os escritos do poeta o levaram ao exílio. É importante que procure aqueles que se compadeçam com sua leitura, para poder apresentar as súplicas de Ovídio, e quem sabe, conseguir-lhe algum auxílio. Se alguém reclamar da falta de engenho na composição dos versos, deve expor o contexto em que foram escritos. Além disso, pede ao livro que, caso vá até sua casa, veja os volumes antigos, mas que se mantenha longe da *Ars Amatoria*, causa principal de sua desgraça. No final da elegia, apressa o livro por ser longo o caminho que percorrerá até chegar a Roma.

Parece-nos que Ovídio quer dirigir os dizeres dessa elegia ao próprio leitor, mas identifica o livro como destinatário. O destinatário parece não importar desde que o poeta consiga dizer a todos como é o livro e seu objetivo. O que parece ocorrer é o que verificamos nas *Pônticas* no capítulo anterior: Ovídio, em muitos momentos, se esquece do destinatário e passa a falar com o leitor de forma geral, expondo suas mazelas do exílio – ele parece não se importar com quem fala, mas com o que ele fala. Nesse sentido, observamos que tanto nas *Pônticas* quanto nos *Tristes* o foco principal é o lamento, mais do que a sustentação do gênero epistolar até o fim.

Com relação à identificação do remetente, vimos, no capítulo anterior, que, nas *Pônticas* I, 1, na elegia endereçada a Bruto, Ovídio diz seu próprio nome (*Naso*) abertamente, fato que não ocorre nos *Tristes* I, 1. Pode-se pensar que, como ele está falando com o livro, produzido por ele mesmo, ficaria estranho se essa identificação aparecesse, no entanto ele mostra quem é em vários momentos, afirmando que estava exilado - havia recebido uma grave punição -, vivia bem distante de sua pátria, mencionando algumas das obras que compôs.

⁸⁸ “E se tu, ó meu livro, levasse contigo todas as coisas que me ocorrem, / Estarias com um fardo muito pesado para quem te carregue.”

Chamou-nos a atenção também, como mencionado anteriormente, uma outra situação: em alguns momentos, Ovídio coloca o livro como remetente, ou seja, dá voz a ele. É o caso dos *Tristes* III, 1 e V, 4. Vejamos:

*Missus in hanc uenio timide liber exulis urbem:
Da placidam fesso, lector amice, manum
Neue reformida ne sim tibi forte pudori!
Nullus in hac charta uersus amare docet.*⁸⁹ (Tr. III, 1, 1-4)

Observa-se que o remetente fica explícito logo no primeiro verso e que não se trata apenas de um livro qualquer, mas do livro de um exilado (*liber exulis*), obra que não envergonharia o leitor por não ter nenhum verso que ensina a amar. Nota-se já no início um alerta de que o conteúdo do livro não se relaciona ao da *Arte de Amar*, que, conforme discutimos na introdução, era provavelmente uma das possíveis causas do exílio do poeta. É interessante observar, então, que, quando o livro está em questão, como destinatário na elegia I, 1 ou como remetente agora na elegia III, 1, Ovídio enfatiza a questão de sua obra não cantar o amor e distanciar-se desse assunto.

No decorrer da elegia III, 1, percebemos que o livro continua tendo voz, ou seja, ele é o remetente de toda a elegia:

*Dicite, lectores, si non graue, qua sit eundum
Quasque petam sedes hospes in urbe liber.*⁹⁰ (Tr. III, 1, 19-20)

*Me miserum! uereorque locum, uereorque potentem,
Et quatitur trepido littera nostra metu.*⁹¹ (Tr. III, 1, 53-54)

Nos versos 19 e 20, observamos que o livro pergunta aos leitores onde deve ir e quais casas procurar, ou seja, ele pede uma indicação de que caminho ele, o livro de um exilado, deve seguir. Nos versos 53 e 54, o livro parece carregar os mesmos “medos”, pois sua letra chega até a tremer.

⁸⁹ “Enviado a esta Cidade, eu, livro de um exilado, chego receoso: / Estende, leitor amigo, tua mão benevolente a alguém exausto / E não temas que eu te possa envergonhar! / Verso algum destas páginas ensina a amar.”

⁹⁰ “Dizei, leitores, se não vos é penoso, para onde se deve ir / E quais casas procurar um livro estrangeiro na Cidade.”

⁹¹ “Ai de mim! Receio este lugar, receio o soberano, / E treme-se minha letra com inquietante medo.”

Já na quarta elegia do Livro V, Ovídio também dá voz à epístola, colocando-a como remetente:

Litore ab Euxino Nasonis epistula ueni

*Lassaque facta mari lassaque facta uia.*⁹² (*Trist.* V, 4, 1-2)

Vemos que apesar de a carta ter sido escrita por Ovídio – *Nasonis epistula*, não é ele quem tem voz na elegia, mas ela. Tal fato não ocorre nas *Pônticas* I, que traz o próprio Nasão como emissor.

Observamos que o livro ou a epístola como destinatário ou ganhando voz dentro da elegia ocorre apenas nos *Tristes*, nas *Pônticas* I não encontramos nada semelhante a isso.

2.1.2 Classificação como epístola

Ao olharmos mais atentamente o último trecho citado, vemos que a persona poética está chamando a produção dos *Tristes* de *epistula*, o que também ocorreu em outros momentos da obra. Citemos alguns:

Haec mea si casu miraris epistula quare

Alterius digitis scripta sit, aeger eram,

Aeger in extremis ignoti partibus orbis

*Incertusque meae paene salutis eram.*⁹³ (*Tr.* III, 3, 1-4)

É interessante observar que, nesse caso acima, Ovídio destaca que não é ele quem está escrevendo, no sentido de usar suas próprias mãos, já que se diz debilitado. No entanto, trata-se de uma *epistula* segundo o primeiro verso dos *Tristes* III, 3.

⁹² “Do litoral euxino, eu, a carta de Nasão, chego, / Debilitada pelo mar, debilitada pelo caminho.”

⁹³ “Se acaso te admiras de esta minha carta ser escrita / Por mãos alheias, é porque estou doente, / Doente nos confins de um mundo desconhecido / E quase incerto sobre minha cura.”

*Litore ab Euxino Nasonis epistula ueni
Lassaque facta mari lassaque facta uia.*⁹⁴ (Tr. V, 4, 1-2)

Nessa outra elegia, fica evidente que é a própria carta que fala em primeira pessoa e se autodenomina *epistula*.

No livro V dos *Tristes*, o poeta apresenta novamente essa “classificação” de sua obra:

*Quam legis, ex illa tibi uenit epistula terra,
Latus ubi aequoreis additur Hister aquis.*⁹⁵ (Tr. V, 7, 1-2)

Se observamos as *Pônticas*, também notamos que o poeta Ovídio chama, em mais de um momento, sua nova produção de *epistula*:

*Rebus idem titulo differt, et epistula cui sit
non occultato nomine missa docet.*⁹⁶ (Pont. I, 1, 17-18)

*forsitan haec a quo mittatur epistula quaeras,
quisque loquar tecum certior esse uelis.*⁹⁷ (Pont. I, 2, 5-6)

O uso do termo *epistula* para definir, às vezes, sua produção nos chamou a atenção, pois ambas as obras, tanto os *Tristes* como as *Pônticas*, são compostas por elegias, como González Vázquez (1992) nos diz, com mais ou menos características de cartas, mas não em sentido *stricto sensu*. Isso nos leva a não considerar, por exemplo, que ambas seriam elegias com aspectos de epístola, sendo que as *Pônticas* apresentam um caráter epistolar mais acentuado. Sabendo que Nasão é o mestre da composição de gêneros e que sempre ultrapassa os limites dos mesmos, como nos diz Albrecht (1987), não esperaríamos outra coisa.

⁹⁴ “Do litoral euxino, eu, a **carta** de Nasão, chego, / Debitada pelo mar, debilitada pelo caminho.”

⁹⁵ “A **carta** que lês te chega daquela terra / Onde o largo Istro se soma às águas do mar.”

⁹⁶ “É igual no assunto, o título difere, e a **carta** informa, / sem ocultar o nome, a quem é endereçada.”

⁹⁷ “...talvez perguntes quem te envia esta **carta**, / e queiras te certificar de quem está falando contigo.”

2. 2 Distância da terra natal

Fica claro tanto nas *Pônticas* como nos *Tristes* que Ovídio não está mais em sua terra natal, encontra-se exilado em terras estrangeiras. Observemos, mais uma vez, o dístico que inicia os *Tristes*:

*Parue -- nec inuideo -- sine me, liber, ibis in Urbem:
Ei mihi! quod domino non licet ire tuo.*⁹⁸ (Tr. I, 1, 1-2)

Ovídio, no trecho citado, inicialmente deixa claro que não está em Roma, enquanto que, no início das *Pônticas*, ele esclarece que está no gético litoral:

*Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae
hoc tibi de **Getico litore** mittit opus.
Si uacat, hospitio peregrinos, Brute, libellos*⁹⁹ (Pont. I, 1, 1-3)

Em outros momentos dos *Tristes*, ele indica o local de onde escreve:

*Quid tibi cum **Ponto**? num te quoque Caesaris ira
Extremam gelidi misit in orbis humum?*¹⁰⁰ (Tr. III, 13, 11-12)

*Hunc quoque de **Getico**, nostri studiose, libellum
Litore praemissis quattuor adde meis!*¹⁰¹ (Tr. V, 1, 1-2)

*Arua relegatum iussisti uisere Ponti,
Et Scythicum profuga scindere puppe fretum.
Iussus ad Euxini deformia litora ueni
Aequoris – haec gelido terra sub axe iacet.*¹⁰² (Tr. V, 2b, 17-20)

⁹⁸ “Ó meu pequeno livro - e não invejo - irás a Roma sem mim: / Aonde, ai de mim!, a teu senhor não é permitido ir.”

⁹⁹ “Nasão, que já não é um novo habitante da terra tomitana, / a ti envia esta obra do gético litoral. / Se estás livre, Bruto, acolhe com hospitalidade estes livrinhos estrangeiros”

¹⁰⁰ “Que tens com o Ponto? Acaso a ira de César também a ti / Enviou a esta terra nos confins de um gélido mundo?”

¹⁰¹ “Também este livrinho, meu admirador, ajunta / Aos quatro outros enviados do **litoral gético!**”

¹⁰² “Relegado, mandaste-me conhecer as regiões do Ponto / E o mar cítico sulcar em nau proscrita. / Cumprindo ordens, aos horrendos litorais do mar Euxino / Cheguei a esta terra que jaz sob o gélido pólo.”

Pode-se pensar que a insistência no fato de se dizer várias vezes onde está se dá porque o local onde ele se encontra influencia, de acordo com o poeta, sua produção, pois também teria perdido seu público leitor, tendo apenas bárbaros para ouvir seus versos, ou seja, escreveria a si mesmo:

*Sustinet in tantis hospita Musa malis.
Sed neque cui recitem quisquam est mea carmina, nec qui
Auribus accipiat verba Latina suis.
Ipse mihi Ë quid enim faciam? Ë scriboque legoque,
Tutaque iudicio littera nostra suo est.
Saepe tamen dixi: “Cui nunc haec cura laborat?
An mea Sauromatae scripta Getaeque legent?”¹⁰³(Tr. IV, 1,
89-94)*

A imagem apresentada, conforme Santos (2015) expõe, é a de um poeta mutilado, sem seu público, forçado a viver entre povos hostis, o que indicaria não só a mudança de contexto que encontramos nas elegias escritas em Tomos, e de certo modo uma ruptura em relação a sua produção anterior, mas, principalmente, enfatizaria o caráter poético da obra.

Nas *Pônticas*, o poeta também lamenta sua localização, afirmando que gostaria de estar em um lugar que, pelo menos, fosse humano:

*At, puto, qua genitus fueram tellure carenti
in tamen humano contigit esse loco:
orbis in extremi iaceo desertus harenis,
fert ubi perpetuas obruta terra niues.¹⁰⁴ (Pont. I, 3, 47-50)*

Ovídio, então, estaria em um local desfavorável para a produção poética, cercado de bárbaros e inimigos que o impedem de escrever:

*At timor officio fungi uetat ipse quietum:
Cinctus ab innumero me tenet hoste locus.*

¹⁰³ “ Mas não há para quem declamar meus versos, nem quem / Possa ouvir e compreender palavras latinas. / É para mim mesmo – que fazer, afinal? – que escrevo e leio, / E meus escritos não têm que temer seu julgamento. / Mas amiúde digo: ‘Para quem se empenha tal fadiga? / Acaso meus versos os sármatas e os getas lerão?’”

¹⁰⁴ “Mas, penso que, sentindo falta da terra onde nasci, / tivesse a sorte de estar, pelo menos, em um lugar humano: / jazo abandonado nas areias da extremidade do mundo, / onde a terra encoberta suporta neves perpétuas.”

*Adde quod ingenium longa rubigine laesum
Torpet et est multo, quam fuit ante, minus.*¹⁰⁵ (Tr. V 12, 19-22)

Santos (2015) entende a mudança de ambiente representada acima como uma mudança na temática elegíaca, pois, diferentemente de quando estava em Roma, agora o contexto de produção é outro e, por conseguinte, a matéria poética também o será, bem como a função conferida ao fazer poético.

Para corroborar a ideia de local desfavorável, Ovídio se define como *exul*, quando, na verdade, é *relegatus*, e descreve minuciosamente o local do exílio. Observaremos essas construções mais atentamente nos itens a seguir.

2.2.1 Uso de *exul* / *exilium*

A distância de sua terra natal, como Ovídio faz questão de destacar sempre, não se deu por sua própria vontade, mas por uma dura decisão de Augusto:

*Cumque alii causa tibi sint grauiore fugati,
Vterior nulli quam mihi terra data est;
Longius hac nihil est, nisi tantum frigus et hostes,
Et maris adstricto quae coit unda gelu.
Hactenus Euxini pars est Romana sinistri,
Proxima Bastarnae Sauromataeque tenent;
Haec est Ausonio sub iure nouissima uixque
Haeret in imperii margine terra tui.*¹⁰⁶ (Tr. II, 193-200)

O poeta mostra, então, em vários momentos nos *Tristes* e nas *Pônticas*, como no excerto citado acima, seu descontentamento com a decisão de Augusto de tê-lo banido

¹⁰⁵ “O próprio temor, todavia, impede-me de realizar tranquilo o trabalho: / Este lugar, cercado por inimigos inumeráveis, detém-me. / Acresce que o engenho, prejudicado pela longa inércia, / Entorpece-se e é muito inferior a antes.”

¹⁰⁶ “Embora outros tenham sido por ti banidos por motivos mais graves, / A ninguém que não a mim foi destinada terra mais distante; / Mais além dessa nada há senão apenas frio e inimigos / E ondas do mar congeladas pelo frio glacial. / Até aqui é romana a parte esquerda do Ponto, / Bastarnos e sármatas ocupam as proximidades, / Esta é a última terra sob domínio ausônio, / E custosamente jaz nas margens de teu império.”

para uma terra tão distante e inóspita, já que tal pena não foi imputada a outros que cometeram crimes mais graves.

O autor sulmonense, ao comentar ao leitor a pena que foi a ele imputada por Augusto, diz ter sido o imperador leve ao nomear a pena, pois ele foi relegado e não exilado:

*Attamen in poenae nomine lene fuit:
Quippe relegatus, non exul dicor in illo
Priuaque fortunae sunt tibi uerba meae.¹⁰⁷ (Tr. II, 136-138)*

Como vemos nessa passagem, o autor nos informa que foi chamado de *relegatus* e não de *exul*, uma vez que sua pena foi a *relegatio*, como ele mesmo nos informa na elegia V, 2b:

*Ira quidem moderata tua est uitamque dedisti,
Nec mihi ius ciuis nec mihi nomen abest,
Nec mea concessa est aliis fortuna, nec exul
Edicti uerbis nominor ipse tui.
Omniaque haec timui, quia me meruisse uidebam;
Sed tua peccato lenior ira meo est.¹⁰⁸ (Tr. V, 2b, 11-16)*

Nessa passagem, observamos que Ovídio agradece a Augusto pela punição que recebeu, pois diz merecer algo muito pior pelo erro cometido: merecia ter sido exilado. Suas palavras parecem querer mover o *pathos* do leitor e também de Augusto, pois ele enfatiza o sofrimento, seja ao considerar que merecia uma pena maior do que teve, seja ao se sentir realmente como um exilado, demonstrando revolta em relação a pena imputada por Augusto, como vimos acima.

Ovídio joga muito com a ideia de exílio. Ele se sente um *exul* e sua pena é por ele denominada *exilium* em vários momentos tanto nos *Tristes* como nas *Pônticas*, como podemos ver pelos exemplos abaixo:

¹⁰⁷ “Foi, todavia, leve ao nomear a pena: / Porque sou nele chamado **relegado**, e não **exilado**, / E te serves de palavras especiais para o meu caso.”

¹⁰⁸ “Tua ira, certamente, foi moderada: deste-me a vida, / Nem os direitos de cidadão, nem o nome me foi tirado, / Nem meus bens foram entregues a outrem, nem sou nomeado / Exilado pelos termos de teu edito. / Tudo isso temi, porque achava que o merecia; / Mas tua ira foi mais leve que meu erro.”

... nihil inpedit ortos
exule seruat legibus Vrbe frui¹⁰⁹ (Pont. I, 1, 21-22)

Mors faciet certe ne sim, cum uenerit, *exul*;
 ne non peccarim mors quoque non faciet¹¹⁰ (Pont. I, 1, 65-66)

Non petito ut bene sit, sed uti male tutius utque
exilium saeuo distet ab hoste meum¹¹¹ (Pont. I, 2, 103-104)

...nec male compositos, ut scilicet *exule* dignum¹¹² (Pont. I, 2, 109)

Tu tamen *exilii* morsus e pectore nostro
 fomentis speras cedere posse tuis.¹¹³ (Pont. I, 3, 43-44)

in quibus ingenium desiste requirere nostrum,
 nescius *exilii* ne uideare mei.¹¹⁴ (Pont. I, 5, 3-4)

Deque tot expulsis sum miles in *exule* solus:
 tuta – nec inuideo – cetera turba latet.¹¹⁵ (Pont. I, 8, 7-8)

Vade, sed incultus, qualem decet *exulis* esse.
 Infelix, habitum temporis huius habe!¹¹⁶ (Tr. I, 1, 3-4)

Vltima perpetior medios eiectus in hostes,
 Nec quisquam patria longius *exul* abest.¹¹⁷ (Tr. II, 187-188)

¹⁰⁹ “...nada impede aos nascidos / de um **exilado** desfrutar a cidade desde que respeitadas as leis”.

¹¹⁰ “A morte certamente fará, quando ela vier, com que eu não seja um **exilado** / mas também a morte minha culpa não poderá apagar”.

¹¹¹ “Não pedirá que esteja bem, mas mal, / no entanto, em segurança, e que meu **exílio** esteja afastado do impetuoso inimigo”.

¹¹² “... que minhas cinzas mal compostas, como certamente é digno de um **exilado**.”

¹¹³ “Tu, entretanto, esperas que, com teus consolos, / possam abandonar nosso peito as mordeduras do **exílio**.”

¹¹⁴ “Nelas desiste de buscar meu talento / para que não pareças desconhecedor de meu **exílio**.”

¹¹⁵ “E de tantos expulsos eu sou o único que é soldado em seu exílio: / os outros, não me ressinto, se escondem em um local seguro.

¹¹⁶ “Vai, mas sem ornatos como convém ser o de um **exilado**. / Infeliz, exhibe o aspecto desta presente situação.”

¹¹⁷ “Lançado em meio aos inimigos, padeço aflições extremas, / Ninguém está **exilado** mais longe de sua pátria.”

*Missus in hanc uenio timide liber **exulis** urbem*¹¹⁸ (Tr. III, 1, 1)

*Me miserum, si tu, cum diceris **exulis** uxor,
Auertis uultus et subit ora rubor!*¹¹⁹ (Tr. IV, 3, 49-50)

*Quid tibi deberem tota sciretur in Vrbe,
Exul in amissa si tamen Vrbe legor.*¹²⁰ (Tr. V, 9, 5-6)

*Quod te nescio quis per iurgia dixerit esse
Exulis uxorem littera quæsta tua est.*¹²¹ (Tr. V, 11, 1-2)

Pode-se pensar que, ao se denominar *exul*, Ovídio, em suas elegias, estabelece um *ethos* de sofrimento, como discute Prata (2009) no artigo *Tristes II de Ovídio: um pedido a Augusto*, uma vez que apresenta seu desterro de forma mais severa e difícil de suportar: o *exilium* implicava a perda das propriedades e os direitos civis. Agindo dessa maneira, como comenta Prata (2009), ele poderia mover o *pathos* dos destinatários de suas cartas e, considerando que muitos deles eram pessoas próximas a Augusto, logo também poderia, por intermédio deles, despertar um sentimento de comisseração no Imperador e finalmente obter seu perdão ou, pelo menos, a alteração do lugar do exílio. Mas pode-se pensar que ele queira fazer referência a Eneias, o grande *exul* da poesia augustana, como Prata (2007) discute amplamente em sua tese de doutorado.

Impulsionada pelo símile presente nos *Tristes* I, 3, 24-25 (*Si licet exemplis in paruo grandibus uti, / Haec facies Troiae, cum caperetur, erat*)¹²², em que Ovídio praticamente iguala sua desdita à de Troia, e pela semelhança entre as elegias I, 2, 3 e 4 do segundo livro dos *Tristes* e os cantos I, II e III da *Eneida*, respectivamente, Prata (2009) ressalta que fica evidenciado o sutil e intrincado jogo alusivo que se estabelece entre essas duas obras, que pode ser observado pela aproximação da sorte dos protagonistas, pois:

¹¹⁸ “Enviado a esta Cidade, eu, livro de um **exilado**, chego receoso”.

¹¹⁹ “Ai de mim, se, quando te chamam de mulher do **exilado**, / Desvias o rosto e o pudor te cora a face!”

¹²⁰ “O que te devo seria conhecido em toda a Urbe, / Se, **exilado**, todavia, sou lido na cidade que perdi.”

¹²¹ “Que eu não saiba quem te chamou em uma discussão / De mulher de um **exilado** queixa-se tua carta.”

¹²² “Se é lícito servir-se de grandes exemplos no pequeno, / Este era o aspecto de Tróia quando capturada”.

Ovídio, exilado pelo destino assim como Eneias, um *fato profugus*, encontra-se em alto-mar em meio a uma tempestade avassaladora. Ovídio é um brinquedo do acaso, atirado por terras e mares em busca do desconhecido, assim como Eneias é *iactatus et terra et alto*. Entretanto, a sorte de Ovídio é mais lamentosa (elegíaca), pois, enquanto Eneias se encontra a vagar em busca da terra onde será construída sua nova pátria e a descendência romana, Ovídio parte de sua terra natal em busca de terras bárbaras, localizadas nos confins do mundo. (p.40)

A pesquisadora afirma que Ovídio, além de se revestir da couraça do herói épico, ao se colocar como um *alter Aeneas* às avessas e comparar seu sofrimento à destruição de Troia, constrói a estrutura narrativa de sua elegia I, 3 seguindo os passos da *Eneida* de Virgílio. Tola (2004, apud Prata, 2007) em sua introdução ao livro *La métamorphose poétique chez Ovide: Tristes et Pontiques*, também ressalta que Nasão está apto a ter o papel de um herói épico, como o do Ulisses ou Eneias, símbolos do exílio e da imagem de um viajante errante.

O que nos chamou a atenção é que também nas *Pônticas*, logo na primeira elegia do Livro I, o poeta sulmonense faz referência direta à *Eneida*:

*Cum foret Aeneae ceruix subiecta parenti,
dicitur ipsa uiro flamma dedisse uiam.
Fert líber Aeneaden, et non iter omne patebit?
At patriae pater hic, ipsius ille fuit.*¹²³ (*Pont. I, 1, 33-36*)

Temos, nesta passagem uma interessante comparação entre o livro e Eneias. Nos dois primeiros versos, Ovídio faz referência ao episódio da saída de Eneias de Troia quando ela é destruída, e, nos dois últimos, compara o livro com Eneias: assim como este, aquele também carrega nas costas um pai, um Enéada, Augusto, descendente de Eneias, a quem foi dado o título de *pater patriae*, então mais poderoso que Anquises que só é pai de Eneias. Essa alusão à *Eneida* serve para corroborar as semelhanças entre os *Tristes* e as *Pônticas*, mantendo o universo épico no segundo via o primeiro.

¹²³ “Quando a cerviz de Eneias carregava seu pai, / diz-se que o próprio fogo ao herói abriu passagem. / Se meu livro um Enéada carrega, não se abrirá todo o caminho? / Este é o pai da pátria, o outro, só daquele.”

Também encontramos outra aproximação entre a *Eneida* e as *Pônticas*, e, conseqüentemente, entre as *Pônticas* e os *Tristes*: o exílio ovidiano também é amiúde denominado de *fuga* e *fugere* assim como o de Eneias. A tradução desses termos é apresentada por Adelmo Barigazzi, autor do verbete *fuga/fugio* na *Enciclopedia Virgiliana*, (apud Prata, 2007, p. 73), após elencar diversas passagens da *Eneida* em que aparecem o substantivo *fuga* e o verbo *fugere* com o sentido de “exílio” e “ir para o exílio”, confirma que o vocábulo *fuga* equivale a *exilium* e *fugio* a “ir para o exílio”.

Essa semelhança entre o uso de *fuga* e *fugere* nos *Tristes* e na *Eneida* também foi notada por Prata (2007, p. 72) que afirma que a correspondência entre o personagem elegíaco Ovídio e o herói da *Eneida* pode ser também observada através da denominação dada pelo protagonista dos *Tristes* I, 3 ao seu exílio – *fuga*¹²⁴:

*Attamen hanc odiis exonerate fugam*¹²⁵ (Tr. I, 3,36)

*Vltima sed iussae nox erat illa fugae*¹²⁶ (Tr. I, 3, 50)

A escolha pelo substantivo *fuga*, e também pelo o verbo *fugere* é a mesma encontrada no canto II para referir-se à partida de Eneias:

*Heitor – Heu, fuge, nate dea, teque his “ait” eripe flammis*¹²⁷
(En. II, 289)

*Vênus – Eripe, nate, fugam finemque impone labori*¹²⁸ (En. II,
619)

*Anquises – uos agitate fugam*¹²⁹ (En. II, 640)

*prospiciens “Nate” exclamat, “fuge, nate; propinquant*¹³⁰ (En.
II, 733)

¹²⁴ Os exemplos citados do uso de *fuga* e *fugere* nos *Tristes* e na *Eneida* foram levantados e discutidos por Prata (2007) em sua tese de doutorado.

¹²⁵ “Todavia, livrai este **exílio** de ódios”.

¹²⁶ “Mas aquela era a última noite antes do **exílio**”.

¹²⁷ “Ai, **foge**, filho da deusa, e livra-te destas chamas”.

¹²⁸ “Apressa, filho, a **fuga** e põe termo ao teu labor”.

¹²⁹ “Vós, preparai a **fuga**”.

¹³⁰ “[Anquises], olhando ao longe, exclama “Filho, **foge**, filho, aproximam-se”.

Nas *Pônticas*, esse uso dos vocábulos *fuga* e *fugere* para caracterizar o exílio ovidiano também é frequente:

*Est mala, confiteor, sed te bona fiet agente:
lenia pro misera fac modo uerba fuga.*¹³¹ (*Pont. I, 2, 69-70*)

*Ergo tam placidas orator missus ad aures
ut proprior patriae sit fuga nostra roga.*¹³² (*Pont. I, 2, 127-128*)

*Ille habuit comites primos telluris Achiuae,
at nostrum cuncti destituere fugam.*¹³³ (*Pont. I, 4, 33-34*)

*Sed neque peruenio scriptis mediocribus istuc
famaque cum domino fugit ab Vrbe suo*¹³⁴ (*Pont. I, 5, 83-84*)

Segundo Prata (2007, p. 73), Barigazzi também comenta que “a temática do exílio, uma constante na Eneida, está resumida na frase *fato profugus* que aparece logo no início da epopeia - *arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris/ Italiam fato profugus Lauiniaque uenit/ litora (...)* (*En. I, 1-3*)”.

Eneias é apresentado como um *profugus*, como alguém que se encontra exilado pelo destino ao estar fugindo de Troia, tomada pelos gregos. Nos *Tristes*, Ovídio também se coloca como *profugus*:

*Non mihi seruorum, comites non cura legendi,
Non aptae profugo uestis opisue fuit.*¹³⁵ (*Tr. I, 3, 10*)

¹³¹ “É má, confesso, mas boa se tornará se a defender: / usa somente palavras agradáveis em favor deste triste **exílio**.”

¹³² “Logo, como orador enviado a tão benévolos ouvidos, / roga que meu **exílio** esteja mais próximo da pátria.”

¹³³ “Ele teve como companheiros os melhores da terra aquiva, / enquanto todos me abandonaram em meu **exílio**.”

¹³⁴ “Mas eu não te alcanço com meus mediocres escritos, / e minha fama com seu senhor **foi exilada** da Cidade”.

¹³⁵ “Não me preocupei em escolher escravos nem companheiros, / Nem roupa nem riqueza necessárias ao **desterrado**”.

Como esperado, nas *Pônticas*, o uso de *profugus* para designar o poeta também ocorre:

*Naso suo profugus mittit tibi, Flacce, salutem,
mittere rem si quis qua caret ipse potest.*¹³⁶ (*Pont.* I, 10, 1-2)

Como podemos observar, Ovídio também nas *Pônticas* retoma a imagem de Eneias para construir sua própria imagem, do mesmo modo que o fez nos *Tristes*. Desse modo, podemos, na esteira de Prata, dizer que o nosso protagonista também nas *Pônticas* reveste-se da couraça do herói épico e se coloca como um *alter Aeneas* às avessas. Prata (2009, p. 51) explica como Ovídio cria mais especificamente essa imagem:

Nasão busca a todo o momento traçar semelhanças entre o seu infortúnio e o de Enéias e, por consequência, entre ele e o protagonista da *Eneida*, construindo para si uma imagem híbrida de um “herói” elegíaco. Colocando-se na mesma posição do personagem épico, o protagonista elegíaco se atribui um caráter de “herói” às avessas, pois sua persona é um misto, composta de características elegíacas e épicas. O protagonista dos *Tristes* possui todos os valores mais determinantes do herói da *Eneida* - a *pietas*, a bravura - bem como o mesmo fado - o desterro da pátria amada e as desgraças sofridas durante a viagem para o exílio, as guerras enfrentadas durante o desterro, uma mulher e amigos dignos de si, enfim, um fado em comum; contudo, não se encontra em um contexto épico, mas sim elegíaco. De todo modo, ao revestir-se da couraça do herói virgiliano, o personagem elegíaco apresenta-se como um *alter Aeneas* às avessas.

Assim, pode-se dizer que Ovídio, ao se considerar um *exul*, parece fazer referência, de fato, ao grande *exul* da poesia augustana, Eneias, apresentando seu exílio, contudo, de forma mais severa e difícil de suportar. A situação de Ovídio é mais dolorosa que a da Eneias, pois, de acordo com Prata (2002), o herói da *Eneida* somente abandona a pátria porque essa fora destruída e não porque tinha sido banido dela: Ovídio parte de Roma porque Augusto o relegara, enquanto Eneias deixa Troia porque

¹³⁶ “Nasão, seu **desterrado** amigo, te envia, Flaco, seus votos de saúde, / se é que se pode enviar a alguém algo de que se está privado.”

os deuses assim o quiseram, já que sua vontade era perecer lutando. O poeta sulmonense parte para o desconhecido, e Eneias, para a Itália, onde fundará uma nova “Troia”. Essa diferença, ressalta Prata (2002), faz pensar que o desterro de Nasão está repleto de dor e saudade e o de Eneias cheio de esperança, o que talvez o tornaria menos doloroso. Apesar de retomar a *Eneida* e trazer elementos épicos a sua narrativa, Ovídio não se esquece do caráter elegíaco de sua obra, construindo um *alter Aeneas*, porém elegíaco.

2.2.2 Dificuldade de sobreviver no local do exílio

Nas *Pônticas*, logo na segunda elegia, dirigida a Fábio Máximo, o poeta sulmonense expõe que o fato de estar exilado não é o único de seus tormentos, o local onde está é terrível, levando-se em conta que os habitantes de lá são extremamente violentos e cruéis, preocupados em causar uma dor profunda nos inimigos atingidos por seus dardos. Desse modo, além de não poder estar presente em sua terra natal – pena já difícil de suportar, ele teria que conviver com a falta de paz que os conflitos tomitanos lhe traziam:

*Hostibus in mediis interque pericula uersor,
tamquam cum patria pax sit adempta mihi.
Qui, mortis saueo geminent ut uulnere causas,
omnia uipereo spicula felle linunt.*¹³⁷ (Pont. I, 2, 13-16)

Nessa mesma elegia, ele descreve o clima daquele ambiente como eternamente frio – a um inverno se seguiria outro inverno. Esse seria mais um fardo que o poeta teria que carregar vivendo distante de Roma, ressaltado pela hipérbole *fine carent lacrimae*, o que torna o lamento ainda mais contundente:

¹³⁷ “Encontro-me no meio de estrangeiros e entre perigos, / como se, junto com a pátria, a paz me fosse arrebatada. / Eles, para duplicar as causas de morte com a crueldade da ferida, / cobrem todos os dardos com fel de serpente.”

*Adde loci faciem nec fronde nec arbore tecti
 et quod iners hiemi continuatur hiems.
 Hic me pugnantem cum frigore cumque sagittis
 cumque meo fato quarta fatigat hiems.
 Fine carent lacrimae, nisi cum stupor obstitit illis
 et similis morti pectora torpor habet.*¹³⁸ (Pont. I, 2, 23-28)

Na elegia seguinte, endereçada a Rufino, Ovídio está queixando-se novamente do lugar onde está – Tomos - afirmando que nem se pode dizer que é um local humano, já que viveria agora entre os considerados bárbaros pelos romanos. Ressalta novamente a dureza do clima, repleto da neve e impossibilitado, portanto, de permitir que alguma planta brote em uma região tão distante de Roma:

*Non ager hic pomum, non dulces educat uvas,
 non salices ripa, robora monte uirent.
 Neue fretum laudes terra magis, aequora semper
 uentorum rabie solibus orba tument.
 Quocumque aspicias, campi cultore carentes
 uastaque quae nemo uindicat arua iacent.
 Hostis adest dextra laeuaque a parte timendus
 uicinoque metu terret utrumque latus:
 altera Bistonias pars est sensura sarisas,
 altera Sarmatica spicula missa manu.*¹³⁹ (Pont. I, 3, 51- 60)

*Vnda locusque nocent et causa ualentior istis,
 anxietas animi, quae mihi semper adest.*¹⁴⁰ (Pont. I, 10, 35-36)

¹³⁸ “Acrescenta a aparência do lugar, que não é coberto por folhagens nem árvores / e que ao inerte inverno se segue outro inverno. / Aqui, lutando contra o frio, contra as flechas e / contra meu destino, atormenta-me este quarto inverno. / Minhas lágrimas não têm limite, a não ser quando o entorpecimento lhes impede / e um torpor semelhante à morte domina meu peito.”

¹³⁹ “Este campo não produz frutos nem doces videiras, / não florescem salgueiros nas ribeiras nem carvalhos nos montes. / E para que não louves mais o mar que a terra, a superfície líquida, / privada do sol, sempre se entumesce pela raiva dos ventos. / Para onde quer que olhes, os campos estão carentes de cultivo / e as terras desertas não são defendidas por ninguém. / O temido inimigo se aproxima de toda parte, pela direita e esquerda, / e o vizinho medo nos aterroriza dos dois lados: / as lanças bistônias estão em uma parte, / em outra, as flechas enviadas pela mão dos sármatas.”

¹⁴⁰ “Esta água e este lugar me prejudicam, e uma causa mais forte que essa, / a ansiedade da alma, que sempre está junto de mim.”

Observando os *Tristes*, notamos também que Tomos é descrito de modo duro, gerando sofrimento ao poeta:

*Frigida me cohibent Euxini litora Ponti:
 Dictus ab antiquis Axenus ille fuit;
 Nam neque iactantur moderatis aequora uentis,
 Nec placidos portus hospita nauis adit.
 Sunt circa gentes quae praedam sanguine quaerunt
 Nec minus infida terra timetur aqua.
 Illi quos audis hominum gaudere cruore
 Paene sub eiusdem sideris axe iacent;
 Nec procul a nobis locus est, ubi Taurica dirá
 Caede pharetratae pascitur ara deae.¹⁴¹ (Tr. IV, 4, 55-64)*

*Barbara me tellus orbisque nouissima magni
 Sustinet et saeuo cinctus ab hoste locus.¹⁴² (Tr. V, 2a, 31-32)*

Nota-se, nos *Tristes* IV, 4 e V, 2a que Ovídio critica tanto o lugar onde está exilado como o povo que vivia ali, uma terra completamente bárbara e cercada de inimigos.

2.2.3 Exílio como morte

Analisando mais a fundo as elegias, vemos que Ovídio não apenas reclama do local do exílio e dos povos que lá vivem, como também considera tudo aquilo como sua própria morte.

¹⁴¹ “Os frios litorais do Ponto Euxino me retêm, / Ele, que os antigos chamaram Axeno; / Pois não são moderados os ventos que revolvem as águas, / Nem a portos tranqüilos chega a nau estrangeira. / Os povos ao redor buscam a presa com sangue, / E não causa menos medo a terra que o mar traiçoeiro. / Aqueles que, como ouves dizer, gostam de sangue humano / Vivem quase sob o eixo da mesma constelação; / Não longe de mim está o local onde, em Táuris, o altar / Da deusa de aljava é regado com imolações horrendas.”

¹⁴² “É uma terra bárbara, a mais remota do vasto mundo, / Que me retêm, um lugar cercado por cruéis inimigos.”

Vejamos inicialmente alguns excertos dos *Tristes*:

*Nec tamen, ut cuncti miserum seruare uelitis,
Quod periit saluum iam caput esse potest*¹⁴³ (Tr. I, 2, 71-72)

*Nec letum timeo; genus est miserabile leti*¹⁴⁴ (Tr. I, 2, 51)

*Vos animam saevae fessam subducite morti,
Si modo, qui periit, non periisse potest!*¹⁴⁵ (Tr. I, 4, 27-28)

*Cum patriam amisi, tunc me periisse putato!
Et prior et grauior mors fuit illa mihi.*¹⁴⁶ (Tr. III, 3, 53-54)

*"Hic ego qui iaceo tenerorum lusor amorum
Ingenio perii Naso poeta meo.
At tibi qui transis ne sit graue, quisquis amasti,
Dicere: Nasonis molliter ossa cubent."*¹⁴⁷ (Tr. III, 3, 73-76)

Em todos os excertos acima citados, Ovídio coloca-se como morto. Nos *Tristes* I, 2, afirma que não há como uma vida já extinta ser salva e que o aspecto da morte é infeliz; em I, 4, conversa com seu espírito e lhe acrescenta que já morreu; em III, 5, diz que morreu assim que perdeu a pátria e foi morto pelo seu próprio engenho. Nesse último excerto, o poeta sulmonense cita inclusive uma expressão comum em epitáfios: *Nasonis molliter ossa cubent*.

A *persona* poética afirma também que não deixará que seu funeral passe em silêncio e traz a imagem da *tibia*, que era um instrumento romano de sopro, associado à flauta, que acompanhava o cortejo fúnebre:

¹⁴³ “Todavia, mesmo que todos desejais salvar um infeliz, / Não pode ser salva a vida que já se extinguiu”.

¹⁴⁴ “Não temo a morte, infeliz é o aspecto desta morte.”

¹⁴⁵ “Vós, meu espírito fatigado privai de uma morte atroz, / Se, todavia, quem já morreu, não ter morrido pode!”

¹⁴⁶ “Quando perdi a pátria, nesse momento, acredita, morri: / A primeira e mais grave morte foi para mim essa.”

¹⁴⁷ ““Eu que aqui repouso, cantor de ternos amores, / Sou o poeta Ovídio, morto pelo meu próprio engenho. / Mas tu que passas, seja quem for, se amaste, não te pese / Dizer: que os ossos de Nasão descansam em paz.””

*Sic ego Sarmaticas longe proiectus in oras
Efficio tacitum ne mihi funus eat.*¹⁴⁸ (Tr. V, 1, 13-14)

*Interea nostri quid agant nisi triste libelli?
Tibia funeribus conuenit ista meis.*¹⁴⁹ (Tr. V, 1, 47-48)

Nas *Pônticas*, observamos que a visão do exílio como morte, às vezes, se dá do mesmo modo, em certos momentos sendo um pouco mais sutil:

*...uosque, quibus perii, tunc cum mea fama sepulta est,
nunc quoque de nostra morte tacere reor.*¹⁵⁰ (Pont. I, 5, 85-86)

*nec, si me subito uideas, agnoscere possis,
aetatis facta est tanta ruina meae.
Confiteor facere hoc annos, sed et altera causa est,
anxietas animi continuusque labor;*¹⁵¹ (Pont. I, 4, 5-8)

*Ecquis in extreme positus iacet orbe tuorum,
me tamen excepto, qui precor esse tuus?*¹⁵² (Pont. I, 7, 5-6)

*Nos satis est inter glaciem Scythicasque sagittas
uiuere, si uita est mortis habenda genus.*¹⁵³ (Pont. I, 7, 9-10)

*Hic me pugnantem cum frigore cumque sagittis
cumque meo fato quarta fatigat hiems.
Fine carent lacrimae, nisi cum stupor obstitit illis
et similis morti pectora torpor habet.*¹⁵⁴ (Pont. I, 2, 25-28)

¹⁴⁸ “Assim eu, banido para longe, nos litorais sarmáticos, / Faço com que meu funeral não passe em silêncio.”

¹⁴⁹ “Mas agora do que tratarão meus livros, senão de tristeza? / Esta flauta convém ao meu funeral.”

¹⁵⁰ “...e vós, junto a quem eu pereci, agora que minha fama se sepultou, / também penso que calais sobre minha morte.”

¹⁵¹ “Nem, se de repente me visses, poderias me reconhecer: / tão grande ruína se fez em minha vida. / Confesso que os anos me fizeram isso, mas há uma outra causa, / a ansiedade da alma e o contínuo sofrimento”.

¹⁵² “Jaz alguém dos teus no extremo do mundo, / a não ser eu, que continua pedindo tua amizade?”

¹⁵³ “Não é suficiente viver entre o gelo e as flechas cítricas, / se é que este tipo de morte deve ser considerado vida.”

¹⁵⁴ “Aqui, lutando contra o frio, contra as flechas e / contra meu destino, atormenta-me este quarto inverno. / Minhas lágrimas não têm limite, a não ser quando o entorpecimento lhes impede / e um torpor semelhante à morte domina meu peito.”

2.3 Semelhança entre relatos

Nos *Tristes* e nas *Pônticas*, já notamos certa semelhança no uso de determinadas palavras, referência à épica, modo como se descreve o exílio e o compara à morte, então não nos surpreenderia encontrar também semelhança entre relatos.

Em ambas as obras, Ovídio esclarece que o que relatará é triste. Nos *Tristes*, afirma que não escreveria sobre nada alegre e que sua obra não teria ornatos, para que o assunto estivesse de acordo com a forma do texto:

*Vade, sed incultus, qualem decet exulis esse.
 Infelix, habitum temporis huius habe!
 Nec te purpureo uelent uaccinia fuco –
 Non est conueniens luctibus ille color --
 Nec titulus minio nec cedro charta notetur,
 Candida nec nigra cornua fronte geras!
 Felices ornamenta haec instrumenta libellos:
 Fortunae memorem te decet esse meae.*¹⁵⁵ (Tr. I, 1, 3-10)

*Inspice quid portem! nihil hic nisi triste uidebis,
 Carmine temporibus conueniente suis.*¹⁵⁶ (Tr.III, 1, 9-10)

*Hic quoque talis erit qualis fortuna poetae:
 Inuenies toto carmine dulce nihil.
 Flebilis ut noster status est, ita flebile carmen,
 Materiae scripto conueniente suae.
 Integer et laetus laeta et iuuenalia lusi;
 Illa tamen nunc me composuisse piget.*¹⁵⁷ (Tr. V, 1, 3-8)

*Si tamen ex uobis aliquis tam multa requireret
 Vnde dolenda canam, multa dolenda tuli.
 Non haec ingenio, non haec componimus arte:*

¹⁵⁵ “Vai, mas sem ornatos como convém ser o de um exilado. /Infeliz, exhibe o aspecto desta presente situação. /Nem as violetas roxas te cubram de púrpura / Não combina com lutos tal cor - / Nem o título de vermelho seja adornado nem de cedro, o papel. / Nem leves cornos brancos com uma frente negra! / Que esses ornatos embelezem livros alegres: /A ti, convém a lembrança da minha sorte.”

¹⁵⁶ “Olha o que trago, nada verás aqui, senão tristezas, / Estão os versos adequados às circunstâncias.”

¹⁵⁷ “Também este será tal qual a sorte do poeta: / Não encontrarás em toda poesia nenhuma amenidade. / Como é lamentosa minha situação, também é lamentosa a poesia, / Adapta-se a forma ao conteúdo. / Ileso e alegre, com versos alegres e juvenis me divertia: / Agora, contudo, pesa-me tê-los composto.”

*Materia est propriis ingeniosa malis.*¹⁵⁸ (Tr. V, 1, 25-28)

Nas *Pônticas*, o poeta ressalta, nos tão citados versos do Livro I, 1 que, embora elas não tenham um título que inspire compaixão, não são menos tristes do que aquele que antes escreveu, ou seja, são tão tristes quanto os *Tristes*. Na quinta elegia, Ovídio menciona que os versos são semelhantes a seu destino, que sempre é descrito como infeliz:

*Vt tamen ipse uides, luctor deducere uersum,
sed non fit fato mollior ille meo.*¹⁵⁹ (Pont. I, 5, 13-14)

Justificado, digamos assim, o assunto de seus versos, o poeta sulmonense ressaltará, nas duas obras, que o que está produzindo seria de qualidade inferior ao que escreveu antes do exílio. Nos *Tristes*, conforme acabamos de mencionar, o poeta havia ressaltado que sua obra se basearia em lamentos – tristezas – e, conseqüentemente, devido às próprias lágrimas estava manchada, possuindo expressões que talvez nem se assemelhem ao latim já que estava tão longe de Roma, em terras bárbaras:

*Inspice quid portem! nihil hic nisi triste uidebis,
Carminibus temporibus conueniente suis.
Clauda quod alterno subsidunt carmina uersu,
Vel pedis hoc ratio uel uia longa facit.
Quod neque sum cedro flauus nec pumice leuis,
Erubui domino cultior esse meo.
Littera suffusas quod habet maculosa lituras,
Laesit opus lacrimis ipse poeta suum.
Siqua uidebuntur casu non dicta latine,
In qua scribebat barbara terra fuit.*¹⁶⁰ (Trist, III, 1, 9-18)

¹⁵⁸ “Se, todavia, algum de vós perguntar de onde vêm / Os tantos pesares que canto, tamanhos pesares / Sofri. / Não os escrevi com estro nem com arte, / O assunto condiz com meus próprios males.”

¹⁵⁹ “Entretanto, como tu mesmo vês, luto para compor versos, / mas não são eles mais agradáveis que meu destino.”

¹⁶⁰ “Olha o que trago, nada verás aqui, senão tristezas, / Estão os versos adequados às circunstâncias. / Se o manco poema tropeça com versos desiguais, / É em razão da medida do pé ou da longa viagem. / Se não estou tingido pelo cedro nem polido com pomes, / É que me envergonharia de ter mais esmero que meu senhor. / Se as letras apresentam manchas e borrões espalhados, / É que o próprio poeta, em lágrimas, maculou sua obra. / Caso, porventura, algumas expressões não pareçam latim, / Era bárbara a terra na qual escrevia.”

Na elegia 6 do Livro I das *Pônticas*, endereçada a Cota Máximo, quando Ovídio para de falar das desgraças do clima e dos habitantes, afirma que sua produção naquele momento seria inferior à escrita anteriormente, dizendo, inclusive, que sente vergonha do que escreveu:

*Cum relego, scripsisse pudet, quia plurima cerno
me quoque, qui feci, iudice digna lini.
Nec tamen emendo; labor hic quam scribere maior
mensque pati durum sustinet aegra nihil.*¹⁶¹ (Pont. I, 5,13-18)

Ainda nesta elegia, ele ressalta ironicamente que não há necessidade de polir seus versos, pois seu atual público, os getas, não conheceria um talento maior que o dele. Para os bárbaros, então, ironiza Ovídio, qualquer produção serviria:

*Cur ego sollicita poliam mea carmina cura?
An uerear ne non adprobet illa Getes?
Forsitan audacter faciam, sed glorior Histrum
ingenio nullum maius habere meo.
Hoc ubi uiuendum est, satis est, si consequor aruo,
inter inhumanos esse poeta Getas.
Quo mihi diuersum fama contendere in orbem?*¹⁶² (Pont. I, 5, 61-67)

O exílio parece ser um ponto fundamental para a “mudança” de tema da produção de Ovídio, já que estava longe de Roma e de seu público, e próximo de povos incultos e belicosos. Segundo Conte (1994, p. 357):

O inesperado desterro de Roma naturalmente simboliza uma ruptura abrupta na carreira poética de Ovídio. Ele mais do que outros certamente lamentou a separação da capital, da sociedade para a qual sua poesia era dirigida e pela qual ela tinha sido nutrida, de seus fascinantes círculos (...) Acostumado com o sucesso, com a fervorosa

¹⁶¹ “Quando os releio, sinto-me envergonhado por tê-los escrito, / porque eu que os criei, vejo, como juiz, o muito que deve ser apagado. / Contudo, não os corrijo; esta carga é maior que o escrever / e meu doente espírito não suporta mais nada cruel.”

¹⁶² “Por que eu poliria meus poemas com cuidado extremo? / Acaso deveria temer que o geta não os aprove? / Talvez audacioso eu seja, mas me orgulho de que o Istro / não tenha nenhum talento maior que o meu. / Nesta terra em que tenho de viver, basta, se o consigo, / ser poeta entre os selvagens getas. / Por que lutar por fama no outro extremo do orbe?”

admiração do público cativado por sua virtude, Ovídio de uma vez por todas se encontra sozinho, compondo poesias para si mesmo; e sua condição como artista sem público, sem contato com o público, sugere a ele a imagem sombria de um homem dançando na escuridão.¹⁶³

Parece-nos que a simples preocupação de compor seus lamentos e tristezas em dísticos elegíacos, forma fixa tão valorizada na época, mostra que o poeta em nenhum momento deixou de ser o artista cuidadoso e consciente que era, e por trás do lamento, encontra-se todo um trabalho com a linguagem.

Nas elegias III, 1 dos *Tristes* e I, 1 das *Pônticas*, também se observa semelhança entre os relatos do exílio, quando se afirma que suas obras não ousam entrar em edifícios públicos, como bibliotecas, e que o lugar onde estava a *Arte de Amar* agora está vazio:

*Publica non audent intra monimenta uenire,
ne suus hoc illis cluserit auctor iter.
A, quotiens dixi : « Certe nil turpe docetis,
ite, patet castis uersibus ille locus. »
Non tamen accedunt, sed, ut aspicias ipse, latere
sub lare priuato tutius esse putant.¹⁶⁴ (Pont. I, 1, 5-10)*

*Altera templa peto uicino iuncta teatro:
Haec quoque erant pedibus non adeunda meis.¹⁶⁵ (Tr. III, 1, 69-70)*

*Interea, quoniam statio mihi publica clausa est,
Priuato liceat delituisse loco.¹⁶⁶ (Tr. III, 1, 79-80)*

¹⁶³ “The unexpected banishment from Rome naturally signals an abrupt break in Ovid’s poetic career. He more than others surely bewailed the separation from the capital, from the society to which his poetry was addressed and by which it had been nourished (...). Accustomed to success, to the fervent admiration of a public captivated by his virtuosity, Ovid all at once finds himself alone, composing poetry for himself; and his condition as an artist without a public, lacking contact with an audience, suggests to him the gloomy image of a man dancing in the darkness.”

¹⁶⁴ “Não ousam entrar em monumentos públicos, / talvez por acreditarem que seu autor lhes tenha fechado este caminho. / Ah, quantas vezes disse: « Certamente não ensinai nada vergonhoso, / ide, aquele lugar está aberto a castos versos. » / Entretanto não vão, mas, como tu vês, / julgam ser mais seguro se esconderem sob um lar privado”.

¹⁶⁵ “Outros templos procuro ao lado do teatro vizinho: / Também esses não podiam ser por meus pés visitados”.

¹⁶⁶ “Nesse ínterim, como me é vedado o espaço público, / Seja-me permitido esconder em local privado.”

É o próprio livro, que tem voz na elegia III, 1 e IV, 1 dos *Tristes*, que afirma que não pode entrar em templos, teatros, ou seja, no espaço público como é ressaltado novamente na epístola I, 1 das *Pônticas*, comprovando a semelhança entre os relatos do exílio narrados nessas duas obras.

Os temas, como vimos em todo esse segundo capítulo, são muito semelhantes nas duas obras. Como afirma Conte (1994, p. 357), além do lamento,

Igualmente insistente é o recorrente apelo aos seus amigos e esposa para obter, se não a completa remissão de sua punição, então pelo menos a mudança de local. As repetidas expressões de lamento por sua pátria distante e as frequentes descrições da inhospitalidade e da paisagem esquálida ao redor dele, dos perigos das contínuas incursões dos bárbaros, da desolação de uma existência privada de energia – tudo isso procura trazer uma mudança de mentalidade que pode conceder ao poeta exilado as mínimas condições para si.¹⁶⁷

¹⁶⁷ “Equally insistent is the recurring appeal to his friends and wife to obtain, if not a complete remission of his punishment, then at least a change of location. The repeated expressions of regret for his faraway homeland and the frequent descriptions of the inhospitable and squalid landscape around him, of the dangers from the continual raids of the barbarians, of the desolation of an existence deprived of its lifeblood – all these seek to bring about a change of mind that may grant the exiled poet the minimum conditions to be himself”.

III. TRADUÇÃO DAS PÔNTICAS I

Ex Ponto

Liber Primvs

1

Brvto

Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae
 hoc tibi de Getico litore mittit opus.
 Si uacat, hospitio peregrinos, Brute, libellos
 excipe dumque aliquo, quolibet abde modo.
 Publica non audent intra monimenta uenire, 5
 ne suos hoc illis clausurit auctor iter.
 A, quotiens dixi : « Certe nil turpe docetis,
 ite, patet castis uersibus ille locus. »
 Non tamen accedunt, sed, ut aspicias ipse, latere
 sub lare priuato tutius esse putant. 10
 Quaeris ubi hos possis nullo componere laeso?
 Qua steterant Artes, pars uacat illa tibi.
 Quid ueniant nouitate roges fortasse sub ipsa.
 Accipe quodcumque est, dummodo non sit amor.
 Inuenies, quamuis non est miserabilis index, 15
 non minus hoc illo triste quod ante dedi.
 Rebus idem titulo differt, et epistula cui sit
 non occultato nomine missa docet.
 Nec uos hoc uultis, sed nec prohibere potestis
 Musaue ad inuitos officiosa uenit. 20
 Quicquid id est, adiunge meis ; nihil inpedit ortos

exule seruatis legibus Vrbe frui.
 Quod metuas non est: Antoni scripta leguntur
 doctus et in promptu scrinia Brutus habet.
 Nec me nominibus furiosus confero tantis: 25
 saeua deos contra non tamen arma tuli
 Denique Caesareo, quod non desiderat ipse,
 non caret e nostris ullus honore liber.
 Si dubitas de me, laudes admitte deorum
 et carmen dempto nomine sume meum. 30
 Adiuuat in bello pacatae ramus oliuae
 proderit auctorem pacis habere nihil ?
 Cum foret Aeneae ceruix subiecta parenti,
 dicitur ipsa uiro flamma dedisse uiam.
 Fert liber Aeneaden, et non iter omne patebit ? 35
 At patriae pater hic, ipsius ille fuit.
 Ecquis ita est audax ut limine cogat abire
 iactantem Pharia tinnula sinistra manu?
 Ante deum Matrem cornu tibicen adunco
 Cum canit, exiguae quis stipis aera negat? 40
 Scimus ab imperio fieri nil tale Dianae;
 unde tamen uiuat uaticinator habet.
 Ipsa mouent animos superiorum numina nostros
 turpe nec est tali credulitate capi.
 En, ego pro sistro Phrygiique foramine buxi 45
 gentis Iuleae nomina sancta fero.
 Vaticinor moneoque : locum date sacra ferenti;
 non mihi, sed magno poscitur ille deo,
 nec, quia uel merui uel sensi principis iram,
 a nobis ipsum nolle putate coli. 50
 Vidi ego linigerae numen uiolasse fatentem
 Isidis Isiacos ante sedere focos.
 Alter ob huic similem priuatus lumine culpam

clamabat media se meruisse uia.
 Talia caelestes fieri praeconia gaudent, 55
 ut sua quid ualeant numina teste probent.
 Saepe leuant poenas ereptaque lumina reddunt,
 cum bene peccati paenituisse uident.
 Paenitet, o! si quid miserorum creditur ulli,
 paenitet et facto torqueor ipse meo. 60
 Cumque sit exilium, magis est mihi culpa dolori
 estque pati poenam quam meruisse minus.
 Vt mihi di faueant, quibus est manifestior ipse,
 poena potest demi, culpa perennis erit.
 Mors faciet certe ne sim, cum uenerit, exul; 65
 ne non peccarim mors quoque non faciet.
 Non igitur mirum, si mens mea tabida facta
 de niue manantis more liquescit aquae.
 Estur ut occulta uitata teredine nauis,
 aequorei scopulos ut cauat unda salis, 70
 roditur ut scabra positum rubigine ferrum,
 conditus ut tineae carpitur ore liber,
 sic mea perpetuos curarum pectora morsus,
 fine quibus nullo conficiantur, habent.
 Nec prius hi mentem stimuli quam uita relinquet 75
 quique dolet citius quam dolor ipse cadet.
 Hoc mihi si superi, quorum sumus omnia, credent,
 forsitan exigua dignus habebor ope,
 inque locum Scythico uacuum mutabor ab arcu.
 Plus isto duri si precer oris ero. 80

Livro Primeiro

1

A Bruto

Nasão¹⁶⁸, que já não é um novo habitante da terra tomitana¹⁶⁹,
 A ti envia esta obra do gético¹⁷⁰ litoral.

Se estás livre, Bruto, acolhe com hospitalidade estes livrinhos forasteiros
 E esconde-os em algum lugar, qualquer que seja.

Não ousam entrar em monumentos públicos¹⁷¹, 5
 Talvez por acreditarem que seu próprio autor lhes tenha fechado este caminho.
 Ah, quantas vezes disse: « Certamente não ensinai nada vergonhoso,
 Ide, aquele lugar está aberto a castos versos. »

Entretanto não vão, mas, como tu vês,
 Julgam ser mais seguro se esconderem sob um lar¹⁷² privado. 10

Perguntas onde podes colocá-los sem prejudicar ninguém?
 Aquela parte onde estavam minhas Artes¹⁷³, tu a tens vazia.

Talvez perguntes, pela própria novidade, por que vêm.
 Recebe-os, sejam eles o que forem, desde que não sejam sobre amor.

Verás que, embora não tenha um título que inspire compaixão, 15
 Não é menos triste do que aquele que antes escrevi¹⁷⁴.

É igual no assunto, o título difere, e a carta informa,
 Sem ocultar o nome, a quem é endereçada.

E vós não desejais isto, mas não podeis impedir,
 A musa vem para servir mesmo quem não deseja. 20

Qualquer que seja, junta-o aos meus; nada impede que os filhos

¹⁶⁸ Ovídio usa seu próprio nome como remetente.

¹⁶⁹ Atual Constanza, na Romênia.

¹⁷⁰ Região habitada pelos getas, antigo povo da Trácia.

¹⁷¹ Neste caso, edifícios públicos, bibliotecas. O étimo latino *monumentum* se refere à recordação, a tudo que nos traz à lembrança algo, daí o sentido adquirido aqui no texto.

¹⁷² O sentido primeiro de lar faz referência aos deuses familiares, espíritos tutelares da casa.

¹⁷³ Ovídio refere-se à sua *Arte de Amar* (*Ars Amatoria*).

¹⁷⁴ É tão triste quanto os *Tristes*, escrito antes das *Pônticas*.

De um exilado desfrutem a cidade, respeitando as leis.
 Não há o que temer: leem-se os escritos de Antonio
 E o douto Bruto tem as caixas à mão.
 Nem sou louco de me comparar a tão grandes nomes: 25
 Pois não levantei armas cruéis contra os deuses,
 Enfim, a César, ele mesmo sem o desejar,
 Em nenhum dos meus livros lhe faltam honras.
 Se duvidas de mim, acolhe o elogio dos deuses,
 E meu poema, suprimindo o meu nome, recebe. 30
 Um ramo de oliveira pacífica ajuda na guerra,
 De nada servirá ter o autor da paz?
 Quando a cerviz de Enéias carregava seu pai,
 Diz-se que o próprio fogo ao herói abriu passagem¹⁷⁵.
 Se meu livro um Enéada carrega, não se lhe abrirá qualquer caminho? 35
 Este é o pai de uma pátria, o outro, só daquele¹⁷⁶.
 Quem é tão ousado que obrigue a deixar a soleira
 O que agita em sua mão os estridentes sistros de Faros¹⁷⁷?
 Diante da Mãe dos deuses¹⁷⁸, quando um flautista o corno adunco
 Toca, quem lhe nega uma moedinha de cobre? 40
 Sabemos que isso não acontece a mando de Diana¹⁷⁹;
 Entretanto o adivinho tem onde viver.
 É o próprio poder dos deuses que move nossos ânimos
 E não é torpe aceitar tal crença.
 Eu mesmo, em vez do sistro e da flauta frígia, 45
 Carrego os nomes sagrados da família Júlia.
 Predigo e aconselho: dai lugar ao que traz objetos sagrados;

¹⁷⁵ Os dois versos (33-34) fazem referência ao episódio da saída de Eneias de Troia quando de sua destruição.

¹⁷⁶ Há uma comparação, o livro, como Eneias, carrega nas costas um pai, um Enéada, Augusto, descendente de Enéias, a quem foi dado o título de *pater patriae*, então mais poderoso que Anquises, que só é pai de Enéias.

¹⁷⁷ Alusão aos sacerdotes do culto da deusa egípcia Ísis, da qual um dos símbolos era o *sistrum*. O culto se estendeu desde a ilha de Faros.

¹⁷⁸ A Mãe dos deuses é Cibele.

¹⁷⁹ Diana é a deusa responsável pelas atividades de caça, trazendo sempre consigo um arco dourado.

Não sou eu que peço, mas um grande deus,
 E não julgais que, porque mereci ou senti a ira do príncipe,
 Ele não desejará ser cultuado por mim. 50
 Eu vi o que confessava ter violado o nume da linígera
 Isis¹⁸⁰ sentar-se diante dos fogos isíacos.
 Outro, privado dos olhos por uma culpa semelhante a esta¹⁸¹,
 Gritava, no meio da estrada, ter merecido isso.
 Agrada aos celestiais que tais confissões sejam feitas, 55
 Para que provem, com o testemunho, a força de seu poder.
 Muitas vezes aliviam as penas e devolvem a visão tirada
 Quando percebem que realmente se arrependeram do pecado.
 Oh, arrependo-me! Se é que se crê em algo dos infelizes
 Arrependo-me e torturo-me por minhas ações. 60
 Ainda que o exílio me doa, mais me dói a minha culpa
 E menos é sofrer o castigo do que merecê-lo.
 Ainda que os deuses me sejam favoráveis, e aquele que é mais notável entre eles,
 A pena pode ter um fim, a culpa será eterna.
 A morte certamente fará, quando vier, com que eu não seja um exilado; 65
 Mas o erro nem mesmo a morte poderá apagar
 Portanto, não é de se admirar se minha mente, liquefazendo-se,
 Se derreta como a água que emana da neve.
 Como o oculto caruncho estraga um navio corrompido,
 Como a água escava os rochedos de sal marinho, 70
 Como a escabrosa ferrugem roe o ferro abandonado,
 Como a traça devora com sua boca o livro guardado,
 Assim meu coração suporta as perpétuas mordeduras das preocupações,
 Às quais nenhum fim se pode dar.
 Não antes que minha vida, esses agulhões deixarão minha mente 75
 E aquele que sofre sucumbirá mais rapidamente que a própria dor.
 Se os deuses, a quem pertencemos inteiramente, acreditam em mim,

¹⁸⁰ Ísis é considerada a deusa da maternidade e fertilidade.

¹⁸¹ Ísis cegava quem não cumpria um juramento feito em seu nome.

Talvez me considerem digno de uma pequena ajuda,
e me mudem para um lugar livre do arco cítico¹⁸².

Se pedir mais que isso, serei imprudente.

80

¹⁸² Os cítricos viviam na Eurásia, mais especificamente na região da Cítia, habitada por um grupo de povos iranianos.

Fabio Maximo

Maxime, qui tanti mensuram nominis inples
 et geminas animi nobilitate genus,
 qui nasci ut posses, quamuis cecidere trecenti,
 non omnis Fabios abstulit una dies,
 forsitan haec a quo mittatur epistula quaeras, 5
 quisque loquar tecum certior esse uelis.
 Ei mihi! Quid faciam? Vereor ne nomine lecto
 durus et auersa cetera mente legas!
 Videris! Audebo tibi me scripsisse fateri
 «.....» 10
 qui, cum me poena dignum grauiore fuisse
 confiteor, possum uix grauiora pati.
 Hostibus in mediis interque pericula uersor,
 tamquam cum patria pax sit adempta mihi.
 Qui, mortis saueo geminent ut uulnere causas, 15
 omnia uipereo spicula felle linunt.
 His eques instructus perterrita moenia lustrat
 more lupi clausas circumeuntis oues,
 at semel intentus neruo leuis arcus equino
 uincula semper habens inresoluta manet; 20
 tecta rigent fixis ueluti uelata sagittis
 portaque uix firma submouet arma sera.
 Adde loci faciem nec fronde nec arbore tecti
 et quod iners hiemi continuatur hiems.
 Hic me pugnans cum frigore cumque sagittis 25
 cumque meo fato quarta fatigat hiems.

Fine carent lacrimae, nisi cum stupor obstitit illis
 et similis morti pectora torpor habet.
 Felicem Nioben, quamuis tot funera uidit,
 quae posuit sensum saxea facta mali! 30
 Vos quoque felices, quarum clamantia fratrem
 cortice uelauit populus ora nouo!
 Ille ego sum lignum qui non admittar in ullum;
 ille ego sum frusta qui lapis esse uelim.
 Ipsa Medusa oculis ueniat licet obuia nostris, 35
 amittet uires ipsa Medusa suas.
 Viuimus ut numquam sensu careamus amaro,
 et grauior longa fit mea poena mora.
 Sic inconsumptum Tityi semperque renascens
 non perit, ut possit saepe perire, iecur. 40
 At, puto, cum requies medicinaque publica curae
 somnus adest, solitis nox uenit orba malis.
 Somnia me terrent ueros imitantia casus
 et uigilant sensus in mea damna mei.
 Aut ego Sarmaticas uideor uitare sagittas 45
 aut dare captiuas ad fera uincla manus
 aut, ubi decipior melioris imagine somni,
 aspicio patriae tecta relictas meae
 et modo uobiscum, quos sum ueneratus, amici,
 et modo cum cara coniuge multa loquor. 50
 Sic ubi percepta est breuis et non uera uoluptas,
 peior ab admonitu fit status iste boni.
 Siue dies igitur caput hoc miserabile cernit,
 siue pruinosi Noctis aguntur equi,
 sic mea perpetuis liquefiunt pectora curis, 55
 ignibus admotis ut noua cera solet.
 Saepe precor mortem, mortem quoque deprecor idem,
 ne mea Sarmaticum contegat ossa solum.

Cum subit, Augusti quae sit clementia, credo
 mollia naufragiis litora posse dari. 60
 Cum uideo quam sint mea fata tenacia, frangor
 spesque leuis magno uicta timore cadit,
 nec tamen ulterius quicquam speroue precorue
 quam male mutato posse carere loco.
 Aut hoc aut nihil est pro me temptare modeste 65
 gratia quod saluo uestra pudore queat.
 Suscipe, Romanae facundia, Maxime, linguae
 difficilis causae mite patrocinium.
 Est mala, confiteor, sed te bona fiet agente:
 lenia pro misera fac modo uerba fuga. 70
 Nescit enim Caesar, quamuis deus omnia norit,
 ultimus hic qua sit condicione locus.
 Magna tenent illud numen molimina rerum,
 haec est caelesti pectore cura minor,
 nec uacat in qua sint positi regione Tomitae 75
 quaerere – finitimo uix loca nota Getae –
 aut quid Sauromatae faciant, quid Iazyges acres
 cultaque Oresteae Taurica terra deae
 quaeque aliae gentes, ubi frigore constitit Hister,
 dura meant celeri terga per amnis equo. 80
 Maxima pars hominum nec te, pulcherrima, curat,
 Roma, nec Ausonii militis arma timet.
 Dant illis animos arcus plenaeque pharetrae
 quamque libet longis cursibus aptus equus
 quodque sitim didicere diu tolerare famemque 85
 quodque sequens nullas hostis habebit aquas.
 Ira uiri mitis non me misisset in istam,
 si satis haec illi nota fuisset humus.
 Nec me nec quemquam Romanum gaudet ab hoste
 meque minus, uitam cui dabat ipse, capi. 90

Noluit, ut poterat, minimo me perdere nutu:
 nil opus est ullis in mea fata Getis.
 Sed neque cur morerer quicquam mihi comperit actum,
 et minus infestus quam fuit esse potest.
 Tunc quoque nil fecit, nisi quod facere ipse coegi; 95
 paene etiam merito parcior ira meo est.
 Di faciant igitur, quorum iustissimus ipse est,
 alma nihil maius Caesare terra ferat.
 Vtque diu sub eo, sic sit sub Caesare terra
 perque manus huius tradita gentis eat. 100
 At tu tam placido quam nos quoque sensimus illum
 iudice pro lacrimis ora resolue meis.
 Non petito ut bene sit, sed uti male tutius utque
 exilium saeuo distet ab hoste meum,
 quamque dedere mihi praesentia numina uitam, 105
 non adimat stricto squalidus ense Getes,
 denique, si moriar, subeam pacatius aruum
 ossa nec a Scythica nostra premantur humo
 nec male compositos, ut scilicet exule dignum,
 Bistonii cineres ungula pulset equi, 110
 et ne, si superest aliquis post funera sensus,
 terreat et manes Sarmatis umbra meos.
 Caesaris haec animum poterant audita mouere,
 Maxime, mouissent si tamen ante tuum.
 Vox, precor, Augustas pro me tua molliat aures, 115
 auxilio trepidis quae solet esse reis,
 adsuetaque tibi doctae dulcedine linguae
 aequandi superis pectora flecte uiri.
 Non tibi Theromedon crudusque rogabitur Atreus
 quique suis homines pabula fecit equis, 120
 sed piger ad poenas princeps, ad praemia uelox,
 quique dolet, quotiens cogitur, esse ferox,

A Fábio Máximo

Máximo, que completas a dimensão de tamanho nome
 E duplicas a nobreza de tua estirpe pelo teu carácter,
 E que, para poderes nascer, ainda que sucumbissem trezentos,
 Um único dia não levou todos os Fábios,
 Talvez perguntes quem te envia esta carta, 5
 E queiras te certificar de quem está falando contigo.
 Pobre de mim! O que farei? Temo que, ao ler meu nome,
 Leias de forma dura e com o pensamento hostil o restante!
 Verás! Ousarei confessar que escrevi a ti
 «.....» 10
 Eu que, embora admita ter merecido um castigo mais grave,
 Com muito custo poderia suportar um mais pesado.
 Encontro-me no meio de estrangeiros e entre perigos,
 Como se, junto com a pátria, a paz me fosse arrebatada.
 Eles, para duplicar as causas de morte com a crueldade da ferida, 15
 Cobrem todos os dardos com fel de serpente.
 O cavaleiro armado percorre estas aterrorizantes muralhas
 Como um lobo rodeia as ovelhas presas,
 E, uma vez estendido o leve arco de nervo equino,
 Continua com os liames sempre firmes; 20
 Os telhados se eriçam, como se vestidos pelas flechas neles cravados,
 E uma porta afasta as armas com uma fechadura que mal se firma.
 Acrescenta a aparência do lugar, que não é coberto por folhagens nem árvores,
 E o fato de que ao inerte inverno se segue outro inverno.
 Aqui, lutando contra o frio, contra as flechas e 25
 Contra meu destino, atormenta-me este quarto inverno.
 Minhas lágrimas não têm limite, a não ser quando o entorpecimento lhes impede

E um torpor semelhante à morte domina meu peito.
 Feliz Níobe¹⁸³, que embora tenha visto tantos funerais,
 Deixou, ao tornar-se pedra, de sentir a dor! 30
 Felizes vós também, cujas bocas clamavam pelo irmão,¹⁸⁴
 Um álamo as velou com um novo córtice!
 Eu sou aquele que não é admitido em tronco algum;
 Eu sou aquele que queria inutilmente ser pedra.
 Ainda que a própria Medusa viesse ao encontro de meus olhos, 35
 A própria Medusa perderia seus poderes.
 Vivo para que nunca perca essa sensação amarga,
 E, por sua longa duração, mais penoso se torna meu castigo.
 Assim, o fígado de Tício¹⁸⁵ sempre renasce intacto
 E não perece para poder perecer muitas outras vezes. 40
 Mas penso que quando o descanso e o remédio público para as preocupações,
 O sono, se apresenta, noite chega sem os costumeiros males.
 Mas, meus sonhos me aterrorizam, imitando desgraças reais
 E meus sentidos velam para a minha perdição.
 Ou eu me vejo escapar das flechas sármatas¹⁸⁶ 45
 Ou dar minhas mãos presas a cruéis algemas,
 Ou, quando sou enganado pela visão de um sonho melhor,
 Vejo os tetos abandonados de minha pátria;
 E agora falo ora convosco, amigos que venero,
 Ora com minha muito estimada esposa. 50
 Assim, ao perceber que o prazer é breve e não real,
 Pior se torna meu estado por ter lembrado a alegria.
 Se o dia ilumina, portanto, esta deplorável cabeça,
 Ou se, cobertos de gelo, os cavalos da noite avançam,
 Meu peito se desfaz em perpétuas preocupações, 55

¹⁸³ Níobe presenciou a morte de seus sete filhos e sete filhas pelos deuses Apolo e Diana, que o fizeram a pedido de sua mãe Latona. Após presenciar tamanha desgraça, Níobe transformou-se em pedra.

¹⁸⁴ Referência às irmãs de Faetonte, as Helíadas, que foram transformadas em álamos após chorarem a morte do irmão.

¹⁸⁵ Tício tentou violar Latona e, conseqüentemente, foi castigado por Júpiter. Sua pena consistia em ter seu fígado, que renascia todos os dias, devorado eternamente por uma ave de rapina.

¹⁸⁶ Antigo povo nômade que habitava a região do mar Cáspio.

Como a cera nova ao aproximar-se do fogo.
 Com frequência, imploro a morte e afasto, através de súplicas, essa mesma morte
 Para que o solo sármata não cubra meus ossos.
 Quando me lembro quão grande é a clemência de Augusto, acredito
 Que possa ser dado um mais acolhedor litoral a este náufrago. 60
 Ao ver o quão tenaz é meu destino, despedaço-me
 E cai a tênue esperança vencida por um imenso temor;
 Entretanto, não espero nem suplico nada mais além
 Do que poder me livrar deste lugar pouco mudado.
 Ou isto ou nada pode tua gratidão 65
 Sem pudor tentar modestamente por mim.
 Aceita, Máximo, eloquência da língua romana,
 O delicado patrocínio desta difícil causa.
 É má, confesso, mas boa se tornará se a defender:
 Usa somente palavras agradáveis em favor deste triste exílio. 70
 Pois César desconhece, ainda que um deus saiba tudo,
 Qual é a condição deste lugar extremo.
 Um grande volume de coisas ocupa esse nume,
 E esta preocupação é menor que seu celeste coração,
 E não tem tempo para procurar em que região foram deixados os tomitas 75
 – lugares que seus vizinhos getas¹⁸⁷ mal conhecem –
 Ou o que fazem os sármatas, ou os impetuosos iázides¹⁸⁸,
 Ou a terra táurica, protegida pela deusa de Orestes,
 E aqueles outros povos que, quando o Istro se congela,
 Cruzam o duro dorso do rio em um veloz cavalo. 80
 A maior parte dos homens não se preocupa contigo,
 Lindíssima Roma, nem teme as armas do soldado ausônio¹⁸⁹.
 Dão-lhes coragem seu arco e suas aljavas cheias
 E seu cavalo apto a distantes marchas

¹⁸⁷ Antigo povo da Trácia.

¹⁸⁸ Ramificação do povo sármata.

¹⁸⁹ Ausônio = romano. Ausônia é um antigo nome para a região em que se fundou Roma ou mesmo para a Itália como um todo.

Máximo, antes tiver comovido o teu.

Tua voz, eu peço, apazigúe os ouvidos de Augusto em meu favor, 115
 Ela, que costuma auxiliar os receosos réus,
 E com o habituado encanto de tua douta língua
 Curve o ânimo de um homem que se deve igualar aos deuses.
 Não é a Teromedonte¹⁹¹, nem ao cruel Atreu¹⁹² que tu deverás rogar,
 Nem ao que fez dos homens pasto para seus cavalos--, 120
 Mas a um príncipe vagaroso para os castigos, veloz para os prêmios,
 E que se aflige quando é obrigado a ser impetuoso,
 Que sempre triunfou para que pudesse poupar os vencidos,
 E que prendeu com uma perpétua porta a guerra civil,
 Que conteve muitas coisas com o receio do castigo, e poucas pelo castigo, 125
 E sua mão, contra a vontade, lança raros raios.
 Logo, orador enviado a tão benévolos ouvidos,
 Roga que meu exílio esteja mais próximo da pátria.
 Eu sou aquele que te venerou, que tua mesa alegre costumava
 Ver entre teus convivas, 130
 Aquele que conduziu o Himeneu até vossos fogos
 E cantei versos dignos para um feliz leito nupcial,
 Cujos livrinhos me recordo que costumavas elogiar
 Exceto aquele que prejudicou seu dono,
 A quem, às vezes, lias teus escritos que eu admirava, 135
 Aquele a quem foi entregue uma esposa de vossa casa.
 Márcia, que a aprova e gosta dela desde sempre
 E entre suas amigas a inclui,
 E a tia materna de César a tinha entre os seus;
 Aquela que por julgamento delas é honrada, de fato o é. 140
 A própria Cláudia, (muito) melhor que sua fama,
 Não precisaria da ajuda divina se tivesse sido elogiada por elas.
 Eu também sigo sem desonra os anos passados:

¹⁹¹ Rei que dava vítimas humanas aos seus leões.

¹⁹² Era o rei de Micenas. Matou, por vingança, os filhos de seu irmão Tiestes e serviu-os a ele em um banquete.

Ignorando a parte mais recente de minha vida.

Mas, para silenciar sobre mim, minha esposa é vosso encargo: 145

Não podes escondê-la sem abandonar a sua honra.

Ela recorre a vós, abraça vossos altares -

Com direito, cada um cultua os deuses que há venerado -

E, chorando, pede que, apaziguado o César por vossas preces,

Aproximes a pira fúnebre de seu marido. 150

3

Rvfino

Hanc tibi Naso tuus mittit, Rufine, salutem,
 qui miser est, ulli si suus esse potest.

Reddita confusae nuper solacia menti
 auxilium nostris spemque tulere malis.

Vtque Machaoniis Poeantius artibus heros 5
 lenito medicam uulnere sensit opem,
 sic ego mente iacens et acerbo saucius ictu
 admonitu coepi fortior esse tuo
 et iam deficiens sic ad tua uerba reuixi,
 ut solet infuso uena redire mero. 10

Non tamen exhibuit tantas facundia uires
 ut mea sint dictis pectora sana tuis.

Vt multum demas nostrae de gurgite curae,
 non minus exhausto quod superabit erit.

Tempore ducetur longo fortasse cicatrix: 15
 horrent admotas uulnera cruda manus.

Non est in medico semper releuetur ut aeger:
 interdum docta plus ualet arte malum.

Cernis ut e molli sanguis pulmone remissus
 ad Stygias certo limite ducat aquas. 20

Adferat ipse licet sacras Epidaurius herbas,
 sanabit nulla uulnera cordis ope.

Tollere nodosam nescit medicina podagram
 nec formidatis auxiliatur aquis.

Cura quoque interdum nulla medicabilis arte 25
 aut, ut sit, longa est extenuanda mora.

Cum bene firmarunt animum praecepta iacentem
 sumptaque sunt nobis pectoris arma tui,
 rursus amor patriae ratione ualentior omni
 quod tua fecerunt scripta retexit opus. 30
 Siue pium uis hoc, seu uis muliebre uocari,
 confiteor misero molle cor esse mihi.
 Non dubia est Ithaci prudentia, sed tamen optat
 fumum de patriis posse uidere focis.
 Nescio qua natale solum dulcedine cunctos 35
 ducit et inmemores non sinit esse sui.
 Quid melius Roma? Scythico quid frigore peius?
 Huc tamen ex ista barbarus urbe fugit.
 Cum bene sit clausae caeua Pandione natae,
 nititur in siluas illa redire suas. 40
 Adsuetos tauri saltus, adsueta leones –
 nec feritas illos inpedit – antra petunt.
 Tu tamen exilii morsus e pectore nostro
 fomentis speras cedere posse tuis.
 Effice uos ipsi ne tam mihi sitis amandi, 45
 talibus ut leuius sit caruisse malum.
 At, puto, qua genitus fueram tellure carenti
 in tamen humano contigit esse loco:
 orbis in extremi iaceo desertus harenis,
 fert ubi perpetuas obruta terra niues. 50
 Non ager hic pomum, non dulces educat uuas,
 non salices ripa, robora monte uirent.
 Neue fretum laudes terra magis, aequora semper
 uentorum rabie solibus orba tument.
 Quocumque aspicias, campi cultore carentes 55
 uastaque quae nemo uindicat arua iacent.
 Hostis adest dextra laeuaque a parte timendus
 uicinoque metu terret utrumque latus:

altera Bistonias pars est sensura sarisas,
 altera Sarmatica spicula missa manu. 60
 I nunc et ueterum nobis exempla uirorum
 qui forti casum mente tulere refer
 et graue magnanimi robur mirare Rutili
 non usi reditus condicione dati.
 Zmyrna uirum tenuit, non Pontus et hostica tellus, 65
 paene minus nullo Zmyrna petenda loco.
 Non doluit patria Cynicus procul esse Sinopeus,
 legit enim sedes, Attica terra, tuas.
 Arma Neoclides qui Persica contudit armis
 Argolica primam sensit in urbe fugam. 70
 Pulsus Aristides patria Lacedaemona fugit,
 inter quas dubium quae prior esset erat.
 Caede puer facta Patroclus Opunta reliquit
 Thessalicamque adiit hospes Achillis humum.
 Exul ab Haemonia Pirenida cessit ad undam 75
 quo duce trabs Colcha sacra cucurrit aqua.
 Liquit Agenorides Sidonia moenia Cadmus,
 poneret ut muros in meliore loco.
 Venit ad Adrastum Tydeus Calydone fugatus
 et Teucrum Veneri grata recepit humus. 80
 Quid referam ueteres Romanae gentis, apud quos
 exulibus tellus ultima Tibur erat?
 Persequar ut cunctos, nulli datus omnibus aeuis
 tam procul a patria est horridiorue locus
 Quo magis ignoscat sapientia uestra dolenti: 85
 quae facit ex dictis, non ita multa, tuis.
 Nec tamen infitior, si possint nostra coire
 uulnera, praeceptis posse coire tuis.
 Sed ueeor, ne me frustra seruare labores
 nec iuuer admota perditus aeger ope, 90

nec loquor hoc quia sit maior prudentia nobis,
 sed sum quam medico notior ipse mihi.
 Vt tamen hoc ita sit, munus tua grande uoluntas
 ad me peruenit consuliturque boni.

3

A Rufino

Esta saudação teu caro Nasão te envia, Rufino,
 Se um miserável pode ser caro a alguém.
 O conforto que a mente conturbada recebeu há pouco
 Trouxeram auxílio e esperança a meus males.
 Como o herói Peânio¹⁹³, devido às artes de Macaón¹⁹⁴, 5
 Sentiu o poder da medicina com o alívio de sua ferida,
 Assim eu, com o espírito agonizante e ferido por um acerbo golpe,
 Comecei a revigorar-me com os teus conselhos
 E, quando falecia, revivi com as tuas palavras,
 Como costuma restituir-se o pulso quando se toma vinho puro. 10
 Não exibiu, entretanto, tua eloquência tantas forças
 Para que meu peito se curasse com tuas palavras.
 Mesmo que retires minhas inquietações do abismo,
 Não menos exaustivo o que resta será.
 É possível que um longo tempo produza uma cicatriz: 15
 As feridas ensanguentadas receiam as mãos que se aproximam.

¹⁹³ Referência à lenda de Filoctetes, filho de Peante. O primeiro foi picado por uma serpente em Tênedos, a caminho de Troia. Como sua ferida na perna exalava um odor fétido, foi abandonado pelos gregos na ilha de Lemnos.

¹⁹⁴ Macaón, acompanhando Ulisses, curou Filoctetes.

Nem sempre no médico está o alívio do enfermo:
 Às vezes o mal pode mais que a douta arte.
 Percebes como o sangue expelido por um pulmão fraco
 Conduz às águas do Estige por caminho certo. 20
 Mesmo que o próprio Epidauro¹⁹⁵ aplique suas ervas sagradas,
 Não curará com nenhum recurso as feridas do coração.
 A medicina não sabe destruir a nodosa gota
 Nem vai ajudar quanto à hidrofobia.
 A inquietação também às vezes com nenhuma arte se pode curar 25
 Ou, se existir alguma, é extenuada pelo passar do tempo.
 Quando teus preceitos encorajaram minha alma abatida
 E assumi tuas armas,
 De novo o amor à pátria, mais poderoso que a própria razão,
 Destruiu o trabalho feito por teus escritos. 30
 Se queres chamar isto de piedade, ou se queres chamar de atitude feminina,
 Eu reconheço, infeliz, possuir um coração fragilizado.
 Não se duvida da prudência do Ítaco¹⁹⁶, mas, entretanto,
 Ele almeja poder ver a fumaça dos altares da pátria.
 Desconheço por qual doçura o solo natal a todos 35
 Nos conduz e não nos permite esquecer-lo.
 Existe algo melhor que Roma? Existe algo pior que o frio cítico?
 Entretanto para cá, longe da Cidade, foge o bárbaro.
 Mesmo que a filha de Pandeão tenha sido bem tratada quando encarcerada em uma
 [jaula,
 Ela se esforça para voltar às suas matas. 40
 Os touros buscam suas habituais pastagens; os leões -
 Não os impede sua rudeza - buscam suas habituais cavernas.
 Tu, entretanto, esperas que, com teus consolos,
 Possam abandonar nosso peito as mordeduras do exílio.
 Faze com que vós mesmos não sejais tão amados por mim, 45

¹⁹⁵ Deus que curou a si próprio da ferida causada pela flecha de Cupido, que o deixou enlouquecido de amor por Dafne.

¹⁹⁶ Refere-se a Odisseu.

Para que sentir saudades de tais amigos seja um mal mais leve.
 Mas, penso que, sentindo falta da terra onde nasci,
 Tivesse a sorte de estar, pelo menos, em um lugar humano:
 Jazo abandonado nas areias da extremidade do mundo,
 Onde a terra encoberta suporta neves perpétuas. 50
 Este campo não produz frutos nem doces videiras,
 Não florescem salgueiros nas ribeiras nem carvalhos nos montes.
 E para que não louves mais o mar que a terra, a superfície líquida,
 Privada do sol, sempre se entumesce pela raiva dos ventos.
 Para onde quer que olhes, os campos estão carentes de cultivo 55
 E as terras desertas não são defendidas por ninguém.
 O temido inimigo se aproxima de toda parte, pela direita e esquerda,
 E o medo vizinho nos aterroriza dos dois lados:
 As lanças bistônias¹⁹⁷ estão em uma parte,
 Em outra, as flechas enviadas pela mão dos sármatas. 60
 Vai agora e me faça recordar os exemplos dos velhos varões
 Que suportaram grandes infelicidades com um espírito forte,
 E a severa resistência do magnânimo Rutílio¹⁹⁸ admira,
 Porque não aproveitou o retorno quando lhe foi dada permissão.
 Esmirna¹⁹⁹ hospedava este varão, não o Ponto ou alguma hostil terra, 65
 Esmirna, quase melhor que qualquer outro lugar.
 Por estar longe da pátria, o cínico de Sínope²⁰⁰ não se afligiu,
 Pois te elegeu, terra de Ática, como sede.
 O filho de Néocles²⁰¹, que destruiu com suas armas as dos persas,
 Na cidade de Argos viveu seu primeiro desterro. 70
 Expulso Aristides²⁰² de sua pátria à Lacedemônia fugiu,
 E, dentre elas, era dúbio saber qual era superior.

¹⁹⁷ Povo da Trácia.

¹⁹⁸ Públio Rutílio Rufo, senador romano, historiador e senador, responsável por reprimir os excessos dos *publicani*, os arrecadadores de impostos, pertencentes à classe equestre.

¹⁹⁹ É uma das cidades mais antigas da bacia do Mediterrâneo.

²⁰⁰ Diógenes de Sínope, fundador da Escola Cínica, foi exilado e se tornou discípulo de Antístenes em Atenas.

²⁰¹ Temístocles, político de Atenas.

²⁰² Político de Atenas, que se exilou na Lacedônia.

O jovem Pátroclo²⁰³, depois de cometer um assassinato, deixou Opunte²⁰⁴
 E alcançou a terra de Tessália como hóspede de Aquiles.
 Exilado da Emônia, retirou-se à Fonte de Pirene 75
 Quem, sob ordens, atravessou a sagrada nave pela água da Cólquida.
 Abandonou as fortalezas de Sidón Cadmo²⁰⁵, filho de Agenor,
 Para construir suas muralhas em um melhor lugar.
 A Adrasto veio Tideu²⁰⁶, desterrado de Cálidon,
 E a terra que foi agradável a Vênus é que recebeu Teucro²⁰⁷. 80
 O que eu falaria dos ancestrais da família romana, entre os quais
 A mais distante terra do exílio era Tíbur?
 Ainda que assinale todos, a nenhum deles se deu, em época alguma,
 Um lugar tão distante de sua pátria nem mais horrível.
 Que vossa sabedoria perdoe ainda mais a este doído, 85
 Sendo que tão pouco conseguiu com suas súplicas.
 Entretanto, não rejeito que minhas feridas, se podem se fechar,
 Se fechem graças às tuas recomendações.
 Mas temo que trabalhes em vão para proteger-me
 E que, desenganado e doente, não me sirva o que aplicas, 90
 Isto não falo porque seja maior minha prudência,
 Mas porque me conheço melhor do que um médico.
 Entretanto, ainda que seja assim, tua intenção chegou a mim como amparo
 E a considero um grande bem.

²⁰³ Lutou na guerra de Troia junto de Aquiles. Durante um jogo, após um ataque de fúria, matou seu amigo.

²⁰⁴ Antiga cidade grega, capital da região de Lócrida Opuntia.

²⁰⁵ Filho de Agenor, é fundador de Cadmeia, acrópole fortificada da futura cidade de Tebas, após sair em busca de Europa, sua irmã raptada por Zeus.

²⁰⁶ Foi um dos participantes da Guerra dos Sete Chefes contra Tebas. Exilado por ter cometido um assassinato.

²⁰⁷ Filho de Télamon, meio irmão de Ajax. Após deixar Troia sem vingar a morte deste, foi exilado por seu pai.

Ille est in Pontum Pelia mittente profectus
 qui uix Thessaliae fine timendus erat:
 Caesaris ira mihi nocuit, quem solis ab ortu
 solis ad occasus utraque terra tremit. 30
 Iunctior Haemonia est Ponto quam Roma Sinistro
 et breuis quam nos ille peregit iter.
 Ille habuit comites primos telluris Achiuae,
 at nostrum cuncti destituere fugam.
 Nos fragili lingo uastum sulcauimus aequor, 35
 quae tulit Aesoniden, *densa* carina fuit.
 Nec mihi Tiphys erat rector nec Agenore natus
 quas fugerem docuit quas sequererque uias.
 Illum tutata est cum Pallade regia Iuno:
 defendere meum numina nulla caput. 40
 Illum furtiuae iuuere Cupidinis artes
 quas a me uellem non didicisset amor.
 Ille domum rediit, nos his moriemur in aruis,
 perstiterit laesi si grauis ira dei.
 Durius est igitur nostrum, fidissima coniunx, 45
 illo quod subiit Aesone natus opus.
 Te quoque, quam iuuenem discedens Vrbe reliqui,
 credibile est nostris insenuisse malis.
 O! ego – di faciant! – talem te cernere possim,
 caraque mutatis oscula ferre comis 50
 amplectique meis corpus non pingue lacertis
 et << Gracile hoc fecit >> dicere << cura mei >>
 et narrare meos flenti flens ipse labors
 sperato numquam conloquioque frui
 turaque Caesaribus cum coniuge Caesare digna, 55
 dis ueris, memori debita ferre manu!
 Memnonis hanc utinam, lenito principe, mater
 quam primum roseo prouocet ore diem!

4

À minha esposa

Já se espalha sobre mim a pior idade com suas cãs,
 Já as rugas velhas fendem meu rosto,
 Já o vigor e as forças adormecem em um corpo,
 E não me divertem os jogos que me eram agradáveis quando jovem.
 Nem, se de repente me visses, poderias me reconhecer: 5
 Tão grande ruína se fez em minha vida.
 Confesso que os anos me fizeram isso, mas há uma outra causa,
 A ansiedade da alma e o contínuo sofrimento,
 Pois, se minhas infelicidades fossem divididas por longos anos,
 Acredite em mim, seria mais velho que Nestor de Pilos²⁰⁸. 10
 Vês como nas duras lavras (e o que é mais forte que o boi?)
 O trabalho amansa os fortes corpos dos touros.
 A terra que desconheceu os benefícios do alqueive
 Envelhece, cansada, por produzir incessantemente.
 Morrerá, se vai sempre às competições de circo, 15
 O cavalo que nunca descansa.
 Por mais firme que seja, desmanchar-se-á, na água, a embarcação
 Que nunca, seca, se abster de líquidas águas.
 A mim também me debilita uma série imensa de desgraças
 E, antes de meu tempo, obriga-me a ser velho. 20
 Os ócios alimentam o corpo, também o espírito é alimentado por eles,
 Já a imoderada atividade intensa, ao contrário, reduz ambos a nada.
 Observa, porque veio a estas paragens o filho de Ésão²⁰⁹,
 Quanta glória carrega da posteridade tardia.
 Mas a carga daquele foi mais leve e menor que a minha, 25

²⁰⁸ Rei de Pilos, famoso por sua coragem e eloquência, apesar de ser velho, lutou na Guerra de Troia.

²⁰⁹ Jasão.

Se é que os grandes nomes não escondem a verdade.
 Aquele se dirigiu ao Ponto mandado por Pélias²¹⁰,
 Que apenas nas fronteiras de Tessália era temido.
 César é a ira que me causa a morte, diante do qual,
 Do amanhecer ao anoitecer, a terra treme. 30
 Hemônia está mais perto do Ponto Sinistro que Roma,
 E ele percorreu um caminho mais curto que o meu.
 Ele teve como companheiros os melhores da terra aquiva,
 Enquanto todos me abandonaram em meu exílio.
 Sulquei a imensa superfície com um lenho frágil, 35
 A que carregou o filho de Ésão era uma sólida embarcação.
 Nem Tífis²¹¹ foi meu piloto, nem o filho de Agenor²¹²
 Me ensinou que rotas evitar e quais seguir.
 Ele foi protegido por Palas e pela rainha Juno,
 Nenhum poder divino defendeu minha cabeça. 40
 Ele foi ajudado pelas artes furtivas de Cupido,
 Que eu desejaria que o Amor não tivesse aprendido comigo.
 Ele voltou a sua casa, eu morrerei nestes campos,
 Se persistir a grave ira do deus magoado.
 Mais dura é, portanto, nossa carga, fidelíssima esposa, 45
 Que aquela que aguentou o filho de Ésão.
 Tu também, que ainda eras jovem quando deixei a cidade,
 Acredito que tenhas envelhecido por nossas desgraças.
 Oh, se eu (queiram os deuses!) pudesse te ver assim,
 Levar beijos amorosos a teu modificado rosto, 50
 E enlaçar em meus braços teu corpo magro,
 E dizer “Tua preocupação por mim fez com que emagrecesses”,
 E, aos prantos, contar a ti, que também chora, minhas desgraças,
 E usufruir de tua conversa pela qual eu já nem esperava,
 E oferecer aos Césares e à esposa digna de César 55

²¹⁰ Pélias enviou Jasão à Cólquida com o objetivo de buscar o velo de ouro.

²¹¹ Foi um dos cinquenta argonautas, sendo piloto da Argo até morrer.

²¹² Fineu, rei da Trácia, que indicou a rota que os argonautas deveriam seguir.

O incenso com mão agradecida.
Tomara que a mãe de Mêmnon, apaziguado o príncipe,
Mande vir logo este dia com seus rosados lábios.

5

< Cottae > Maximo

Ille tuos quondam non ultimus inter amicos
 ut sua uerba legas, Maxime, Naso rogat,
 in quibus ingenium desiste requirere nostrum,
 nescius exilii ne uideare mei.

Cernis ut ignauum corrumpant otia corpus, 5
 ut capiant uitium, ni moueantur, aquae.

Et mihi si quis erat ducendi carminis usus,
 deficit estque minor factus inerte situ.

Haec quoque quae legitis, si quid mihi, Maxime, credis,
 scribimus inuita uixque coacta manu. 10

Non libet in talis animum contendere curas
 nec uenit ad duos Musa uocata Getas.

Vt tamen ipse uides, luctor deducere uersum,
 sed non fit fato mollior ille meo.

Cum relego, scripsisse pudet, quia plurima cerno 15
 me quoque, qui feci, iudice digna lini.

Nec tamen emendo; labor hic quam scribere maior
 mensque pati durum sustinet aegra nihil.

Scilicet incipiam lima mordacius uti
 et sub iudicium singular uerba uocem. 20

Torquet enim fortuna parum, nisi Lixus in Hebrum
 confluat et frondes Alpibus addat Atho.

Parcendum est animo miserabile uulnus habenti:
 subducunt oneri colla perusta boues.

At, puto, fructus adest, iustissima causa laborum, 25
 et sata cum multo fenore reddit ager.

Tempus ad hoc nobis, repeats licet omnia, nullum
 profuit – atque utinam non nocuisset! – opus.

Cur igitur scribam miraris. Miror et ipse
 et tecum quaero saepe quid inde petam. 30

An populus uere sanos negat esse poetas
 sumque fides huius maxima uocis ego
 qui, sterile totiens cum sim deceptus ab aruo,
 damnosa presto condere semen humo?

Scilicet est cupidus studiorum quisque suorum 35
 tempus et adsueta ponere in arte iuuat.

Saucius eiurat pugnam gladiator et idem
 inmemor antique uulneris arma capit.

Nil sibi cum pelagi dicit fore naufragus undis
 et ducit remos qua modo nauit aqua. 40

Sic ego constanter studium non utile seruo
 et repeto nollem quas coulisse deas.

Quid potius faciam? Non sum qui segnia ducam
 otia: mors nobis tempus habetur iners.

Nec iuuat in Iucem nimio marcescere uino 45
 nec tenet incertas alea blanda manus.

Cum dedimus somno quas corpus postulat horas,
 quo ponam uigilans tempora longa modo?

Moris an oblitus patria contendere discam
 Sarmaticos arcus et trahar arte loci? 50

Hoc quoque me studium prohibent adsumere uires
 mensque magis gracili corpora nostra ualet.

Cum bene quaesieris quid agam, magis utile nil est
 artibus his quae nil utilitatis habent.

Consequor ex illis casus obliuia nostri: 55
 hanc messem satis est si mea reddit humus.

Gloria uos acuat; uos, ut recitata probentur
 carmina, Pieriis inuigililate choris.

Quod uenit ex facili satis est componere nobis,
 et nimis intenti causa laboris abest. 60
 Cur ego sollicita poliam mea carmina cura?
 An uerear ne non adprobet illa Getes?
 Forsitan audacter faciam, sed gloriior Histrum
 ingenio nullum maius habere meo.
 Hoc ubi uiuendum est, satis est, si consequor aruo, 65
 inter inhumanos esse poeta Getas.
 Quo mihi diuersum fama contendere in orbem?
 Quem fortuna dedit, Roma sit ille locus.
 Hoc mea contenta est infelix Musa theatro.
 Hoc merui, magni sic uoluere dei. 70
 Nec reor hinc istuc nostris iter esse libellis
 quo Boreas penna deficient uenit.
 Diuidimur caelo quaeque est procul urbe Quirini
 aspicit hirsitos comminus ursa Getas.
 Per tantum terrae, tot aquas uix credere possum 75
 indicium studii transiluisse mei.
 Finge legi, quodque est mirabile, finge placere:
 auctorem certe res iuuat ista nihil.
 Quid tibi, si calidae, prosit, laudare Syenae
 aut ubi Taprobanen Indica tingit aqua? 80
 Altius ire libet? Si te distantia longe
 Pleiadum laudent signa, quid inde feras?
 Sed neque peruenio scriptis mediocribus istuc
 famaque cum domino fugit ab Vrbe suo,
 uosque, quibus perii, tunc cum mea fama sepulta est, 85
 nunc quoque de nostra morte tacere reor.

A Cota Máximo

Aquele Nasão, que em outro tempo não era o último de seus amigos,
 Pede que leias suas palavras, Máximo.
 Nelas desiste de buscar meu talento
 Para que não pareças desconhecedor de meu exílio.
 Vês como os ócios corrompem o corpo inativo, 5
 Como mancham as águas se não se movimentam.
 E se eu tinha o hábito de compor poemas,
 Extinguiu-se e diminuiu em inerte abandono.
 Isto também que lêes, se acreditas em algo de mim, Máximo,
 Escrevo contrariamente à mão e de modo forçado. 10
 Não me agrada concentrar minha atenção em tais preocupações,
 Nem a Musa, invocada, chega aos rudes getas.
 Entretanto, como tu mesmo vês, luto para compor versos,
 Mas não são eles mais agradáveis que meu destino.
 Quando os releio, sinto-me envergonhado por tê-los escrito, 15
 Porque eu que os criei, vejo, como juiz, o muito que deve ser apagado.
 Contudo, não os corrijo; esta carga é maior que o escrever
 E meu doente espírito não suporta mais nada cruel.
 É-me permitido começar a usar de modo mais mordaz a lima
 E colocar sob juízo cada palavra? 20
 Pois meu destino pouco se incomoda, se o Lixo²¹³ não chega no Ebro²¹⁴
 E se o Atos não junta suas florestas às dos Alpes.
 Deve-se perdoar um ânimo que tem uma ferida miserável:
 Os bois subtraem do peso seus pescoços arranhados.
 Mas, penso, o fruto aí está, causa justíssima das minhas desgraças, 25
 E o campo semeado me devolve as sementes com muita usura.

²¹³ Referência ao Rio Lixo, que se localiza na África do Norte.

²¹⁴ Referência ao Rio Ebro, situado na Trácia.

Até este momento, nenhuma obra, repassando todas,
 Me foi útil (quem me dera também não me houvessem feito mal!).
 Portanto, por que escrevo eu, te surpreendes? Eu mesmo me surpreendo
 E me pergunto muitas vezes, como tu, sobre o que procuro ganhar com isso. 30
 Por acaso, o povo não nega, com razão, que os poetas sejam sãos,
 E sou eu o maior exemplo do que é dito,
 Eu, que fui enganado tantas vezes pela estéril terra,
 E persisto em esconder semente em danosa terra?
 É lícito que cada um deseje se entregar aos seus interesses 35
 E aproveitar o tempo com a arte a que está acostumado.
 O ferido gladiador desiste do combate, e ele mesmo,
 Esquecendo as antigas feridas, empunha as armas mais uma vez.
 Nenhum outro contato com as ondas o náufrago disse que teria,
 E conduz os remos na mesma água em que há pouco nadava. 40
 Assim eu, teimosamente, sou escravo de uma poética nada útil,
 E busco de novo as deusas que desejaria não ter adorado.
 O que eu poderia fazer de melhor? Não sou aquele que se deixa levar pelo
 Improdutivo ócio: a morte para nós seria o tempo inerte.
 Não me agrada me embriagar em muito por excesso de vinho 45
 Nem o atraente dado domina minhas incertas mãos.
 Depois de dar ao sono as horas de que o corpo precisa,
 De que modo passo passar os longos momentos acordado?
 Esquecendo os costumes pátrios, deveria aprender
 A usar o arco sármata, levado pela arte local? 50
 Minhas forças também me impedem de me dedicar a estes gostos,
 E mais saudável é minha mente que meu pobre corpo.
 Mesmo se pensares bem no que posso fazer,
 Não haverá nada mais útil que estas artes, que não são úteis.
 Consigo esquecer meus infortúnios graças a elas: 55
 Basta que minha terra produza esta colheita.
 Que a vós a glória excite; para que vossos poemas, quando recitados, sejam aplaudidos,
 Aplicai-vos aos coros das Piérides.

A nós, o que me vem facilmente é suficiente para que consiga compor,
 E não há motivo para um empenho demasiado. 60
 Por que eu poliria meus poemas com cuidado extremo?
 Acaso deveria temer que um geta não os aprove?
 Talvez audacioso eu seja, mas me orgulho de que o Istro
 Não tenha nenhum talento maior que o meu.
 Nesta terra em que tenho de viver, basta, se o consigo, 65
 Ser poeta entre os selvagens getas.
 Por que lutar por fama no outro extremo do orbe?
 Que o lugar que a Fortuna me há dado seja Roma.
 Minha infeliz Musa se contenta com este teatro.
 Assim mereci, assim os grandes deuses desejaram. 70
 Não acredito que nossos livrinhos possam ir daqui
 Para os lugares que o Bóreas chega com asas desfalecidas.
 Divide-nos, também, o céu e a que está distante da cidade de Quirino,
 A Ursa, espia de perto os hirsutos getas.
 Tantas terras, tantas águas, mal posso acreditar 75
 Que um traço de minha força as haja cruzado.
 Finge serem lidas, o que é admirável, finge serem agradáveis:
 Tal fato decerto em nada serviria ao autor.
 Serve a ti que te louvem na cálida Siena
 Ou onde a água Índica tinge a Taprobana²¹⁵? 80
 Mais alto desejas ir? Se os muito distantes signos
 Das Plêiades te louvam, o que conseguirias com isso?
 Mas eu não te alcanço com meus medíocres escritos,
 E minha fama com seu senhor foi exilada da Cidade,
 E vós, junto a quem eu pereci, agora que minha fama se sepultou, 85
 Também penso que calais sobre minha morte.

²¹⁵ Nome dado à ilha de Ceilão, atual Sri Lanka, pelos gregos e romanos.

6

Graecino

Ecquid, ut audisti – nam te diuersa tenebat
 terra – meos casus, cor tibi triste fuit?
 Dissimules metuasque licet, Graecine, fateri,
 si bene te noui, triste fuisse liquet.
 Non cadit in mores feritas inamabilis istos 5
 nec minus a studiis dissident illa tuis.
 Artibus ingenuis, quarum tibi maxima cura est,
 pectora mollescunt asperitasque fugit;
 nec quisquam meliore fide complectitur illas,
 qua sinit officium militiaeque labor. 10
 Certe ego cum primum potui sentire quid essem,
 - nam fuit attonito mens mea nulla diu –
 hoc quoque fortunam sensi quod amicus abesses,
 qui mihi praesidium grande futures eras.
 Tecum tunc aberrant aegrae solacia mentis 15
 magnaue pars animi consiliique mei.
 At nunc, quod superses, fer opem, precor, eminus unam
 adloquioque iuua pectora nostra tuo,
 quae, non mendaci si quicquam credis amico,
 stulta magis dici quam scelerata decet. 20
 Nec breue nec tutam peccati quae sit origo
 scriber: tractari uulnera nostra timent.
 Qualicumque modo mihi sunt ea facta, rogare
 desine; non agites, si qua coire uelis.
 Quidquid id est, ut non facinus, sic culpa uocanda est: 25

omnis an in magnos culpa deos scelus est?
 Spes igitur menti poenae, Graecine, Ieuandae
 non est ex toto nulla relictæ meae.
 Haec dea, cum fugerent sceleratas numina terras,
 in dis inuisa sola remansit humo. 30
 Haec facit ut uiuat fossor quoque compede uinctus
 liberaque a ferro crura future putet.
 Haec facit ut, uideat cum terras undique nullas,
 naufragus in mediis brachia iactet aquis.
 Saepe aliquem sollers medicorum cura reliquit 35
 nec spes huic uena deficient cadit.
 Carcere dicuntur clause sperare salutem
 atque aliquis pendens in cruce uota facit.
 Haec dea quam multos laqueo sua colla ligantis
 non est proposita passa perire nece. 40
 Me quoque conantem gladio finire dolorem
 arguit iniecta continuitque manu:
 << Quid >> que << facis? lacrimis opus est, non sanguine >>, dixit,
 << saepe per has flecti principis ira solet >>.
 Quamuis est igitur meritis indebita nostris, 45
 magna tamen spes est in bonitate dei.
 Qui ne difficilis mihi sit, Graecine, precare
 confer et in uotum tu quoque uerba meum.
 Inque Tomitana iaceam tumulatus harena,
 si te non nobis ista uouere liquet. 50
 Nam prius incipient turris uitare columbae,
 antra ferae, pecudes gramina, mergus aquas
 quam male se praestet ueteri Graecinus amico.
 Non ita sunt fatis omnia uersa meis.

A Grecino

Acaso, quando ouviste minhas desgraças – já que estava
 Em uma terra distante – teu coração não se entristeceu?
 Embora disfarces e tenhas medo de confessá-lo, Grecino,
 Conheço-te bem, sei que ficou triste.

Não condiz com teu caráter a desumana ferocidade, 5
 Nem menos difere de seus labores poéticos.
 Com as artes liberais, as quais são tua maior preocupação,
 O peito se abranda e a aspereza foge,
 E ninguém as abraça com mais fidelidade

Do que permite teu ofício e o trabalho da milícia. 10
 Certamente assim que pude sentir quem eu era –
 Pois, atônito, estive sem consciência por bastante tempo-,
 Senti, também a desventura de que tu, um amigo, me faltavas
 Tu, um enorme apoio serias para mim.

Então, junto a ti me faltava o descanso de uma mente doente, 15
 E uma grande parte também de meu consolo e valor.
 Mas agora, peço-te, dá-me, de longe, a única ajuda que me resta
 E com tuas palavras de consolação alivia meu coração,
 Ele que, caso acredites em algo de um amigo que não é mentiroso,
 Convém chamar antes de tolo que de criminoso. 20

Não é seguro nem breve escrever a origem de minha falta;
 Minhas feridas temem ser remexidas.
 Não questiones o que são nem como me foram causadas:
 Não perguntes mais se queres vê-las fechadas.

Sejam o que for, devem ser chamadas de falha, mas não de crime. 25
 Acaso toda falta contra os grandes deuses é um crime?
 Portanto, a Esperança, Grecino, de que se abraque minha pena
 Não conseguiu abandonar completamente meu coração.

Esta deusa, quando os numes divinos deixam as terras malditas,
 Somente ela permanece no lugar que as divindades odeiam. 30

Ela faz com que o escavador, mesmo preso, viva e espere
 Que suas pernas possam ficar livres do ferro.

Ela faz com que, ainda que o náufrago não veja terra alguma,
 Seus braços nadem quando está em alto mar.

Frequentemente o habilidoso cuidado dos médicos abandona alguém, 35
 Mas a Esperança, ainda que ele já esteja sem pulso, segue firme.

Dizem que aquele que está preso na cadeia espera salvar-se,
 E até mesmo o preso na cruz não para de suplicar.

Esta deusa, quando muitos passavam o laço em seu próprio pescoço,
 Evitou que morressem com um final voluntário. 40

Eu também, quando tentei exterminar meus males com a espada,
 Adiantou suas mãos para me parar:

“O que está fazendo? É um momento para lágrimas, não para sangue” – disse,
 “Frequentemente, elas costumam dobrar a ira do príncipe.”

Portanto, ainda que por meus méritos ela seja indevida, 45
 Grande esperança há, entretanto, na clemência do deus.

Que não seja difícil alcançá-la pede, Grecino,
 E em minhas súplicas coloca tuas palavras também.

Que eu jaza enterrado na areia tomitana, se não me ficar evidente
 Que estás fazendo votos em meu favor. 50

Pois, primeiramente as pombas começarão a evitar as torres,
 As covas, as feras, o rebanho, os pastos, as águas o peixe,
 Antes que Grecino recuse a ajudar um amigo de outrora.
 Meus destinos não subverteram as coisas de tal forma.

Nec tuus est genitor nos infitiatus amicos,
 hortator studii causaque faxque mei,
 cui nos et lacrimas, supremum in funere munus,
 et dedimus medio scripta canenda foro. 30
 Adde quod est frater, tanto tibi iunctus amore
 quantus in Atridis Tyndaridisque fuit:
 is me nec comitem nec dedignatus amicum est,
 sit amen haec illi non nocitura putas;
 si minus, hac quoque me mendacem parte fatebor: 35
 clausa mihi potius tota sit ista domus.
 Sed neque claudenda est et nulla potentia uires
 praestandi ne quid peccet amicus habet.
 Et tamen ut cuperem culpam quoque posse negari,
 sic facinus nemo nescit abesse mihi. 40
 Quod nisi delicti pars excusabilis esset,
 parua relegari poena future fuit.
 Ipse sed hoc uidit, qui peruidet omnia, Caesar,
 stultitiam dici criminal posse mea.
 Quaque ego permisi quaque est res passa pepercit 45
 usus et est modice fulminis igne sui.
 Nec uitam nec opes nec ademit posse reuerti,
 si sua per uestras uicta sit ira preces.
 At grauiter cecidi. Quid enim mirabile, si quis
 a Ioue percussus non leue uulnus habet? 50
 Ipse suas etiam uires inhiberet Achilles,
 missa grauis ictus Pelias hasta dabat.
 Iudicium nobis igitur cum uindicis adsit,
 non est cur tua me ianua nosse neget.
 Culta quidem, fateor, citra quam debuit illa est, 55
 sed fuit in fatis hoc quoque, credo, meis.
 Nec tamen officium sensit domus altera nostrum:
 hic illic uestro sub lare semper eram.

Quaeque tua est pietas, ut te non excolat ipsum,
 ius aliquod tecum fratris amicus habet. 60
 Quid quod, ut emeritis referenda est gratia semper,
 sic est fortunae promeruisse tuae?
 Quod si permittis nobis suadere quid optes,
 ut des quam reddas plura precare deos.
 Idque facis, quantumque licet meminisse, solebas 65
 officii causa pluribus esse dati.
 Quo libet in numero me, Messaline, repone,
 sim modo pars uestrae non aliena domus,
 et mala Nasonem, quoniam meruisse uidetur,
 si non ferre doles, at meruisse dole. 70

7

A Messalino

Esta carta, em vez de palavras a ti, Messalino, traz dos getas cruéis
 Esta saudação que lêš.
 Indica o lugar o autor? Ou, a não ser que leias o nome,
 Não percebes que estas palavras escrevo eu, Nasão?
 Jaz alguém dos teus no extremo do mundo, 5
 A não ser eu, que continua pedindo tua amizade?
 Queiram os deuses manter distantes do conhecimento desse povo
 A todos os que te dão sua reverência e seu amor.
 Já é o bastante eu viver entre o gelo e as flechas críticas,
 Se é que este tipo de morte por vida se há de ter. 10
 Com guerra me oprima a terra e o céu com frio, e com armas
 Me ataque o geta feroz, com gelo o frio invernal,

Que esta região me retenha, que não dá nem frutas nem uvas,
 E da qual lado algum está livre da inimigos;
 Mas que a salvo fique a multidão de teus servidores, 15
 Entre os quais eu próprio fui pequena parte, em meio ao povo.
 Pobre de mim, se te ofendesses com estas palavras
 E me disseses que não tive lugar entre os teus!
 Mesmo que isso fosse verdade, perdoar minha mentira deverias.
 Em nada tira nossa vaidade a tua glória. 20
 Quem, conhecido pelos Césares, não se passa por seu amigo?
 Perdoa-me esta confissão: tu para mim eras o César.
 Porém, não forço a entrada por onde não me é permitido andar; é bastante
 Se não negas ter me aberto teus átrios.
 Embora não haja mais nada entre nós, sem dúvida 25
 Agora te falta uma voz no cumprimento que te dão.
 Teu próprio pai jamais negou que eu era teu amigo,
 Ele, que foi impulso e razão e promotor de minha carreira:
 A quem minhas lágrimas dei como oferenda suprema em seu enterro,
 E em pleno fórum outorguei meus versos para cantar. 30
 Acresce também que teu irmão, se une a ti com um amor tão grande
 Como o que existiu entre os Atridas²¹⁶ ou os de Tíndáridas²¹⁷.
 Ele nunca me rejeitou como companheiro ou amigo,
 A menos que penses que isto a ele possa causar dano.
 Mas se não, confesso-te também que nisto não minto: 35
 Que me feche assim toda tua casa por fim.
 Mas não se fechará, que nenhum poder tem forças
 Para impedir que um amigo cometa um erro.
 E, entretanto, da mesma forma que eu quisera poder negar que pequei,
 Também qualquer um sabe que está longe o crime de mim. 40
 E é que, se em minha falta uma parte não fosse escusável,
 A rejeição teria sido uma condenação pequena.

²¹⁶ Os filhos de Atreu são Agamêmnon e Menelau.

²¹⁷ Os filhos de Tíndaro são Castor e Pólux.

Mas isto mesmo o viu o próprio César, que tudo vê,
 Que se podia chamar meu crime estupidez.

Perdoou-me enquanto eu permitia e as coisas deixavam, 45
 E de seu raio usou o fogo com moderação.

Não me tirou a vida, as riquezas ou a possibilidade de regressar,
 Se seu rancor fosse vencido por meio de teus pedidos.

Mas minha queda foi grave: Há algo admirável, se alguém
 Atingido por Júpiter tenha uma ferida nada leve? 50

Ainda que o próprio Aquiles freasse suas forças,
 A lança do Pélion²¹⁸ causava graves golpes.

Portanto, sendo-me favorável o veredicto do juiz,
 Não há motivo para que tua porta negue que me conhece.

Reconheço não tê-la honrado tanto como merecia, 55
 Mas também isso, acredito eu, estava em meu destino.

Entretanto, nenhuma outra casa recebeu meus serviços:
 Aqui ou ali, vosso Lar sempre me deu proteção.

E tal é tua piedade, ainda que não te honre pessoalmente,
 Algum direito tem contigo o amigo de teu irmão. 60

Como se deve agradecer sempre aos mercedores,
 Não mereces estar ali por sua própria fortuna?

E se nos permites que te aconselhemos o que deves desejar,
 É que peças aos deuses que dês mais do que receberás.

Isto é o que fazes , e pelo que posso recordar, costumavas 65
 Ser motivo de reconhecimento a muitos para que retribuíssem o serviço.

Em qualquer posto que queiras, inclua-me, Messalino,
 Desde que eu não seja um membro estranho a vossa casa,

E se as penas que Nasão sofre não te doem, por te parecer que ele as mereça,
 Tenhas compaixão, ao menos, de que ele as tenha merecido. 70

²¹⁸ Lança feita de uma árvore do monte Pelião.

8

Severo

A tibi dilecto missam Nasone salutem accipe, pars animae magna, Seuere, meae. Neue roga quid agam. Si persequar omnia, flebis: summa sat est nostri si tibi nota mali.	
Viuimus adsiduis expertes pacis in armis dura pharetrato bella mouente Geta.	5
Deque tot expulsis sum miles in exule solus: tuta – nec inuideo – cetera turba latet.	
Quoque magis nostros uenia dignere libellos, haec in procinctu carmina facta leges.	10
Stat uetus urbs, ripae uicina binominis Histri, moenibus et positu uix adeunda loci.	
Caspius Aegisos, de se si credimus ipsis, condidit et proprio nomine dixit opus.	
Hanc ferus Odrysiis inopino Marte peremptis cepit et in regem sustulit arma Getes.	15
Ille memor magni generis uirtute quod auget, protinus innumero milite cinctus adest nec prius abscessit merita quam caede nocentum	20
At tibi, rex aeuo, detur, fortissimo nostro, semper honorata scepra tenere manu, teque, quod et praestat – quid enim tibi plenius optem? – Martia cum magno Caesare Roma probet.	
Sed memor unde abii, queror, o iucunde sodalis,	25

accedant nostris saeua quod arma malis.
 Vt careo uobis, Stygias detrusus in oras,
 quattuor autumnos Pleias orta facit.
 Nec tu credideris urbanae commoda uitae
 quaerere Nasonem: quaerit et illa tamen. 30
 Nam modo uos animo, dulces, reminiscor, amici,
 nunc mihi cum cara coniuge nata subit,
 aque domo rursus pulchrae loca uertor ad Urbis
 cunctaque mens oculis peruidet illa suis.
 Nunc fora, nunc aedes, nunc marmore tecta theatra, 35
 nunc subit aequata porticus omnis humo,
 gramina nunc Campi pulchros spectantis in hortos
 stagnaue et euripi Virgineusque liquor.
 At, puto, sic Urbis misero est erepta uoluptas,
 quolibet ut saltem rure frui liceat! 40
 Non meus amissos animus desiderat agros
 ruraue Paeligno conspicienda solo
 nec quos piniferis positos in collibus hortos
 spectat Flaminiae Clodia iuncta uiae,
 quos ego nescio cui colui, quibus ipse solebam 45
 ad sata fontanas, nec pudet, addere aquas,
 sunt ubi, si uiuunt, nostra quoque consita quaedam,
 sed non et nostra poma legenda manu.
 Pro quibus amissis utinam contingere possit
 hic saltem profugo glaeba colenda mihi! 50
 Ipse ego pendentis, liceat modo, rupe capellas,
 ipse uelim baculo pascere nixus oues.
 Ipse ego, ne solitis insistant pectora curis,
 ducam ruricolae sub iuga curua boues
 et discam Getici quae norunt uerba iuuenti 55
 adsuetas illis adiciamque minas.
 Ipse manu capulum pressi moderatus aratri

experiar mota spargere semen humo.
 Nec dubitem longis purgare ligonibus herbas
 et dare iam sitiens quas bibat hortus aquas. 60
 Vnde sed hoc nobis minimum quos inter et hostem
 discrimen murus clausaque porta facit?
 At tibi nascent, quod toto pectore laetor,
 nerunt fatales fortia fila deae.
 Te modo Campus habet, densa modo porticus umbra, 65
 nunc in quo ponis tempora rara forum;
 Umbria nunc reuocat nec non Albana petentem
 Appia feruenti ducit in arua rota.
 Forsitan hic optes ut iustam subprimat iram
 Caesar et hospitium sit tua uilla meum. 70
 A! nimium est quod, amice, petis, moderatius opta
 et uoti quaeso contrahe uela tui.
 Terra uelim propior nullique obnoxia bello
 detur: erit nostris pars bona dempta malis.

8

A Severo

Esta saudação enviada por teu querido Nasão
 Aceita, Severo, tu que és grande parte de minha alma.
 E não me perguntes o que ando fazendo: se te enumerar tudo, chorarás;
 Basta que conheças o essencial de nossa desgraça.
 Vivemos alheios à paz entre armas assíduas, 5

O geta portador de aljava não deixa de provocar guerras cruéis
 E de tantos expulsos eu sou o único que é soldado em seu desterro:
 Os outros, e nem os invejo, se escondem em um local seguro.
 Também com maior misericórdia julgues nossos livrinhos,
 Estes versos que lêis foram feitos em campo de combate. 10
 Existe uma velha cidade próxima à margem do Istro²¹⁹ de dois nomes,
 Dificilmente acessível por suas muralhas e por sua posição.
 O cáspio Egiso a fundou, se acreditamos no que contam os próprios,
 E deu a sua obra seu próprio nome.
 A esta o feroz geta, depois de massacrarem os odrísios em um ataque inesperado,15
 A tomou e travou guerra contra o seu rei.
 Ele, lembrando-se da grandeza de sua raça, que aumenta com sua coragem,
 Em seguida aparece, acompanhado de inumeráveis soldados,
 E não se retirou antes do derramamento de sangue dos criminosos.
 20
 A ti, porém, o mais valente rei de nossa época, seja concedido
 Sustentar sempre os cetros em tua distinta mão,
 E que a ti, o que é mais importante (pois o que mais pleno a ti posso desejar?),
 Que a marcial Roma te aprove junto com o grande César.
 Mas, relembando onde estávamos, lamento, querido amigo, 25
 Que se acrescentem a minhas desgraças as cruéis armas.
 Desde que estou sem ti, lançado às praias estúgias,
 Quatro outonos viu o nascimento da Plêiade.
 E tu não creias que Nasão procure as vantagens da vida urbana,
 Embora ele também as queira. 30
 Pois ora vos revivo em minha memória, doces amigos,
 Ora também minha filha e minha querida mulher,
 E de minha casa de novo aos lugares da bela Roma volto,
 E todo o meu coração com seus próprios olhos a vê:
 Eis os Foros, os templos, os teatros com tetos de mármore, 35
 Todos os pórticos de solo pavimentado volto a observar,

²¹⁹ Na parte inferior, o rio chama-se Istro; na superior, Danúbio.

As ervas do Campo que olha para os belos jardins,
 Os lagos, os canais e a Água da Virgem.
 Mas, acredito eu, ao desgraçado a quem se arrebatou o prazer da Cidade²²⁰
 Ao menos pensava que pudesse usufruir o campo. 40
 Meu coração não sente saudades dos campos perdidos,
 Nem das admiráveis terras da região peligna²²¹,
 Nem dos jardins localizados em montes cheios de pinheiros
 Que a via Clódia contempla ao lado de Flamínia,
 Jardins de que eu cuidei desconheço para quem, a cujas plantas costumava, 45
 Não me envergonha, regar com a água do manancial,
 E onde estão, se ainda vivem, os frutos plantados por minhas mãos,
 Mas que elas não apanharão.
 Por tudo que perdi, oxalá pelo menos fosse possível ao desterrado
 Ter um campo para cultivar. 50
 Eu mesmo, se me fosse permitido, queria levar, apoiado em um bastão,
 As cabras para pastar nas encostas dos penhascos e as ovelhas.
 Eu mesmo, para que não insistam em meu peito as preocupações costumeiras,
 Levaria os bois campesinos sob os curvos jugos,
 E aprenderia as palavras que conhecem os novilhos géticos 55
 E lhes lançaria as ameaças costumeiras.
 Eu mesmo, dirigindo com minha mão o rabicho do arado pressionado,
 Tentaria espalhar a semente na terra revolvida.
 Não hesitaria em retirar as ervas com longos alviões
 E em dar água ao jardim já cheio de sede. 60
 Mas onde conseguir isso se só uma porta fechada
 E um muro me separam do inimigo?
 Para ti, em compensação, ao nasceres, fortes fios teceram as deusas do destino,
 O que me alegra de todo o coração.
 Ora podes estar no campo, ora na densa sombra de um pórtico, 65
 Ora no Foro onde passas poucos momentos;

²²⁰ Referência mais uma vez a Roma.

²²¹ Refere-se à Sulmona, lugar onde Ovídio nasceu, que fica localizado no território peligno.

Ora te chama a Úmbria e, quando te diriges a campos albanos,

A via Ápia te conduz até ali em veloz rota.

Talvez desejes ali que César reprima sua justa ira

E que tua vila seja novamente minha hospedagem. 70

Ah! O que me pedes, amigo, é demais: pede mais moderadamente

E recolhe, por favor, as velas de teu desejo.

Uma terra desejaria que me fosse dada, mais próxima e não presa a nenhuma guerra:

assim se tiraria de mim boa parte de minhas desgraças.

Maximus incumbet, quaque est pietate, rogabit
 ne sit ad extremum Caesaris ira tenax,
 cumque suis fratris uires adhibebit et omnem,
 quo leuius doleas, experietur opem. >> 30
 Haec mihi uerba *malae* minuerunt taedia uitae:
 quae tu ne fuerint, Maxime, uana caue.
 Huc quoque uenturum mihi se iurare solebat
 non nisi te longae ius sibi dante uiae.
 Nam tua non alio coluit penetralia ritu 35
 terrarum dominos quam colis ipse deos.
 Crede mihi, multos habeas cum dignus amicos,
 non fuit e multis quolibet ille minor,
 si modo non census nec clarum nomen aurum,
 sed probitas magnos ingeniumque facit. 40
 Iure igitur lacrimas Celso libamus adempto,
 cum fugerem, uiuo quas dedit ille mihi;
 carmina iure damus raros testantia mores,
 ut tua uenturi nomina, Celse, legant.
 Hoc est quod possum Geticis tibi mittere ab aruis; 45
 hoc solum est istic quod licet esse meum.
 Funera non potui comitare nec ungere corpus
 atque tuis toto diuidor orbe rogis.
 Qui potuit, quem tu pro numine uiuus habebas,
 praestitit officium Maximus omne tibi. 50
 Ille tibi exequias et magni funus honoris
 fecit et in gelidos uertit amoma sinus
 diluit et lacrimis maerens unguenta profusis
 ossaque uicina condita texit humo.
 Qui quoniam extinctis quae debet praestat amicis, 55
 et nos extinctis adnumerare potest.

A Cota Máximo

A epístola que me enviaste falando sobre a morte de Celso
 Não demorou a ser regada com minhas lágrimas,
 E o que é sacrílego dizer e achei que não poderia acontecer,
 Com olhos involuntários li sua carta.

Nada mais cruel chegou aos meus ouvidos desde que estou no Ponto, 5
 E que jamais chegue, eu suplico.
 Diante de meus olhos está fixada sua imagem como se estivesse presente
 E meu amor imagina que o morto vive.
 Frequentemente meu espírito recorda as brincadeiras leves,
 E, em outros momentos, sua lealdade real em temas sérios. 10
 Entretanto, não há momentos que mais frequentemente me venham à mente
 Do que aqueles que quisera tivessem sido os últimos de minha vida,
 Quando minha casa se desfez de súbito com uma ruína imensa,
 E caiu na cabeça de seu dono.
 Ele me assistiu quando a maioria me abandonou, 15
 Máximo, e não foi companheira de minha fortuna.
 Eu o vi chorar em minhas cerimônias fúnebres,
 Como se estivesse deixando um irmão sobre o fogo.
 Apertou-me em seu abraço e a mim, que estava abatido, consolou-me
 E não parou de misturar suas lágrimas às minhas. 20
 Oh! Quantas vezes, como guardião terrível de uma vida amarga,
 Conteve minhas mãos dispostas a matar-me.
 Oh! Quantas vezes me disse: “A ira dos deuses é aplacável:
 Vive e não digas que não possas ser perdoado”.
 Uma frase, entretanto, foi a mais repetida: 25
 “Vê que grande proteção Máximo pode te oferecer.

Máximo se incumbirá de ti e, por lealdade, pedirá
 Que a ira de César não seja extremamente tenaz.
 A sua força somará à de seus irmãos
 E fará de tudo para reduzir sua dor.” 30

Estas palavras diminuíram o tédio de minha desgraçada vida:
 Cuida, Máximo, para que não sejam vãs.
 Costumava jurar-me que viria até aqui também,
 Se a permissão para tão longa viagem lhe concedesses.
 Com o mesmo ritual com que tu adoras aos deuses, soberanos da terra, 35
 Ele venerava teus santuários.
 Crê-me que ainda que tenhas muitos amigos,
 Ele não foi inferior a nenhum,
 Pois não é a riqueza ou o nobre sobrenome dos ancestrais
 Que faz grandes os homens, senão sua honradez e seu caráter. 40
 Com justiça, portanto, derramamos lágrimas pela morte de Celso,
 As que ele ofereceu a mim quando eu fugia, vivo:
 Me é permitido oferecer-te poemas, testemunhos de teu raro caráter,
 Para que o futuro leia teu nome, Celso.
 Isto é o que posso enviar-te dos géticos campos, 45
 Apenas isto me é lícito aqui possuir.
 Não pude acompanhar a teu cadáver nem ungir o teu corpo,
 Pois entre tua pira e eu há todo o universo.
 Aquele que pôde, a quem tu reverenciavas como a um deus,
 Máximo, se encarregou de todos os serviços. 50
 A tuas exéquias ele deu um funeral de grandes honras
 E derramou os amomos sobre teu frio peito,
 E os unguentos diluiu, triste, com suas lágrimas,
 E teus ossos enterrados cobriu com a terra próxima.
 Ele, já que oferece a seus amigos falecidos o que se deve, 55
 Pode contar-me, também a mim, entre os mortos.

10

Flacco

Naso suo profugus mittit tibi, Flacce, salutem,
 mittere rem si quis qua caret ipse potest.
 Longus enim curis uitiatum corpus amaris
 non patitur uires languor habere suas.
 Nec dolor ullus adest nec febribus uror anhelis 5
 et peragit soliti uena tenoris iter.
 Os hebes est positaeque mouent fastidia mensae
 et queror, inuisi cum uenit hora cibi.
 Quod mare, quod tellus adpone, quod educat aer,
 nil ibi quod nobis esuriatur erit. 10
 Nectar et ambrosiam, latices epulasque deorum,
 det mihi formosa gnaua Iuuenta manu,
 non tamen exacuet torpens sapor ille palatum
 stabit et in stomacho pondus inerte diu.
 Haec ego non ausim, cum sint uerissima, cuiuis 15
 scribere, delicias ne mala nostra uocet.
 Scilicet is status est, ea rerum forma mearum
 deliciis etiam posit ut esse locus!
 Delicias illi precor has contingere, si quis
 ne mihi sit leuior Caesaris ira timet. 20
 Is quoque qui gracili cibus est in corpore somnus
 non alit officio corpus inane suo,
 sed uigilo uigilantque mei sine fine dolores,
 quorum materiam dat locus ipse mihi.
 Vix igitur possis uisos agnoscere uultus 25
 quoque ierit quaeras qui fuit ante color.
 Paruus in exiles sucus mihi peruenit artus
 membraque sunt cera pallidiora noua.

Non haec inmodico contraxi damna Lyaeo:
 scis mihi quam solae paene bibantur aquae. 30
 Non epulis oneror, quarum si tangar amore,
 est tamen in Geticis copia nulla locis.
 Nec uires adimit Veneris damnosa uoluptas:
 non solet in maestos illa uenire toros.
 Vnda locusque nocent et causa ualentior istis, 35
 anxietas animi, quae mihi semper adest.
 Haec nisi tu partier simili cum fratre leuares,
 uix mens tristitiae nostra tulisset onus.
 Vos estis fracto tellus non dura phaselo
 quamque negant multi uos mihi fertis opem. 40
 Ferte, precor, semper, quia semper egebimus illa,
 Caesaris offensum dum mihi numen erit.
 Qui meritam nobis minuat, non finiat iram,
 suppliciter uestros quisque rogate deos.

10

A Flaco

Nasão, seu desterrado amigo, te envia, Flaco, seus votos de saúde,
 Se é que se pode enviar a alguém algo de que se está privado.
 Pois uma longa debilidade não permite que meu corpo,
 Mutilado por amargas preocupações, consiga ter forças próprias.
 Não sinto nenhuma dor, nem me queimam sufocantes febres 5
 E a veia percorre o caminho com seu costumeiro ritmo.

Mas minha boca está embotada, e as mesas postas agravam minha falta de apetite,
 E reclamo quando chega a hora da odiosa refeição.
 O que quer que o mar, a terra e o ar produzam me serve:
 Nada haverá ali que eu tenha vontade de comer. 10
 Nem néctar e ambrosia, licor e manjar dos deuses,
 Se me desse a solícita Juventude²²² com sua formosa mão,
 Nem esse sabor despertaria meu insensível paladar
 E permaneceria, por muito tempo, um peso inerte no estômago.
 Isto eu não me atreveria, mesmo sendo verdade, a qualquer um 15
 Escrever, para que não chamasse minhas infelicidades de delícias.
 O meu estado é tal, tal é a forma das minhas coisas,
 Que ainda poderia existir lugar para delícias!
 Estas delícias desejo a quem, se há alguém,
 Teme que a ira de César seja muito suave comigo. 20
 O sono, que é também alimento para um corpo debilitado,
 Não nutre com seu ofício meu corpo inane,
 Mas velo e velam minhas dores sem fim,
 Cujos motivos me dá o próprio lugar.
 Portanto, mal poderias reconhecer minha fisionomia se a visses, 25
 E perguntarias onde estava minha cor anterior.
 Pouco fluido me chega às fracas articulações
 E meus membros estão mais pálidos que a cera nova.
 Não contraí estes males devido ao excessivo Baco²²³:
 Tu sabes que praticamente bebo só água. 30
 Não me sobrecarrego de alimentos e, se pela paixão por eles fosse tocado,
 Não encontraria abundância deles, entretanto, em terras géticas.
 Nem me rouba as forças o danoso prazer de Vênus:
 Ela não costuma ir aos leitos aflitos.
 É esta água e este lugar que me prejudicam, e uma causa mais forte que essa, 35
 A ansiedade da alma, que sempre está junto de mim.

²²² Hebe, deusa da juventude.

²²³ Referência ao vinho, Baco é considerado o deus dessa bebida.

Se não me confortasses tu e teu irmão, parecido contigo,
Difícilmente teria suportado minha alma o peso da amargura.
Vós sois para minha despedaçada embarcação uma terra não dura,
E o socorro que muitos me negam vós me ofereceis. 40
Dai-me esse socorro, eu suplico, sempre, porque sempre precisarei dela,
Enquanto a divindade de César se sentir ofendida por mim.
Que a ira que mereço não acabe, mas diminua,
Implorai cada um de vós, suplicantes, a vossos deuses.

CONCLUSÃO

O objetivo de nossa dissertação foi traduzir o Livro I das *Pônticas* e traçar um comentário entre essa obra e os *Tristes*, ambas produções de exílio do poeta Ovídio. Apesar de muitos autores considerarem essas obras relatos da vida do escritor, tentamos olhá-la de um ponto de vista literário e não mais autobiográfico apenas, já que as duas são obras de poesia e poderiam receber um tratamento que leve em conta sua estrutura poética.

O que tinha nos chamado a atenção, inicialmente, era a semelhança e/ou divergência de gêneros entre essas obras. O próprio Conte (1994), como citamos, comentara sobre a variedade de gêneros utilizados por Ovídio, ressaltando que ele não excluía, ao “escolher” um tipo de texto, outras experiências poéticas. Hardie (2002) também afirmara que os trabalhos de Ovídio costumavam confundir e subverter as categorias convencionais dos gêneros literários.

Diante dos comentários desses estudiosos e dos comentadíssimos versos iniciais das *Pônticas* I, 1 - que afirmavam que os *Tristes* e as *Pônticas* eram iguais no assunto, diferiam no título, e a carta informava sem ocultar o nome a quem era endereçada -, enfatizamos, no primeiro capítulo, a questão dos gêneros elegíaco e epistolar. Esses foram os gêneros que mais nos pareciam estar presentes dentro dessas obras do exílio, já que ambas foram escritas em dísticos elegíacos, forma fixa tão valorizada na época, e as *Pônticas* traziam em seu nome latino a palavra epístola (*Epistulae Ex Ponto*).

No primeiro capítulo, ao discutirmos o gênero elegíaco, vimos que Ovídio não se limitou a compor exclusivamente poemas elegíacos amorosos. Além de não limitar sua experiência poética a um só gênero, também não se limitava a uma única temática. Nos *Tristes* e nas *Pônticas*, percebemos que não tínhamos mais o sofrimento amoroso como principal temática; o centro passava a ser o infortúnio causado pelo exílio em Tomos. Notamos, assim, que o sofrimento ainda continuava, mas estava relacionado ao exílio.

Já com relação ao gênero epistolar, observamos que as *Pônticas* possuem algumas características epistolares, sim, porém, não as sustenta por toda a elegia. Encontramos a figura do destinatário, mas às vezes ele é esquecido, dando a impressão

de que o que foi escrito ali não se dirigia exatamente a quem Ovídio nomeou. Pareceu-nos haver uma preocupação maior com a elaboração da linguagem e do lamento do que com a construção de uma conversa entre duas pessoas distantes.

No segundo capítulo, que traçava uma comparação entre os *Tristes* e as *Pônticas*, pudemos perceber que as semelhanças entre as obras são muitas. A primeira é que as duas obras possuem a figura do destinatário; porém, nos *Tristes*, ele não é diretamente nomeado e, em algumas elegias, o poeta traz um que não é sequer animado: o próprio livro, que é personificado e ganha voz para expressar seus pensamentos e ouvidos para escutar as palavras de seu autor. A produção de exílio ovidiana, então, além de apresentar características elegíacas, traz, inclusive, elementos que encontraríamos em epístolas, conforme discutimos.

Também verificamos o uso dos vocábulos *exilium* e *fuga* para se referir ao exílio, representando-o de forma mais difícil de suportar e, em muitos momentos, como morte. Ressaltemos, mais uma vez, que a sentença que Ovídio recebeu era a *relegatio*, punição mais leve que o *exilium*. Porém, nos *Tristes* e nas *Pônticas*, Ovídio por muitas vezes se apresentou como *exul*, parecendo fazer referência, de fato, ao grande *exul* da poesia augustana, Eneias. Apesar de retomar a *Eneida* e trazer elementos épicos a sua narrativa, Ovídio não se esquece do caráter elegíaco de sua obra, construindo um *alter Aeneas*, porém elegíaco augustano.

Ainda no segundo capítulo, vimos que o modo como o poeta apresentava o local em que estava exilado era muito semelhante. Em ambas as obras, ele apresenta um lugar praticamente inabitável tanto pelas condições climáticas como pela primitividade dos moradores daquela região. Ovídio chega a comparar o exílio com a morte várias vezes.

Assim, tentamos apresentar as semelhanças entre os *Tristes* e as *Pônticas* e o modo como, principalmente as *Pônticas*, apresentavam uma mistura de gêneros. Tal fato chega a ser comentado por Benites (2011), que explica que as *Pônticas* mesclam, por um lado, a poesia, com seus recursos expressivos imanentes, sua versificação e métrica e, por outro lado, o discurso epistolar, os quais na literatura contemporânea costumam se apresentar como tipos textuais bastante diferentes.

Retomamos, então, Michael von Albrecht que, em seu verbete *Ovidio* na *Enciclopedia Virgiliana* (1987), diz que Ovídio é um mestre da transposição de gêneros, pois fá-lo de forma sutil e elegante, sem quebrar os limites dos mesmos. Segundo esse

estudioso, o poeta sulmonense não apenas se esmera em compor o gênero elegíaco, mas também tenta transcendê-lo, estabelecendo, muitas vezes, um confronto genérico, evidente em suas obras.

Concluimos, assim, que os poemas dos *Tristes* e das *Pônticas* são elegias com um caráter epistolar. As *Pônticas* talvez possuam um caráter epistolar mais forte por já nos trazer tal informação no título– e possuir destinatários explícitos. Porém os *Tristes* também têm muitas marcas de epístola, embora nem sempre declaradas, como pudemos observar na discussão sobre a existência de destinatários, que apenas não são nomeados, mas existem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEM, Lucy Ana de. *O amor e a guerra no Livro I d'Os Amores de Ovídio*. 2007. Dissertação (Mestre) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BENITES, M. V. Resenha de tradução. Ovídio. Cartas Pônticas. Tradução, introdução e notas de Geraldo José Albino. **Scientia Traductionis**, n.10, 2011.

CICERO. *In Catilinam I-IV. Pro Murena. Pro Sulla. Pro Flacco*. Translated by C. Macdonald. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

_____. Letters to Atticus. Volume III. Edited and Translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

_____. Letters to friends. Books XIII-XVI. Edited and Translated by W. Glynn Williams Cambridge: Harvard University Press, 1998.

CICERÓN. *Correspondance*. Tome III. Texte établi, traduit et annoté par L. -A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1971.

_____. *Correspondance*. Tome VII. Texte établi, traduit et annoté par Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 1991.

_____. *Correspondance*. Tome XI. Texte établi, traduit et annoté par Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

CONTE, G. B. "Ovid". In: *Latin Literature: a History*. Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1994, pp. 340-366.

CORTE, F. (della). *Enciclopedia Virgiliana*. Roma, Enciclopedia Italiana, 1987.

_____. **I Tristia**. Volume primo – Traduzione. Genova: Tilgher – Genova, 1972.

_____. **I Tristia**. Volume secundo – Commento. Genova: Tilgher – Genova, 1973.

ELEGIA. In: CORTE, F. (della). *Enciclopedia Virgiliana*. Roma, Enciclopedia Italiana, 1987, p.185-187.

FARRELL, J.. Calling out the Greeks: Dynamics of the Elegiac Canon. In: GOLD, B. K. (Org). **A companion to Roman Love elegy**. Blackwell Publishing, p. 11-24, 2012.

FAUSTINO, R. “*Fastos*” II: *gênero e metapoesia*. Campinas, Dissertação de mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2014.

GAILLARD, J.; MARTIN, R. L’*elegie*. In: **Les genres littéraires à Rome**. Paris: Éditions Nathan, 1990, p. 357-483.

GRIMAL, Pierre. Dicionário da mitologia grega e romana. 2a .ed. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1993.

HARDIE, P. *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: University Press, 2002.

HARRISON, S. Ovid and genre: evolutions of an elegist. In: HARDIE, P. (Org). **The Cambridge Companion to Ovid**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

KNOX, P. E. Capítulo: A Poet’s Life. *A Companion to Ovid*. Blackwell Publishing, 2009.

LUCK, G. Love Elegy. In: KENNEY, E. J. (Org.). **The Cambridge History of Classical Literature. II Latin Literature**. Cambridge: Cambridge Universit Press, 2008. p. 405-419.

MAROUZEAU, J. L'ordre des mots dans la phrase latine. Paris: Honoré Champion, 1922.

MILLER, P. A. Tibullus. In: GOLD, B, K. (Org). **A companion to Roman Love elegy**. Blackwell Publishing, p.53-69, 2012.

MORA, C. de M. “O mistério do exílio ovidiano”. In: *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 4. Universidade de Aveiro, 2002.

MOURA, F. M. Para uma tradução em verso do dístico elegíaco: Propércio, I, 14. **Cadernos de Tradução**, UFSC, v. 1, n. 19, p. 51-70, 2007.

NAGLE, B. R. **The poetics of exile: Program and polemic in the *Tristia* and *Epistulae ex Ponto* of Ovid**. Bruxelas: Latomus, 1980.

OVIDE. *Pontiques*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

_____. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

OVIDIO. *Cartas Pônticas*. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. Revisão da tradução: Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Heroidas*. Texto revisado y traducido por Francisca Moya del Baño. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1986.

_____. *Poemas da Carne e do Exílio*. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Tristes e Pônticas*. Introducción, traducción y notas de José González Vázquez. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

_____. *Tristes; Cartas del Ponto*. Introducción, traducción y notas de Rafael Herrera Montero. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

_____. *Cartas desde el ponto*. Introducción, texto de los libros I, III y IV, traducción y notas preparados por Ana Pérez Vega. Madrid: Consejo Superior de investigaciones científicas, 2000.

OVIDIUS NASO, P. **Tristium**. Tradução litteral de Augusto Velloso. Belo Horizonte: Typographia Castro, 1940.

OXFORD LATIN DICTIONARY. Edited by P. G. W. Glare. Oxford: Clarendon Press, 1973.

PINTO, E. P. Ovídio e a época de Augusto. **Revista de História**, USP, v.1, n. 4, p. 453-484, 1950.

PRATA, P. *O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: Uma leitura intertextual do Livro I*. Campinas, Dissertação de mestrado - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2002.

_____. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. Campinas, Tese – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2007.
Quintiliano.

SANTOS, L. S. dos. *Autobiografia e a presença da Ars Amatoria nos Tristia de Ovídio*. Campinas, Dissertação de mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2015.

SARAIVA, F. R. dos S. Novíssimo dicionário latino-português. Rio de Janeiro e Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.

SÉNÈQUE. *Lettres a Lucilius. Livres V - VII*. Texte établi par François Prêchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

_____. *Letres a Lucilius. Livres VIII - XIII*. Texte établi par François Prêchac et traduit par Henri Noblot. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

SÊNECA. *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

SILVA, Márcia Regina de Faria da. “A elegia ovidiana”. *Soletras*, Ano IX, nº17, Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009

SPALDING, T. O. **Pequeno dicionário de literatura latina**. São Paulo: Cultrix, s/d.

TIN, E. *A arte de escrever cartas*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

TREVIZAM, M. *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da Ars Amatoria de Ovídio*. Campinas: IEL/Unicamp, 2003.